

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

COLLECCÃO DOS AUTORES CELEBRES
DA
LITTERATURA BRASILEIRA

MEDeiros e ALBUQUERQUE

MÃE TAPUIA



F. BRIGUIET & CIA.,

Rua do Ouvidor, 109 — Rio de Janeiro

157

MÃE TAPUIA

DO MESMO AUCTOR

CANÇÕES DA DECADENCIA (1883-1887).	1 vol.
PECCADOS (1887-1888)	1 vol.
O REMORSO. — Dialogo das cidades (1889)	1 vol.
UM HOMEM PRATICO (1898)	1 vol.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

DA ACADEMIA DE LETTRAS

MÃE TAPUIA

CONTOS

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA MOREIRA CEZAR, 71 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIZ



MÃE TAPUIA

A Marcio Nery

Iamos subindo o rio. Passavamos nesse momento uma garganta estreitissima, quando um tronco de arvore nos fechou o caminho. A corrente era naquelle logar pouco profunda; via-se a areia do leito a tão pequena distancia da superficie, que dalli até ás nascentes era facil ir a váo. O tronco, era impossivel arredal-o. Mettemo-nos resolutamente na agua, tomámos em mãos a pequenissima canôa de fundo chato, carregámo-la por terra até além do empecilho e continuámos a subir.

As margens eram de matta densa e virgem. Distinguiam-se apenas os dous renques

de arvores e mal entre elles divisavam-se outras e outras indefinidamente. Raizes nodosas e informes serpenteavam dentro do rio, cheias de curvas e cotovellos, assustando ás vezes quando a trepidação da agua parecia fazel-as mover-se como enormes cobras. As ramarias de um e outro lado encontravam-se formando sobre nós um docel de folhagem, que o sol rasgava a custo aqui e alli, abrindo na agua clara poças douradas.

Parasitas vermelhas e azues pendiam desatadas em festões; cipós, de caule em caule, teciam rêdes intrincadas; longas *barbas de velho* escorriam dos galhos altos, dando-lhes um ar triste de melancolia e vetustez. Vinha de todos os pontos ao mesmo tempo um chilrear confuso de passaros : e, si uns, de quando em quando, cortavam o espaço deante de nós, outros, abrindo vôo atravez dos ramos mais elevados, rasgavam a cupola e perdiam-se no ceu azul, adivinhado apenas dalli onde nós estavamos. Borboletas iam e vinham, subiam e desciam, na azafama multicolor das

azas leves, agitando-se e pousando em perpetuo afan. E passaros ou borboletas, ao passarem sobre o rio, desdobravam-se pelo reflexo, voando dentro da agua, nadando no ar sereno...

Chegámos emfim. Meus dous companheiros, Pedro e Thiago, eram dous caboclos amazonenses de sangue cruzado, dous curibocas escuros, quasi bronzeados, filhos de paes portuguezes e mães indias. Eram tão graves e serios, que nem mesmo sabiam rir, fechados como viviam em um mutismo indolente e inerte, indifferentes a tudo...

Atámos a canôa — a *montaria*, como lá lhe chamam no Amazonas — e trilhámos emfim terra firme : um atalho da floresta. Tínhamos ainda uma boa legua para andar e mettemo-nos a caminho decididamente : o Pedro na frente, eu no centro e o Thiago fechando a marcha. Não se dizia palavra. Ouvia-se sómente o pisar de folhas seccas e, do caboclo que ia adeante, o quebrar dos gálhos, que por acaso bracejavam para a estrada, estorvando-a.

Tínhamos andado cerca de meia hora, quando o Pedro, voltando-se, apontou á esquerda e disse ao irmão :

— *Parésque é alli a tapêra da véia...*

E seguiu, enquanto o outro se virava com interesse. Olhei também. Vi um casebre miseravel, feito de troncos de arvores e coberto de sapê. Grandes ramos sobre o tecto impediam que a herva secca fosse levada pelo vento. Do abandono e ruina em que jazia, davam evidentes provas a porta desmantelada, quasi a cahir, e a herva, em torno, crescendo alta e abundante, invadindo tudo, sem uma trilha qualquer calcada de pés humanos.

Mas o que havia de notavel era na frente uma cruz enorme feita de dous immensos galhos, atados um ao outro com embiras fortissimas. O ramo vertical estava fundamentalmente enterrado no chão, e em volta do sopé, para garantir melhor a estabilidade, pedras pesadas erguiam-se em monticulo.

Iamos depressa; passámos rapidamente. Ficou-me, porém, a curiosidade e indaguei

do Thiago de quem fôra aquella maloca, hoje abandonada. O curiboca contou singelamente.

Morava alli uma tapuia velha com dous netinhos. Morrera-lhe a filha, deixando apenas á sua solicitude aquellas duas crianças : uma dellas — um pequerrucho — com alguns mezes sómente e a outra, uma menina, com 10 annos. A velha, que mal podia com-sigo, acolheu-os, entretanto; e mezes correram de perfeita paz. Uma noite, porém, a tapuia, picada de jararâca, entrou em casa arrastando-se. Matára a cobra, mas fôra mordida em uma das pernas, que lhe doia horriavelmente.

Mandou depressa a menina ao sitio do coronel Carvalho — sitio vizinho, para onde nós iamos — buscar remedio contra a mordedura. O remedio era uma *pussanga* infalivel que ella mesmo preparára e de que, todavia, não tinha em casa nesse momento. Mas a pequena — era já quasi noite — perdeu-se no caminho e só no outro dia chegou ao seu destino, guiada por um *regatão* que a

encontrou. Quando, pois, ella veio, acompanhada de mais gente, já era tarde.

Encontrou a velha espichada no chão, meio núa, inchada, com o rosto contorcido de dôr, as orbitas reviradas e sangrentas, por entre os dentes brancos uma espuma vermelha e negra... As mãos crispadas enterravam-se no chão; os pés estavam torcidos em uma contractura horrorosa... Os seios magros, flácidos, pelhanquentos, appareciam hediondos e descobertos... O pequenino, pelo habito de illudir o appetite mamando aquellas têtas estereis de velha, tinha ainda uma dellas entre os labios.

Farto de chupal-a, querendo talvez acordar a mãe-tapuia, cravára os dentinhos; o sangue máu e envenenado contaminára-o. Estava morto tambem, tambem inchado...

O curiboca contou tudo isso em meia duzia de palavras rudes e simples. Voltámos ao silencio. Ouvia-se sómente o pisar de folhas seccas, e do caboclo que ia adeante o quebrar dos galhos que por acaso bracejavam para a estrada, estorvando-a...

NOIVADOS TRAGICOS

A Eduardo Mac-Clure.

Às 10 horas da manhã Leonor e Augusto voltavam da visita ao Hospício. O dia era um domingo de verão, quente e brilhante. Pela enseada de Botafogo o mar estendia-se calmo, apenas agitado á superficie, lentejoulado de ouro e prata pela faiscação do sol.

Os dois vinham de bonde. No bonde, muito cheio, o murmurar das conversas casava-se em um zumbido confuso com o bater dos leques que quasi todos, homens e senhoras, agitavam constantemente.

Leonor estava casada havia apenas uma semana. Era aquella a primeira vez que sahia : fôra visitar a mãi e a irmã, que ambas

estavam desde muito tempo recolhidas ao Hospicio. Orphã de pae, que morrêra moço, atacado subitamente de uma tuberculose, eram as duas loucas seus unicos parentes. Estivera até casar-se sob a tutela de um amigo da familia, que se oppuzera tenazmente ao seu enlace, parecendo ter a ideia de vir elle proprio a tomal-a por esposa. Leonor, intelligente, resoluta, sentindo que esse plano nascêra apenas por causa da sua fortuna, teve energia bastante para desfazel-o.

Casou, rompendo com a familia de seu tutor. Estava, pois, entregue unicamente ao marido. Não tinha nenhuma outra relação social.

Ao voltarem agora do Hospicio, vinham os dois silenciosos. Evidentemente deante dos olhos de ambos surgiam, retratadas, as figuras das loucas que acabavam de visitar: a velha mãe de Leonor fechada no mutismo sombrio das hypocondriacas, com uma attitude de tristeza e desconfiança; a irman, alta, clara, de cabellos muito negros, mas de uma

magreza de esqueleto, onde só os grandes olhos pretos, ora languidos, ora de um brilho estranho, exprimiam as alternativas do abatimento e excitação da loucura erotica, que a consumia. Tinha uma voz meiga, um sorriso delicioso, apesar da magreza excessiva da physionomia. Sentia-se n'ella o fremito incessante de um desejo de volupias não sabidas. Cansada, extenuada, quasi moribunda — mas nunca saciada! Não tinha gestos obscenos, phrases lascivas. Era da sua pose languida, dos seus meneios macabros de esqueleto lubrico, e sobretudo do seu formoso olhar, que se desprendia aquelle appetite insaciavel de luxuria... Parecia viver n'um deliquio de amor...

Quando a moça e o marido procuraram a velha, nada conseguiu arrancar-lhe uma só palavra. Leonor quiz beijar-lhe a mão; ella puchou-a com um gesto brusco e desconfiado. Quando procuraram a outra louca, ella as acolheu, sorrindo, gentilissima. Á cellula em que estava não iam sinão as enfermeiras e, na sua rapida visita quotidiana, o medico;

nenhum outro homem. Assim, ao vêr o cunhado, bello rapaz, de aspecto viril e intelligente, devorou-o com os olhos. Quando estendeu ao moço a mão magra e ardente, todo o corpo lhe vibrou n'um espasmo de goso... Fallando, o olhar não se desprendia do d'elle : de quando em quando, os olhos d'ella se empanavam, como n'um extasis de ventura e aquelle pobre esqueleto tinha um calafrio de estranha sensualidade.

O moço sentia-se perturbado com a fixidez d'aquelle olhar : parecia uma ventosa, um tentaculo de polvo collado á sua epiderme, a gosa-lo, a suga-lo... N'aquelle momento, lado a lado no bonde, Leonor ia sobretudo pensando na velha mãe, recordando peripecias esquecidas dos primeiros accessos da molestia. Augusto trazia na imaginação o retrato da cunhada. Involuntariamente comparava-a com a mulher.

Eram do mesmo typo, do mesmo porte. Atravez la belleza de Leonor — alta, clara, cabellos e olhos negros — via-se a physionomia da louca.

Leonor não era expansiva. Fallava pouco; sua belleza, sua grande belleza tinha um quê de grave, de triste, de scismador. A isto alliava uma firmeza rara de sentimentos. Via-se n'ella, em todas as manifestações, um fundo brilhante de paixão: mulher de grandes coleras concentradas, de grandes ciumes, de resoluções inabalaveis. Os seus olhos tinham por vezes a mesma expressão profunda dos da irman. Era sensual; punha nos momentos do amor o forte ardor apaixonado que sempre a dominava. Todo o seu bello corpo, esplendido de brancura e correcção, animava-se então de uma especie de furor que parecia accendel-o, fibra a fibra, profunda e intimamente em impetos de allucinado gozo... Aquella semana de lua de mel fôra uma delicia...

Em pouco, o bonde parou á porta de casa. Saltaram. Vinham mortos de fome. Apenas o tempo para ella de tirar o véo, de tirar o toucado, de fazer pôr a meza — e os dois sentaram-se a almoçar. Ambos sentiam necessidade de esquecer a visita ás loucas, de pen-

sar em alguma cousa de menos triste. A conversa tomou por isso, pouco a pouco, animação e vida. Levantaram-se alegres, aos beijos, enlaçados pela cintura. Subiram ao pavimento superior, afim de tomarem toilettes caseiras e irem depois para a varanda que circumdava a casa.

O dia continuava quente. Do mar vinha, no entanto, uma brisa ligeira que temperava o calor excessivo. O vasto dormitório, onde estava também o toilette, era uma grande sala rasgada por todos os lados. Da frente via-se a bahia: a agitação das vagas sob o sol, o passar das lanchas, o vôo das velas brancas e das aves marítimas... Dos dois lados as janellas estavam emolduradas pelas flôres azues e vermelhas de duas grandes trepadeiras que iam até o telhado e pendiam em festões... Atraz, dando para o quintal, as janellas eram sombreadas por copadas mangueiras, de que algumas folhas chegavam a penetrar no quarto, quando as venezianas ficavam abertas.

Havia n'aquella occasião uma impressão

de calma suprema. O cicio das folhas altas das palmeiras, o oscillar dos calices das flôres, a visão longinqua do oceano manso e quieto, tudo se reflectia n'aquelle quarto alegre, elegante, ricamente mobilado — com uma impressão de bonançosa serenidade, de ineffavel ventura. Ficava bem áquella hora, naquella moldura, o gorgueio de beijos, com que os dois, sem quasi trocarem palavras, se acariciavam mutuamente.

Elle preparou-se mais rapidamente e veiu para junto da mulher; ficou sentado á beira da cama vendo-a vestir-se em frente á psychê. Um perfume capitoso e subtil sahia das suas roupas agitadas. Quando a moça tomou o *peignoir* e ia vesti-lo, elle attraheu-a para seu collo e beijou-a longamente, bem na bocca... Ella inclinou a cabeça n'um gesto de graciosa languidez e correspondeu com ardor áquella caricia voluptuosa. Os seios tumidos, sob a camisa finissima, pareceram erguer as pontinhas de um moreno côr de rosa. Elle não soube resistir-lhe; tomou-a nos braços, deitou-a sobre a cama...

... De subito, Leonor chamou angustiada: — « Augusto! Augusto! » — e, logo a seguir, teve uma exclamação, um grito de horror indescriptivel: — morto! morto!

Precisou tirar de sobre si, com difficuldade, aquelle cadaver pesado. Elle cahiu na cama de costas, n'uma pose obscena. Os olhos estavam arregalados, a bocca semi-aberta, com a ponta da lingua meio sahida n'um rictus de luxuria.

— Morto! Morto!

Sacudiu-o um momento; palpou-lhe nervosamente o coração; veio á escada chamar a criada — uma rapariga — e sem mesmo cuidar de compôr o corpo, allucinada, ora esfregava-lhe as fontes com vinagre aromatico, ora dava-lhe a cheirar saes fortes dos que usava por elegancia, ora cruzava a sala de um lado para o outro, chorando em grandes soluços, tapando o rosto, desgrehnando os cabellos... A criadita, que hesitára um pouco, ao vér a posição indecente do defuncto, adiantára-se para elle, cobrira-o e procurava agora, collocando um espelho

deante da bocca vêr si de facto se tratava de um morto.

Morto! Bem morto! Prostrára-o uma apoplexia fulminante...

* * *

De então em deante o character de Leonor, de grave e melancolico que era, passou a ser taciturno e sombrio. Aquelle golpe brutal, quando ella estava na mais plena exuberancia de felicidade, prostrou-a, desequilibrou-lhe um pouco a razão. Insensivelmente, a cada instante, a scena horrivel da morte do marido desenhava-se a seus olhos. Eram então os detalhes mais torpes, mais grotescos que a impressionavam com uma nitidez maior

Lembrava-se da difficuldade que tivera para retiral-o de sobre o seu corpo, furtando-se ao enlace d'elle; recordava-se da bocca entre-aberta, vendo-se entre os dentes a ponta da lingua, n'uma expressão grosseira de profunda sensualidade — sensualidade

ao mesmo tempo trágica e ridícula, posta assim sobre a face de um cadáver; pensava no aspecto do corpo, cahido sobre a cama, descomposto, na attitude indecorosa de um ébrio em fim de orgia...

Ao cabo de algum tempo, aquella visão tenaz, obsidente, quasi allucinatoria, complicou-se no seu espirito. Não podia vêr um homem qualquer, moço ou velho, sem que immediatamente o não imaginasse nas mesmas attitudes do morto. Despia-o, calculava a physionomia que deveria ter, traduzindo aquelle mesmo paroxysmo de goso, que o marido revelava no esgar lubrico em que a morte o abatêra...

A sua imaginação era tão nitida, a scena surgia a seus olhos com tal verdade, que já se furtava a fitar qualquer homem: parecia-lhe que todos podiam vêr o que estava pensando.

Trancou-se n'um isolamento profundo, sem sahir, sem buscar pessoa alguma.

Mas o isolamento ocioso deixava o espirito livre para torturar-se a si mesmo. Pouco a

pouco, a obsessão tornava-se cada vez mais forte. Si lia um romance, os personagens, taes como os descrevia o romancista, animavam-se, pareciam sahir das paginas do livro e, dentro em breve, ella os via com a mesma expressão, a mesma posição debochada do cadaver... De uma vez que resava, erguendo os olhos para o cruxifixo, viu o Christo, o Christo, macerado e sangrento, com a face triste e livida, desprender-se da cruz e tomar em sua imaginação o mesmo rictus lascivo, a mesma attitude libertina e cynica!...

Teve um horror profundo de si mesma. Viu-se a dois passos da loucura — como a mãe, como a irmã... Qual, entretanto, seria a sua? A melancolia de uma ou o erotismo desregrado da outra?

Procurou reagir.

Viajou. Buscou todas as distracções imaginaveis. Affrontou perigos que pareciam superiores ás suas forças. Ás bancas de jogo, em Monte-Carlo, procurou, anciosa, a febre do tapete verde...

Atravez de tudo, com alternativas de intensidade maior ou menor, a obsessão allucinante a perseguia. O jogo não a poudé tentar; deixou-a calma e fria. Tinha passado a ser um typo mysterioso, de excentrica, de aventureira. Muitos a tentaram conquistar: ella os repelliu systematica, implacavelmente.

Certa noite, um audacioso levou mais longe a sua insistencia: chegou á emboscada, á violencia. Ella teve uma ideia louca: « E si fosse o amor, o amor physico e brutal, que a devesse curar daquella obsessão? » — Ia ceder... Mas, de subito, com uma intensidade não sabida, em uma formula clara, precisa, articulada com a força de um dogma, uma voz dentro d'ella pronunciou categoricamente: « *D'esta vez morrerás tu!* » N'um assomo brusco, luctou então contra o assedio do conquistador, defendendo-se com a energia leonina de quem sabia estar pugnando pela propria vida.

A partir d'ahi aquella formula ficou-lhe na imaginação. Estava certa de que a primeira vez que fosse amada, morreria... morreria

como o marido, no segundo exacto em que o prazer lhe sacudisse o corpo inteiro em um espasmo supremo de goso.

Morreria!

O Homem, que era então para ella o provocador irritante das suas visões eroticas, passou a ser o perigo imminente, o assassino sempre possível. A cada momento figurava que algum, por não prevista cilada, a pudesse violentar brutalmente; — e com a violencia, ella o sabia, com uma certeza acima de qualquer discussão, iria a sua propria vida.

Já então, muitas vezes, a visão antiga do marido cedia o campo a outra imagem: era a si mesma que via, núa, deitada de costas na posição grosseira e indecente, com o rosto transtornado pela expressão de volupia aguda que observára na face do marido...

A esse tempo, ella estava mais abatida, mais pallida, mas a sua extrema belleza, mudando de caracter, conservou-se intacta. Na época do casamento tinha apenas 25 annos; seis haviam passado depois d'isso. O que

fôra então indeciso e gracil, era hoje plena florescencia de uma belleza chegada á maturidade. Estava mais do que nunca formosissima. Só o que tinha de excessivo era a pallidez. Mas os grandes olhos negros, traduzindo as preocupações inapagaveis do seu espirito, olhos dentro dos quaes parecia vêr-se o clarão rutilante de uma chamma interior, davam um tom de magestade e mysterio áquella physionomia divinamente pallida, emoldurada em cabellos negrissimos, que lhe bordavam a fronte clara e alta, cheia de nobreza e intelligencia.

Seria a loucura o que estava germinando n'aquella cabeça de tão rara belleza? Era a primeira a temel-o. As figuras da mãe e da irmã desenhavam-se írrequentemente na sua imaginação. Nunca mais tinha ousado procural-as. Parecia-lhe que ao entrar n'aquellas cellulas de loucas, os guardas, as enfermeiras, os medicos não a deixariam mais sahir.

Já agora, não raro, por isso mesmo que tinha a convicção de que morreria a primeira vez que fosse amada — por isso mesmo que

o goso banal, o simples goso lascivo e brutal, que todos os animaes se dão sem escrupulo, era para ella o fructo prohibido, a porta segura para a Morte irremissivel, — por isso mesmo, esse desejo de goso, que dormira na sua carne durante seis longos annos, despertava agora, bramindo faminto... Tinha impetos de se entregar ao primeiro homem que visse. Uma furia latente de lascivia clamava em cada fibra, em cada globulo de sangue, em cada póro do seu corpo de deusa — moço, forte, cheio de seiva e belleza. Mas, no meio d'esse delirio, a visão do marido, a sua propria imagem — surgiam ambas no seu cerebro e horrorisavam-na. Sahia dessas luctas intimas tão alquebrada de cansaço, como si de facto — vivandeira boçal — se houvesse prostituido a dezenas, a centenas de soldados robustos e bestiaes...

* * *

A esse tempo, ella comprára uma pequena fazenda no interior. Queria viver longe das

ciudades, viver sósinha. A administração estava entregue ao mesmo administrador que d'antes a geria. Ella não o procurava, não lhe tomava contas de especie alguma. Surprehendido ao principio com tão extranho procedimento, o administrador accéitára facilmente esse modo de vida, que lhe era tão commodo. Agia de facto como dono e senhor da fazenda, cercando embora a verdadeira proprietaria de tudo quanto ella podia necessitar.

Esse « tudo » consistia, porém, em quasi nada. O que ella queria era o sócego, o isolamento. A sua claustração n'aquella grande casa, n'aquelle dominio todo seu, era talvez muito mais rigorosa que a da velha mãe, metida no Hospicio, onde se guardavam quinhentas outras loucuras, semelhantes ou diversas da sua, mas todas vegetando, fermentando, agitando-se, lado a lado. Em certas occasiões — épocas de grandes calores ou prenuncio de tempestades — um contagio de furor espalhava-se pelo Hospicio. Os loucos das casas fortes, os que soffriam de demencias

impulsivas e ferozes, atiravam-se contra as grades, sacudindo-as em uma epilepsia terrível, babando, uivando... E os seus gritos pavorosos eram como um sôpro de tempestade n'aquelles cerebros tresváriados. Parecia que as ideias delirantes de todos elles se agitavam ao seu perpassar, como se agitam ao impulso dos vendavaes os torvelinhos freneticos de folhas seccas. E então aquella colmeia de insania, por um contagio mysterioso, vibrava de alto a baixo.

Os que sonham grandezas fabulosas, fortunas, honras, pregoavam mais que nunca os seus altos titulos; tinham ademanes mais auctoritarios, ordens insolentes... Os que vivem perseguidos por inimigos invisiveis, esgrimiam contra o ar os punhos convulsos, escondiam-se aterrorisados pelos cantos, tapando os ouvidos, pedindo misericordia em dolorosos gritos de terror... Os que as manias perseguem, fallavam, fallavam, fallavam incessantemente, dizendo cousas extranhas, sem sentido, palavras, palavras, palavras loucas... Os idiotas, os imbecis abriam

olhos mais esgazeados. a vêr tudo aquillo... E sobre o immenso borborinho, o confuso enxamear agitado de tanta loucura vã, passavam, de momento a momento, cortando o espaço, os ululos tragicos dos furiosos, amarrados como animaes terriveis, enjaulados como feras... Nas noites de ventania, o mar, na praia que avizinha o Hospicio, misturava os seus bramidos aos gritos roucos dos doidos, como os de uma matilha de cães que uivasse para o céu desolado, n'um presagio sinistro de não sabidas desgraças. Um calafrio de horror vinha d'aquella casa fechada e triste...

Leonor tinha visto isso algumas vezes. Alli, porém, no seu calmo retiro estava isolada, longe desse contagio...

E era para ella tanto melhor, porque de certo seria victima. Nos dias de tempestade, nas occasiões em que a atmospha se achava mais carregada, um enervamento maior perturbava-lhe a razão vacillante; crises agudas das suas preoccupações dominavam-na fortemente. Ficava excitada, nervosa,

irrequieta, sacudida de desejos contradictorios. A vaga da loucura crescente parecia então agitar-se mais forte dentro do seu cerebro.

Viriam pelo espaço, atravessando não sabidos caminhos, as vibrações mais doentias da insania materna, dos delirios da irmã?

* * *

N'aquella tarde havia precisamente um evidente prenuncio de tempestade. Fuzilava. O ar estava abafado. A casa da fazenda ficava n'um valle circumdado de collinas. Bem á frente havia uma grande matta, cortada ao meio pela estrada principal, de que se via apenas a entrada, logo encoberta pela abobada das arvores. Todo o serviço da fazenda era feito pela parte posterior. A frente estava sempre deserta — tão deserta que Leonor muitas vezes vinha para ahi ás tardes e ficava-se a scismar até ao cahir da noite. Em torno, as collinas estavam plantadas de café — bellas plantações limpas, regulares. No verde-

escuro da folhagem distinguíam-se os pontos rubros dos fructos dos cafeeiros, destacando o seu colorido vivaz. Aves, a aninharem-se na floresta, cruzavam o espaço pipilando. No ar pesado nem um sopro de brisa agitava de leve as folhas mais altas das arvores. Só pelo céu, cada vez mais escuro, via-se o lento mover das nuvens densas, dos grossos nimbo pardacentos, accumulando-se no ar. Os relampagos, limitados ao principio a um só ponto do horizonte, iam aos poucos estendendo cada vez mais a sua claridade livida.

Leonor, que tinha sahido para o terreiro, passeava lentamente da casa para a entrada do caminho. Dentro d'ella, porém, n'aquelle pobre cerebro combalido, havia a mais terrivel das luctas — das luctas que a extenuavam de cansaço, que a sacudiam entre o desejo de por uma vez afinal acabar com aquella tortura miseravel e o desejo mais forte, hereditario, guardado milhares de annos em cada atomo da materia viva, de perpetuar-se, de luctar pela conservação da propria existencia. Só nos seus olhos se podia

lêr aquella batalha. De uma casa em meio de campos desertos, onde começasse á noite a lavrar interiormente um grande incendio, deviam ser assim as janellas abertas... Havia um crepitar de inferno dentro d'aquella cabeça divina.

De subito, um pé de vento passou, em lufadas fortes, erguendo nuvens de poeira. Havia um regougo de trovões longinquos. Os relampagos eram mais frequentes.

Leonor, que se dirigia para o lado da estrada, entrou por ella adeante, resolutamente. Parecia mais agitada. Seu passo tinha alguma cousa de brusco, de automatico, era como o andar extranho das somnambulas. O caminho, sob as arvores, estendia-se em uma longa fita pardacenta. Não se sabia da tempestade sinão pelo leve murmurio das folhas mais altas das arvores, cujo movimento era apenas presentido. Á flôr do chão, por entre os troncos, só muito raramente um sopro mais forte agitava as folhas seccas. Dados alguns passos, a moça avistou um vulto que se dirigia para a fazenda. Mais, perto, pode

vêr que se tratava de um negro. Era um antigo escravo, já velho, mas ainda robusto. Vinha de pés descalços, com uma pequena trouxa sobre a cabeça, vestindo apenas calças de ganga azul e uma camisa encardida, cujo peito entreaberto deixava vêr a epiderme resequida, suja do pó da estrada. Ella parou para miral-o. Estava então em uma pequena clareira, podia distingui-lo melhor.

O negro teve um espanto. Nunca vira a fazendeira por alli. Ia passando, respeitoso, de chapéo na mão, curvado. N'um estropiamento de palavras mal pronunciadas, murmurou apenas:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!

Leonor teve uma resolução louca. Sem uma palavra, decidida e brusca, avançou para o negro, fêl-o parar e com movimentos freneticos abriu, desabotoando, desatando, rasgando, as roupas de que estava vestida. N'um instante ficou aos olhos espantados do negro quasi inteiramente núa. Viam-se-lhe

os seios firmes, redondos, o ventre liso; as pernas de estatua.

Com o mesmo, com maior frenesi atirou-se a despir o preto. Era já agora um furor allucinado: puxava, rasgava as calças d'elle. A fivella de uma correia que as prendia á cintura feriu-lhe as mãos: ella não sentiu... O negro, um momento espantado, sentiu diante d'aquelle corpo nú, despertarem-lhe inconsciente, involuntariamente energias lubricas de satyro: todo o calor sensual da sua raça...

N'um momento, o corpo divino de Leonor tinha sobre si aquelle mono asqueroso — mais asqueroso ainda pelo furor de lubricidade bestial que o animava...

Um espasmo de goso, de um goso inenarravel, superhumano sacudiu as fórmãs divinas da moça...

Passados momentos, o negro levantou-se. Ella permanecia immovel. Elle, todavia, acabado aquelle instante de delirio, cahia agora em si: estava assombrado! Que ia dizer Leonor? A perspectiva de castigos barbaros; do

tronco, do chicote, talvez mesmo da morte, passou rapidamente na alma miseravel do ex-escravo... Notou, porém, a immobildade da moça. Seria a vergonha ou o desespero o que assim a prendia? Baixinho, supplicante, pedindo misericordia, elle balbuciou, a medo:

— Sinhá!... Sinhá!... Minha Sinhá Moça!..

Ella não respondeu. Elle concertou machinalmente a camisa e as calças meio rasgadas. Depois, animando-se um pouco, baixou-se, examinou Leonor. Soffreria ella alguma cousa? Um pavor começava a invadil-o. Tomou-lhe a cabeça: tinha uma expressão tal que ninguem diria si era goso, si era dôr; mas os olhos muito abertos estavam parados, fixos... Elle sustentava-a com a mão esquerda por baixo da cabeça. Com a outra, duas vezes quiz vêr si o coração batia, mas não teve coragem: aquelle gorilla repugnante que, tomado de loucura, um momento antes se cevára em corpo tão divino, tinha agora, passada a febre da luxuria, um respeito religioso, um instinctivo recuo de medo á simples ideia de tocar na carne branca e

pura d'aquella indefesa mulher! Mas, de subito, elle comprehendeu que ella estava morta. Retirou bruscamente a mão de sob a cabeça, e a cabeça bateu no chão, com um som surdo. Teve um gesto de horror — mas um gesto tão terrivel, que o corpo todo lhe tremeu... Os olhos, listados de arterias vermelhas, injectadas, estavam a saltar-lhe das orbitas... Ficou-se com a bocca semi-aberta, as mãos meio estendidas para a frente, no arremêdo do movimento inconsciente de quem afasta um pesadêlo... Talvez quizesse fugir, afastar-se rapidamente; mas parecia não poder mover-se d'alli, hypnotisado de horror, immobilizado, preso ao chão...

N'isto, um grande trovão mugiu sonoro, abalando a floresta. Pela clareira, um sopro ligeiro entrou, agitando levemente um far-rapo de camisa da moça... Houve nos galhos mexidos um sussurro mysterioso... Das folhas, que o vento elevou em torno d'ella, uma veiu pousar a um dos lados do seu ventre alvo...

Continuava immovel, descomposta, na atti-

tude torpe de uma prostituta impudica... Um relampago fuzilou, lívido, atravez das ramarias: pareceu, á luz d'esse brilho rapido, que a face contrahida da morta tinha feito um esgar. O negro, como si o houvesse mordido uma vibora, deu um pulo, soltou um grito rouco e começou a fugir do cadaver... Recuava de costas, sem despregar os olhos dos olhos abertos da morta... Tremia da cabeça aos pés, n'um tiritar, n'um calafrio febril de intenso horror... Dava grandes passos lentos e machinaes...

Mas n'isto houve um novo trovão, outro relampago; a folha secca que estava sobre o ventre da moça voou para cima de um dos seios; dos cabellos, cahidos para o lado, em desalinho, fios soltos vieram velar-lhe o rosto... O negro teve outro assombramento de horror, pareceu despertar d'aquelle pesadello, desprender-se da fascinação pavorosa e abriu, correndo por uma vereda, n'uma disparada vertiginosa...

A noite era quasi completa... A chuva começava a cahir... O cadaver obsceno guar-

dava cada vez mais tragica a mascara de morte... De longe, como soluços, como arrancos de desespero, como gritos angustiados de moribundo clamando soccorro, os uivos de uma locomotiva chegavam, aos pedaços, nas rajadas do vento...

Chile — 1897.

BIS IN IDEM

O carro de D. Albertina mal acabára de entrar a raia do Derby-Club, recebeu ordem de voltar. O cocheiro fez uma careta de máo humor. Acostumado, porém, aos caprichos da patrôa, deu de redea á magestosa parelha de cavallos normandos e saiu, rompendo a custo a multidão. Havia em torno do carro sussurros de admiração, extaticos e mudos volver de olhos, que diziam bem quanto era gentilissima a elegante senhora, reclinada para o fundo da carruagem, como a querer furtar-se á curiosidade publica. Mas do forro azul escuro o seu corpinho delicado e fragil, vestindo uma toilette vermelha, enfeitada de rendas pretas, destacava-se com tão forte

relevo, que attrahia invencivelmente a attenção.

D. Albertina, insensível naquelle dia ao preito publico, continha difficilmente as lagrimas quasi a rebentarem-lhe dos olhos. As mãos — as pequeninas mãos enluvadas — crispavam-se no rebordo das almofadas, traduzindo o seu immenso desespero e colera.

Na vespera, á noite, no camarote do Lyrico, estivera com o amante, o Lemos Neves, um official de marinha, e convidara-o a se encontrarem nas corridas. O Lemos desculpara-se, allegando uma reunião que ia effectuar-se no Club Naval, reunião a que elle não podia faltar. E quando D. Albertina lhe disse que, visto elle não ir, ella não iria tambem, manifestou-se muito alegre, como si tivesse ciumes de que outros pudessem prender-lhe a attenção. E os entreactos correram em galanteios.

D. Albertina saiu lisongeadá. Não que ella amasse profundamente o Lemos. Mas, afinal, elle tinha renome de conquistador e isto lhe

valia ser disputado por todas as damas mãis ou menos faceis do high-life.

E merecia-o — seja dito em verdade.

Era um delicioso conversador, tendo, como ninguem, a sciencia da alta galanteria, o vocabulario inteiro das lisonjas de salão, o perfeito conhecimento de todas as elegancias do bom tom. Citavam-se como tendo sido suas amantes quasi todas as mulheres formosas do Rio, em cujo activo se contavam faltas de amor. E era quasi para as novas um diploma de belleza entrarem na extensa lista das suas aventuras.

Assim, D. Albertina tinha razão em estar vaidosa. O Lemos, havia cerca de dois mezes que se consagrava inteiramente áquelle recente amor ; e ella — tanto elle era artista ! — acabára por convencer-se de que soubera inspirar-lhe um sentimento superior ao das habituaes proezas. Quando, pois, tendo mudado de opinião e resolvido ir ás corridas, entrou e distinguiu-o na archibancada dos socios cortejando uma rival, D. Albertina saiu desesperada, sem attender a mais cousa

alguma. Compreendeu então que a alegria manifestada na véspera pelo official, por lhe haver ella dito que não ia ao Derby, tinha sido, não por ciumes, mas pela libérdade que ganhava para a traição premeditada. E immediatamente decidiu romper.

O Toledo morava em Botafogo; morava sósinho, servido apenas por um *groom*. Quando o amor com D. Albertina começára, elle instou muitas vezes para que as entrevistas fossem lá, e deu-lhe mesmo para isso uma chave, que ainda estava em poder della. D. Albertina, porém, não acceitou a combinação. Preferira os encontros em sua propria casa, onde, segundo dizia, havia menos perigo. Não só, de facto, os seus aposentos ficavam perfeitamente separados dos do marido, como este vivia repartido entre a secretaria que dirigia e as palestras na rua do Ouvidor, palestras de políticaem platonica-mente sebastianista. Uma só vez, por pura curiosidade, D. Albertina consentira em ir á casa do official e trouxera de lá uma visão de encanto.

A casa era realmente um mimo. Sentia-se em tudo aquillo — aquelle conforto, aquelle luxodiscreto e elegante, repassado de alto sentimento artistico — que andava o pensamento de um galanteador, vivendo exclusivamente para seducções e conquistas. De cada canto parecia exhalar-se um convite de amor, ciçiante e irresistivel. E a recordação das amantes, que alli tinham succumbido, impunha-se immediatamente á imaginação como um incitamento e um perdão para as recémvindas. Demais, havia em torno o jardim, um jardim discreto e umbroso, talhado para idyllos.

Apezar de tudo, D. Albertina resistira á tentação de voltar. Ella não tinha o desembaraço impudico das mulheres casadas, que ostentam audaciosamente os amantes. Ao contrario: o peccado parecia-lhe melhor saboreado jesuiticamente, sob a capa da mais perfeita hypocrisia, continuando a parecer aos olhos de todos de escrupulosa honestidade e correcção. E assim, temia-se justamente das visitas á casa do official, como sendo mais faceis de surprender.

Mas naquele dia, voltando do Derby, decidiu-se a tornar lá. Aproveitaria a ausencia do Lemos para ir restituir-lhe tudo o que recebêra delle : — cartas, uma joia, e um pequenino *bronze* artistico. Deixaria os objectos em evidencia, sem uma unica palavra de explicação. E dahi por deante não o receberia mais, rompendo sem escandalo.

Isto tudo — decidiu-o firmemente ainda no carro. Quando, pois, apeou-se á porta de casa e despediu o cocheiro, retirou-se para os seus aposentos a preparar os objectos e esperar que entardecesse.

... D. Albertina chegou á casa do official, abriu a porta rapidamente, e desembuçando-se da mantilha, fechou o trinco pelo lado de dentro. A casa estava inteiramente ás escuras. Ella, porém, vinha prevenida para o caso : fez luz. Dispunha-se já a executar promptamente a sua missão, quando uma voz soou, uma voz aggressiva e sobresaltada :

— Quem está ahi ?!

Immediatamente, á porta do quarto do Lemos, assomou um vulto, a figura de um rapaz vestido como quem acabava de saltar da cama e de revólver em punho. D. Albertina, nervosa como estava, teve um susto horroroso; encostou-se á primeira cadeira que encontrou, sentiu um calafrio, empalideceu e desmaiou.

O rapaz veio para junto della. Era um amigo do Lemos, o Armando Braga, um intimo, um companheiro de conquistas e aventuras, muito conhecido de D. Albertina. Passára nos Fenianos até á madrugada, e como tivesse de ir com o Lemos a outro baile n'essa noite, viera dormir-lhe em casa durante o dia, esperando-o. Quando ouviu rumor, acreditou que seria algum ladrão. O Lemos lhe affiançára que não viria ninguém. Vendo, porém, que era uma mulher e percebendo que caíra desmaiada, aproximou-se e foi com surpresa que reconheceu D. Albertina. Surpresa justificada, porquanto sabia do amigo que estava em vespas de rompimento com ella.

Não havia, entretanto, tempo para raciocínios complicados. O susto de D. Albertina fôra na verdade muito grande e o desmaio prolongava-se. O rapaz teve, em um relance, a intuição de quanto lhe podia render aquella boa fortuna...

Começou a aproveitar largamente o pretexto de desafogar os vestidos. Tomou depois nos seus braços o corpo, deitou-o sobre o leito e só então lhe deu a respirar o frasco de saes inglezes, sempre á mão naquelle quarto de conquistador, habituado a taes accidentes, verdadeiros ou simulados.

Mas o de D. Albertina era bem verdadeiro. Assim, foi com extremo espanto que, ao despertar, ella se viu quasi despida, em sitio estranho. Ao pé estava o Armando, já enfiado em uma robe-de-chambre de seda japoneza do Lemos, esperando attentamente o acordar. Ella volveu os olhos e, em um momento, comprehendendo a situação, desatou a chorar. O Armando contava com isto. Procurou consolal-a ; desculpou-se do que havia feito, receioso de que o incommodo fosse mais

grave e — para ir logo ao ponto sensível da preocupação que certamente a dominava — mostrou que nada havia a temer da discreção delle — elle, um amigo do Lemos... D. Albertina foi, aos poucos, cessando de chorar. E o Armando, entretanto, que a observava, ia derivando docemente das primeiras phrases de simples consolo para outras mais audazes de seducção e conquista. D. Albertina notava bem a progressão. Já então senhora de todo o seu sangue frio, analysava a situação e via que fosse como fosse, o certo era que o Armando tinha entrado na sua vida e que a flagrancia em que acabava de ser surpreendida desarmava-a inteiramente em face delle. Demais, o assedio ia sendo cada vez mais ousado. E a D. Albertina acudiu uma lembrança : trahir o Lemos na propria casa, com um amigo e logo apoz abandonal-o era uma represalia de primeira ordem.

Esta idéa pareceu-lhe magnifica. Mas, em verdade — ella propria o sentia — o que o seu espirito estava procurando já não eram razões ; eram pretextos. Via perfeitamente

que naquellas circumstancias especiaes e ante o cerco cada vez mais cerrado de Armando, não havia meio de não capitular, embora, como fez, luctasse um pouco, recusando-se, por honra da firma, para não se deixar vencer immediatamente.

Mas afinal ?

Afinal, não houve remedio...

Um relogio, na saleta contigua, deu oito horas. Armando pulou no meio do quarto e começou a vestir-se com indescrivivel aco-damento :

— Oito horas!... É a hora do Lemos chegar... e o diabo é pontual...

D. Albertina procurou fazer o mesmo. Mas quasi immediatamente ouviram-se passos fóra, calcando a areia do jardim.

— O Lemos! exclamou o Armando. E, voltando-se para D. Albertina :— Diga-lhe que não encontrou aqui ninguém...

E, em mangas de camisa, com a cartola no alto da cabeça, a sobrecasaca e o collete

debaixo do braço, enfiou pelo corredor, disposto a raspar-se por uma porta dos fundos...

O Lemos entrou radiante...

D. Albertina viu que não havia meio de explicar de outro modo o seu desalinho. Compreendeu que não lhe podia, no proprio momento, dizer o que acabava de se passar. Adiado o rompimento, precipitou-se para o amante e caiu-lhe nos braços :

— Esperava-te, querido!

O Toledo teve um momento de surpresa.

Mas afinal ?

Afinal, tambem d'essa vez não houve outro remedio...

TIC-TAC

A Lucio de Mendonça.

Desciamos, conversando, a praia de Botafogo. Vinhamos de uma visita ao Hospício de Alienados e naturalmente a conversa recordava os episodios da visão dolorosa e tragica que nos enchera os olhos durante o dia.

Eramos tres : o Lery e o Braulio, estudantes de medicina, em vespervas de doutoramento, e eu. Elles dois, internos no Hospício, acostumados áquelle espectáculo quotidiano durante annos, fallavam de tudo com a maior naturalidade. Citavam loucuras terriveis e estranhas, cuja narração bastava para dar calafrios de horror, considerando-as a titulo

simplesmente de bellos casos pathologicos dignos de estudo, de que tratavam sem a menor emoção.

Quanto a mim, o que me impressionava mais vivamente não eram as fórmulas violentas do desequilibrio mental, as fúrias, os gritos, os delirios que exigem a segurança das casas fortes; eram, pelo contrario, os pequenos desvios da razão, as allucinações mansas e calmas, que obstinam o espirito em direcção errada só em um ponto e deixam em tudo mais a integridade intellectual.

Às vezes, ao passar, um louco chegava-se a mim e segredava-me, em voz natural e firme, cheia de convicção — a convicção que faz os grandes heroismos — alguma bizarra extravagancia, concluindo por queixar-se de que o houvessem arbitrariamente sequestrado naquella companhia de doidos. E para ser amavel tinha o cuidado de mostrar-me aquelles que na sua opinião « estavam *realmente* loucos ». Durante este tempo esses outros que o meu interlocutor apontava como verdadeiros alienados, passavam sor-

rindo com maliciosos olhares de intelligencia, a indicar-me que o unico louco era elle. — E instinctivamente chegava-se a duvidar da propria razão, scismando no simples desvio, no descarrilamento subtil que basta para arredal-a do seu recto caminho.

Vinhamos agora a pensar em tudo isto. A tarde era magnifica. O sol, já de ha muito escondido, tinha ainda pelo céu um desmaimento de luz frouxa e indecisa, um crepusculo pallido e suave. O mar sussurrejava, rendando de branco a orla das ondas pequeninas e baixas... Á porta dos jardins grupos de moças conversavam. Via-se distante a casaria branca de Nitheroy. Na curva harmoniosa e larga da bahia grandes navios garbosos molhavam no ar calmo os aventureiros mastros, saudosos talvez de outras tardes distantes, de outros longinquos crepusculos. A entrada da barra, aberta lá ao longe como uma porta escancarada, era uma evocação dolente da tristeza das partidas... Tudo emfim n'aquella hora de infinita mansidão,

assumia um tom doce e meigo, uma brandura anemica de convalescença...

Aos poucos a conversa tinha ido afrouxando. Havia largos momentos em que nos calávamos todos, sentindo que a sugestão d'aquella tristeza ambiente amortecia em nós a vivacidade das replicas.

Fallavamos lentamente, em voz mais baixa. E a memoria, conformando-se á meiguice triste da hora, evocava tão sómente a lembrança de certas loucuras de uma tristeza infinitamente meiga.

Havia entre outros no Hospicio um rapaz que todos nós conhecemos em perfeita saúde. Era um typo expansivo e jovial, sempre alegre, sempre disposto á troça e á galhofa. De repente, porém, começou a fazer-se retrahido e triste, a tornar-se tão aspero e insociavel, que foi quasi sem surpresa que lhe vimos o nome em uma local de gazeta, como autor de uma tentativa de assassinato.

No correr do processo, verificou-se a causa do crime. Era o delirio de perseguições.

Uma allucinação persistente fazia-lhe ouvir

alguem que o injuriava. Por vezes, em um transeunte que passava fallando elle julgava reconhecer a mesma voz — e vinham-lhe impetos de matar o individuo. Afinal, um bello dia, não poude mais conter-se: atirou-se a um pobre homem que conversava e tentou esganal-o entre os seus dedos convulsos.

Foi a custo que livraram a innocente victima, emquanto o poviléo bestial rugia gritos de *mata!* contra o aggressor, que da prisão passou rapidamente para o Hospicio. Ahi, a loucura seguindo a sua marcha natural, elle começava a evoluir ao delirio das grandezas.

Quando o visitámos nesse dia, tinha na cabeça um chapéo armado de papel, atravessado napoleonicamente e, de brazos cruzados, com os labios franzidos em uma attitude olympica de desprezo, fitava-nos com o mais requintado desdem, nem siquer se dignando fallar.

Sahimos com um pezar extremo a compungir-nos. Em pleno vigor de mocidade e talento, era de facto infinitamente triste vêr

aquelle sossobro de um futuro, que podia ser tão grande e tão bello!

Como eu acabasse de fallar nisto, o Braulio redarguiu :

— É verdade. Ha, como esse, muitos casos egualmente tristes. Eu, porém, que já vou perdendo a excessiva sensibilidade que tu mostras, tenho ainda um confrangimento intimo ao lembrar o facto que mais me impressionou, depois que estou trabalhando no Hospicio... Não creias — continuou depois de uma pausa — que fosse alguma cousa extravagante e espectacular. Pelo contrario : tudo o que possa haver de mais calmo, de menos violento... — Calcula por ti mesmo... Tratava-se de uma moça de dezenove annos, intelligente e formosa, — tão formosa que eu não a descrevo para que não cuides que estou romantizando o episodio.

Pois bem : essa moça casou-se, passou uma vida deliciosa durante um anno, e de subito, na occasião do primeiro parto, após uma febre puerperal, endoudeceu.

A voz do Braulio fizera-se grave. Tinhamos

chegado ao extremo da praia. Voltámos. Era já noite. No azul, que a claridade da lua minguante desbotava tristemente, algumas estrellas iam surgindo. Subimos de novo por junto do paredão. A maré crescêra aos poucos, as vagas eram mais fortes, esboroa-vam-se sobre as pedras com um clamor mais alto, mais plangente...

— Endoudeceu — proseguiu o narrador — passou dous mezes em um delirio violentissimo e, de repente, ao cabo desse tempo, aquietou-se na mais profunda calma. Passava os dias sentada a um canto da cellula em que estava. Todo o seu corpo absolutamente inerte parecia inteiriçado pela catalepsia.

O olhar — uns grandes olhos negros, muito brilhantes — fixava-se obstinadamente no espaço, com a expressão indefinivel de quem, muito abstracto, olha sem vêr... Apenas n'aquella estatua os labios moviam-se com uma contracção regular e monotona, balbuciando qualquer cousa que se não podia ouvir. Ás perguntas não respondia; tão sómente os labios pareciam redizer infatigavelmente a

mesma palavra, sempre repetida. — De uma vez, porém, ella teve uma nova crise. Eu estava de serviço; fui vê-la. Os gritos, as convulsões, os altos lamentos foram cessando aos poucos e passando a uma phase de prantos. Depois, como me visse carinhoso a seu lado, teve uma expansão inesperada e começou a dirigir-me a palavra com uma volubidade extrema e febril. Preveniu-me logo que era a ultima vez que fallaria a quem quer que fosse e explicou-me então o mysterioso balbucio que a occupava.

Disse-me que certa vez e no meio de um delirio, notando os saltos desordenados do coração e sentindo-o palpitar febrilmente, como um passaro colhido na mão que se esforça por fugir, tivera pena do pobresinho. Lembrou que o captivo musculo pulsava assim ininterruptamente desde as primeiras manifestações da existencia até ao derradeiro momento da agonia, sem uma pausa, sem um descanso.

Era o forçado eterno, o grilheta, o galé da vida, sempre a laborar, sempre a bater... To-

mou-se de pena pelo infeliz. Figurava-o cansado, offegante, querendo parar emfim, emfim descansar — e tangido inexoravelmente pela onda de sangue, sempre a subir, sempre a descer : trabalho eterno de Sisypho ! E então, não desejando mais agitar-se em grandes movimentos, porque isso fazia soffrer o pobresinho, fez o intimo voto de vê-lo aquietar-se e parar. Desde essa época começou a vigiar-lhe o constante *tic-tac*. Era esta a palavra que seus labios repetiam, incessantemente. Procurava dizel-a cada vez mais lenta para que os batimentos cardiacos se fossem conformando com essa lentidão provocada de *rhythm*o.

Procurei desconvençel-a. Disse-lhe que o coração era um dos musculos que escapavam ao poder da vontade; accumulei argumentos para proval-o... Tudo foi em vão. Ella cessou a conversa, sorrindo com um sorriso de duvida e obstinação e recommçou o *tic-tac*. Examinei-lhei o pulso; tinha um latejar forte e normal. Não era possivel que o alterasse tão facilmente. Dahi por deante, mettida a um

canto da cellula, a pobre louca continuou o seu fadario. Correram dias sem que eu volvesse a fallar-lhe. Ao cabo de um mez, certa occasião em que eu a fitava, ella estendeu-me o pulso. Tomei-o de novo e tive um gesto de visivel assombro, emquanto a pobre rapariga sorria triumphantemente. De facto o latejar tinha diminuido de um modo sensivel. Era mais fraco e mais demorado. Quiz de novo despersuadil-a e de novo foi inutil todo o meu esforço. Ficou-se a repetir mecanicamente o eterno *tic-tac*, já muito mais brando.

— Não sei, atalhou o Braulio, póde parecer tola esta confissão, mas eu nunca saberei dizer, vendo cada dia tantas outras loucas igualmente moças e formosas, porque só deante daquella me enchia o coração um confrangimento de alma verdadeiramente doloroso. Por fim, o *tic-tac* perseguia-me. Cheguei a acreditar que enlouquecesse tambem. Aquelle ruido monotono enchia-me os ouvidos : a toda hora, de vêr a louca repetir-o, eu percebia incessantemente o *tic-tac*

oscillar dentro de mim; e os meus labios moviam-se ás vezes, inconscientes, pronunciando as duas syllabas, sempre as mesmas... Era já uma obsessão tamanha, que me fazia evitar a vizinhança da doente. Nem de longe a fitava. Os seus grandes olhos negros, calmos e meigos como um lago deserto á hora morta do crepusculo, pareciam sorver-me a razão, convidar-me á loucura, dizer-me que esquecesse as preoccupações mesquinhas da vida por um sonho qualquer — fosse mesmo o esteril desejo de fazer parar o coração... E assim eu procurava não passar perto della.

Mas de uma vez em que não me pude furtar á exigencia do serviço — faziam já tres mezes que ella estava recolhida — a doida sorriu-me de novo, estendendo o braço descarnado, sem que me fosse possivel recusar. Que assombro de pertinacia! Custou-me a achar-lhe o pulso. Era um bater flaccido, fili-forme, sem vigor, largamente espaçado, quasi a perder-se...

A louca não interrompia o *tic-tac* já então

extremamente retardado, como de um relógio a parar...

Nem eu pude fallar-lhe; as palavras morreram-me na garganta. Apenas o olhar com que a fitei foi tão triste, que ella baixou os olhos... Passei adiante sem ouvir mais nada, além do implacavel *tic-tac* que me cantava aos ouvidos...

Quando, na manhã seguinte, a enfermeira de serviço veio contar-me as occurrencias da noite, narrou-me que na vespera, antes de deitar-se a moça, me mandára este simples recado : « Diga-lhe adeus em meu nome... *Elle* vai parar ». A enfermeira transmittiu-me o que ouvira sem ligar a menor importancia. Não havia comprehendido. Corri á cellula : encontrei morta a pobre doida. Tinha o rosto banhado de um sorriso meigo de victoria... O eterno *tic-tac* parára enfim nos seus labios desbotados... Palpei-lhe o coração : o musculo grilheta, o forçado da vida descançára afinal! Ella estava com os grandes olhos negros desmesuradamente abertos, fitando o espaço... — Pobre louca!

Quando o Braulio concluiu, nós nos achavamos de volta, quasi de novo em frente do Hospicio. O mar batia as pedras com força, plangitivo e triste... Encostado á grade de uma das janellas, sacudindo-a furiosamente, um doudo cortou o rumor das vagas com um uivo guttural. De varios pontos, funebres e tristes outros lhe responderam...

O PRESENTE DE VÔVÔ

A João Fragoso.

Luizinha era orphã de mãe.

Ficára aos dous annos no isolamento de uma casa sem mulheres, entre o pae e o avô materno : — o pae sempre atarefado na sua vida de negociante, — o avô, tolhido de reumatismos, cochilando longas sêstas preguiçosas, de sala em sala.

Fez-se, porém, uma mudança.

Quando a filha lhe morreu, deixando aquelle legado : uma menina fragil e galante, o velinho perdeu aos poucos a modorra que o açabrunhava e, esquecendo o egoismo da idade, occupou-se apenas com a grande tarefa de amal-a muito. Soube amal-a, soube

adoral-a. Elle sósinho foi toda uma familia para a pequena, que lhe cresceu ao collo até aos cinco annos, coberta de carinhos e affagos, alegre, bonita, travêssa, affeita a despotisal-o com mil e um caprichos infantis.

Por esse tempo, uma tia, — a tia Angelica — enviuvou e veiu para a casa. Nada se alterou. Apenas a menina teve mais uma pessoa a acaricial-a, a satisfazer-lhe as vontades, com desvelos de mãe. Nervosa em excesso, sujeita a desmaios, pagando a herança da hysteria materna, sua saúde muito debil requeria constantes cuidados. Era de um ardor extremo em todos os seus folguedos e em todos os seus desgostos, cheia de longos prantos dramaticos e gargalhadas excessivas. No estudo, muito precoce, comprehendia immediatamente o que lhe ensinavam.

O avô, seu unico mestre, babava-se de satisfação, participando irmãmente de suas alegrias e tristezas, acriançado junto della em um extase perenne de idolatria.

Em cada anniversario da menina, ia pela casa um sarilho enorme de festa. Era a vêr

quem se esmerava em dar-lhe o melhor presente. E no dia — no grande dia — tocava ao despropósito a alluvião de vestidos, chapéus, bonecas e carrinhos, teteias de toda a especie, que inundavam a casa. A menina via-se tonta para saber o que preferisse. Enchia salas e quartos de uma algazarra louca. Quem, entretanto, vencia sempre naquella rivalidade era o avô, que melhor notava os desejos extravagantes da criança.

E foi assim que, quando ella completou sete annos, o velho teve uma idéa felicissima. Quiz dar-lhe um presente longamente cubiçado : um espectáculo de cavallinhos.

Luizinha tinha visto na parede fronteira á casa, os grandes annuncios de um circo, com as figuras espalhafatosas de homens e mulheres, guiando em pé, a um tempo, seis e oito cavallos, furando arcos de papel no galope dos animaes, equilibrando torres de bugi-gangas, fazendo proezas de jogos malabares em um circulo de facas longas e afiadas. Tinha visto — e pedira ao tio que a levasse a contemplar « de verdade » tudo aquillo.

Foi. Era essa a primeira vez. Teve alegrias doidas, inconcebíveis, verdadeiramente hystericas, só ao mirar o amphitheatro enorme, coalhado de gente, gente do povo, ruidosa e ingenua, gritando, sapateando, mexendo-se em um bulício formidável. Havia pessoas montadas ao alto, nas traves que avizinham as archibancadas. Qualquer gesto imprudente podia lançal-as no chão. Estrondou o alarido immenso de uma pateada. O espectáculo tardava. A menina empenhou-se em bater também com a bengala do avô.

Afinal, a musica rompeu a marcha da Aida. O rumor acalmou. Uma amazona entrou aos saltos pela mão do director da companhia. Palmas. Um alazão arabe appareceu na pista e começou a percorrel-a, acelerado pelos grandes estalos de chicote que o director, no centro do circo, vibrava, acompanhando-as de interjeições gutturaes. A mulher cavalgou o animal de mil modos, fez piruetas arriscadas, saltou em pé sobre o dorso nú. Depois, cingindo entre as pernas musculosas o corpo do cavallo, sempre á disparada, dei-

tou-se toda para um lado, quasi a cahir, quasi a roçar o chão com a cabeça. Luizinha acompanhava-a desde o principio, transida de emoção.

Quando a viu assim, abriu em um grande choro, gritando que salvassem a moça.

Embalde queriam acalmar a menina : os gritos sahiam-lhe inconscientes. Felizmente a musica os abafava. Uma salva de palmas estalou, sonora. A amazona levantou-se. Saltou lepida em terra, agradeceu com tregeitos graciosos e sumiu-se correndo.

Um bando de palhaços invadiu o recinto. A Luizinha teve logo altas e boas gargalhadas, ainda com os olhos cheios de pranto. Riu muito, descomedidamente.

Seguiram-se outros exercicios. Ella prestou a todos a maior attenção. Aquella machininha de nervos morbidos vibrava ao menor abalo com intensidades doidas. Tão depressa tinha explosões de risos, como abalos de susto e crises de espanto.

Houve um largo intervallo.

Logo depois, mais com espanto de que com

alegria, ella viu um enorme elephante domesticado. Os saltos arriscados dos gymnastas que trabalhavam em barras fixas faziam-na estremecer de susto. O corpo tomava-se-lhe de uma agitação quasi convulsa. Encolhia-se para junto do avô, agarrando-o com força, como si estivesse a cahir. Apesar de tudo, fitava longamente os artistas, sem querer retirar-se.

Veu enfim um grupo de dous homens e uma mulher que, subindo a trapezios muito no alto, entregaram-se a exercicios arriscadissimos. Luizinha seguia-os, hypnotisada. O corpo tremia mais do que nunca, em calafrios de febre. Os dentes batiam. As mãos distendiam-se e crispavam-se inconscientemente. Os olhos, porém, não se despregavam d'aquella visão de assombros. Tinha pequenos gritos de medo, ao menor salto dos acrobatas. Finalmente um delles desceu, o outro pendurou-se pelas curvas das pernas em um trapezio muito baixo, enquanto a mulher galgava o mais alto, posto tão junto do tecto que a forçava a dobrar a cabeça.

Era o grande vôo, um salto de loucura, uma temeridade. Fez-se no publico o silencio das espectativas anciosas, silencio de morte. Nem um som, nem uma voz.

O homem do trapezio ageitou-se melhor e teve uma interjeição extranha. Immediatamente, em um rolo luzente de lentejoulas, a mulher despencou-se de lá. As mãos bateram nas do homem e ella ficou pendurada pelos pulsos, rindo. Luizinha nem acabou de vêr. Mal distinguiu a mulher que cahia, arrancou do peitinho fragil um grito enorme, um uivo indescrivivel de terror e inteiriçou-se, desmaiada. As palmas e acclamações encheram o amphiteatro... Vozes gritaram « bravos »... O berreiro expandiu-se tumultuariamente, sacudido de uma alegria sem nome. A menina saiu nos braços do avô, inanimada...

Veu-lhe dahi uma aphasia hysterica. Esteve quasi morta durante dous dias e, quando despertou, despertou sem falla. A tristeza cahiu então sobre a pobre casa. Não houve cura que se não tentasse para restituir-lhe

a palavra, sempre em vão. O velho, cada vez que a menina, fitando-o, com os grandes olhos inteligentes, lhe dizia qualquer cousa com tregeitos de mimica, desatava a chorar. Chôro de dôr; chôro de remorso. Elle chamava a si a responsabilidade de tudo. Quem o mandára levar a menina áquelle maldito espectáculo? Envelheceu ainda mais dia a dia, prodigiosamente. Deu para encerrar-se no quarto, acabrunhado por uma melancolia negra, sem querer vêr a netinha, isolado e selvagem como um urso, mudo tambem, no seu isolamento voluntario.

Um anno depois do incidente, no outro anniversario, elle não queria apparecer. Ce-deu deante das lagrimas da pequena. E lá foi, á hora competente, tomar o seu logar na mesa cheia de convivas. Lá foi, tropego, cansado, as costas vergando em arco, apoiado a uma bengala. Sentou-se á cabeceira. A toalha désapparecia sob a avalanche dos crystaes finos, das compoteiras, das jarras carregadas de flôres. A cabeça do velhinho, muito branca, parecia a fronde de uma paineira

desatada em floccos alvissimos. Sentou-se e ficou silencioso.

Ia um rumor festivo por toda a sala. Mesmo a Luizinha já estava acostumada á molestia e era a primeira a espanejar em torno de si a jovialidade boa e sincera da sua infancia. Fizera-se mais nervosa. Quando, na impaciencia de ser entendida, custavam a adivinhar-lhe os gestos, ella vibrava toda, irritadiça, pedindo ao exaggero da mimica o que lhe faltava de palavras. Tivera até de uma vez um rapido ataque hysterico.

O jantar correu barulhento em uma grande vozeria. Apenas o avô lá estava sem dizer nada, nem sequer respondendo ao que lhe perguntavam, fingindo comer.

Deixaram-no em paz. Por duas vezes, olhando para a netinha, custou a reprimir o pranto. Firmou os olhos no prato obstinadamente para que não o observassem.

Começaram os brindes. Um conviva muito verboso encetou a série, desfechando um chuveiro de sandices. Passaram risos abafados por todas as boccas. Chocaram-se os co-

pos. Beberam. Mal tinham acabado, viram a Luizinha erguer-se. Pesou um grande silencio immediatamente. E ella, como de costume, tendo de fazer a primeira saúde ao vovô, levantou-se e veiu vindo lá de longe para junto d'elle.

O velho, de olhos sempre baixos, sentiu-a que se approximava e entrou a tiritar de emoção. O silencio era maior, mais profundo : um silencio absoluto de infinita anciedade. Ouviam-se tão só os passos da menina e o bater de um garfo, que a mão do velho, segurando inconscientemente, fazia rufar como uma mola electrica. Foi um instante a aproximação da pequena e pareceu-lhe um seculo.

Teve apezar disso um forte abalo, quando a viu junto de si, esbelta, risonha, gentil, de copo em punho, brindando-o mudamente... Fitou-a então. Fitou-a com um olhar tão triste, tão carregado de remorso e dôr, que a menina estacou, tremula e perturbada...

Havia lagrimas em todos os olhos.

De subito ouviu-se um baque — um baque

e dous gritos... O velho cahiu aos pés da Luizinha, de joelhos, abraçando-a :

— Perdão ! minha filha !

— Vôvô !

E, faltando-lhes o equilibrio, rolaram pelo chão, em um abraço indefinivel — a menina, recuperada a falla, balbuciando phrases intelligiveis ; — o velho, mudo de commoção, chorando e beijando-a...

E ainda nesse anno o presente do vôvô foi o melhor...

PSYCHOLOGIA DA INFIDELIDADE

A' mesa, estavam apenas as duas : Martha Queiroga e sua amiga Leonor Guedes. O marido de Martha tinha, como de costume, descido para o Rio, de onde só voltaria no sabbado. Todo esse tempo ella ficava só em Petropolis, de festa em festa.

Apezar de tudo, a maledicencia nunca se exercera sobre a sua rêputação. A formosura d'ella possuia alguma cousa de gravé e sério, que opunha um sentimento de respeito ás seducções mais audaciosas. Era morena e alta. Tinha pouco mais de trinta annos, um corpo de estatua, cabellos e olhos extremamente negros e, si a bocca, de labios muito finos, parecia entreabrir-se em certas occa-

siões numa expressão de malícia e ironia, toda ella respirava uma graça serena e affavel. Por seus grandes olhos calmos ninguem diria que jámais houvesse passado qualquer arroubo de paixão.

A mesma meiguice austera brilhava sempre em seu rosto. Aos galanteios impertinentes sabia responder com uma tal placidez, fingindo não comprehendel-os, que os galanteadores sahiam de junto della sentindo-se vencidos e ridiculos.

Leonor, mulher de um engenheiro celebre, o Dr. Juvencio Guedes, era bem a sua antithese em discreção e comedimento. Casada havia tres annos, chegára, por sua levianidade, a grangear una fama que não merecia.

Attribuiam-lhe cinco ou seis amantes e, de facto, ella não tivéra nenhum.

É verdade que a muita leitura de romances francezes-lhe fizera frequentemente pensar no adulterio — não como uma necessidade de temperamento, mas como uma elegancia de alta sociedade... Contra essa aspiração tinha até então sido guardada, já pela sua fun-

damental honestidade, já, sobretudo, pela influencia decisiva de Martha — de Martha, sua amiga, sua confidente, sua collega de todos os tempos.

Desde o collegio, quando ella tinha sete annos e Martha quatorze, aquella amizade se estabelecera. Dia a dia, pela sua calma, pela sua bondade, pela pureza das suas palavras cariciosas e meigas, a influencia, que sobre Leonor exercia a amiga, fóra crescendo constantemente.

Durante o almoço, enquanto a criada ia e vinha, conversavam sobre as festas da Semana Santa, que estavam próximas, e os bailes do Cassino que se lhes seguiriam. Tudo isto, principalmente a Leonor, apparecia sob o mesmo ponto de vista : o das *toilettes*. Que outra differença entre um baile e um officio de sexta-feira santa, sinão que a um se vae com vestidos claros e decotados e a outro com roupas severas de seda preta?

Servida a sobremesa, foram-se para a sala de visitas. Livre da presença da criada, Leo-

nor desfiou levemente toda a série de boatos que tinham curso nos salões. Contou, ora entre risadas altas, ora entre cochichos maliciosos, tudo que se dizia de mal de umas e outras. Afinal veio á narração de uma palestra sobre ciumes que tivera, havia dias. Nessas conversas, em geral um pouco livres, ella achava um derivativo de mais graves faltas...

— Christina Caldas deu-me uma receita sublime para evitar infidelidades conjugaes.

— Sim?! Ha de ser curiosa... indagou Martha com extrema attenção.

Leonor explicou-lhe o caso, rindo muito. Christina lhe havia contado que, em certos dias, quando desconfiava que o marido ia sahir para alguma entrevista, fazia-se garrida e provocante, prendia-o por algum tempo e, fossem quaes fossem as suas excusas de pressa, obrigava-o a cumprir os seus deveres matrimoniaes...

Leonor disse isto com uma viva expressão de brejeirice. Martha teve um sorriso de reprehensão :

— Você, Leonor, devia evitar essas conversas... Christina é uma cabeça de vento...

— Não, Martha, mas você ha dé confessar que o processo é engenhoso e elegante. Gasta o marido em casa, legalmente, segundo todos os preceitos da Santa Madre Igreja e deixa a amante roubada! — Pensando nisto, ella parecia ter menos empenho em evitar as infidelidades do que em pregar uma peça á rival.

— Mas você, que não é nem tem motivos para ser ciumenta, porque se interessa por isso? Nunca constou que o Dr. Juvencio fosse atirado a conquistas.

— É o que tu pensas! Eu ando desconfiada. Vejo-o todo entregue a apuros de *toilette* que até agora não tinha... Ha dias; quando entrou em casa e eu fui beija-lo, senti-lhe no rosto um perfume bem diverso do que elle usa.

— Fizeste-lhe uma scena de ciumes?

— Eu! Era o que faltava! O ciume, ou pelo menos a sua manifestação apparente, é sempre uma cónfissão de fraqueza, confissão de que se receia ser vencida. Não cahi nessa!

— Tiveste juízo. D'ahi, quem sabe o que valem tuas suspeitas? É ás vezes por uma accusação injusta d'esse genero que se estraga para sempre a felicidade de um casal...

— Santo Deus, como tu estás solemne! Si faltar algum prégador na Semana Santa, pódés bem tomar-lhe o logar... Deixa, porém, o sermão. Sabes o qué eu fiz? Nem scenas tragicas, nem tristezas romanticas... Appliquei-lhe o processo da Christina...

Martha teve uma inflexão suave de reprehensão quando com sua voz grave e carinhosa limitou-se a articular um simples — *Oh!* — em que censurava a criancice inconveniente da amiga.

Mas Leonor replicou :

— Estás tu a dizer « *Oh!... Oh!...* » Que pretendias que eu fizesse? Achas máo que me entregue a scenas de ciúmè; acharias indigno que fizesse espionar meu marido. Queres por acaso que me deixe vencer sem lucta?

Martha sorriu, como si não quizesse insistir, e, parecendo concordar, parecendo talvez

achar que de todas as soluções essa era a menos grave, murmurou apenas :

— Afinal...

— Afinal é o melhor ! Confessa. Hontem ainda eu desconfiei de novo do Juvencio. Estava de uma alegria excessiva. Parecia radiante. Começou a fazer *toilette* com taes requintes de *coquetterie*, que eu vi nisso alguma cousa suspeita. Fingi então uma crise subita de ternura. Elle pareceu surprehendido. Mas eu fui tão meiga, tão insinuante, tão prevocadora que, si elle teve beijos e abraços e amores para outra, devem ter sido uns sobejos sem valor...

Leonor disséra as ultimas palavras olhando para o relógio e levantando-se. Martha levantou-se tambem — e, enquanto passava o braço esquerdo pela cintura da amiga, tomava-lhe a orelha entre os dedos, fingindo puxal-a delicadamente :

— Tu, Leonor, só a puxões de orelhas... Has de ser sempre uma criança...

Era uma hora da tarde. Leonor beijou-a, despedindo-se :

— Comprehendes, disse ella, que estas cousas eu só conto a ti. Quem sabe si não has de ter ainda necessidade de usar d'esse tratamento, a que a Christina, com o seu espezitamento habitual, chama a prophylaxia da infidelidade? Nunca digas : d'este pão não comerei...

E, sorrindo, atirou-lhe um ultimo beijo, já da escada, com as pontas dos dedos :

— Até amanhã!

Martha, quando ella sahiu, pareceu transfigurar-se. Por minutos, perdeu toda a impassibilidade habitual e ficou-se a rir muito, murmurando entre dentes. « Que idéa! »

Ás tres horas da tarde, o Dr. Juvencio bateu em casa de Martha. Foi ella mesma quem abriu a porta. Mal acabava de cerra-la, o marido da amiga tomou-a nos braços e deu-lhe um bom, um longo, um retribuido beijo de amor.

— Não imaginas como Leonor me prendeu em casa! — exclamou o engenheiro.

— Si imagino! Ella desconfia das tuas

infidelidades; disse-o aqui mesmo, ainda ha pouco... Applicou-te naturalmente o processo da Christina.

E era agora aquella physionomia, que até então parecera tão angelica e serena, quem sorria com um sorriso de voluptuosidade e brejeiricee intensas...

— O processo da Christina?

Martha referiu-lhe tudo.

Tinham ido caminhando lentamente e estavam de pé, frente a frente, com as mãos nas mãos, fitando-se amorosamente, no meio da sala de visitas. Quando ella acabou, elle passou-lhe um braço por trás da cabeça e inclinou-a com uma leve pressão, beijando-a de novo no cantinho da bocca, um cantinho delicioso, onde havia uma pennugem macia e tepida :

— Bom remedio! Leonor é uma tolinha... Lembras-te o que eu te disse hontem, quando alludi a que mesmo para o amor ha aperitivos efficazes? A prophylaxia — talvez seja questão de dose — errou o effeito... E' o sim-

ples effeito de um aperitivo o que me faz o processo da Christina...

E não foi outro, na realidade, o que os factos mostraram minutos depois...

BICHANINHA

A Borja Reis.

Pallida, com os cabellos pretos destacando-se na alvura da fronha, os olhos meio-cerrados em uma prostração profunda, Nêê descansava, tendo ao lado o filhinho, nascido de poucas horas, — quando a Leonor invadiu-lhe o quarto, gritando :

— Nêê, Bichaninha também teve os filhos...

A moça, com o abrir subito da porta e o grito estridulo da menina, teve um susto violento : o corpo todo lhe tremeu, um nó cerrou-lhe a garganta e uma onda de sangue subiu-lhe ao rosto, córando-a vivamente.

Mas a Leonor, sem notar o que fizera, continuava a tagarelar :

— Você não imagina, Nêê... são quatro gatinhos pretos, muito bonitinhos... Nasceram de olhos fechados e estão só miando... Miam tão fininho que parecem pintinhos... Quer que eu traga para você vêr, Nêê?

A moça, mais repousada do susto, disse apenas fracamente :

— Não, Leonor; deixa-os lá mesmo onde estão...

E, enquanto a menina sahia como um foguete, correndo para junto da Bichaninha e dos gatos, Nêê desceu do travesseiro a cabeça para beijar o filho, que dormia então um d'esses somnos profundos em que os recém-nascidos passam longas horas. E ficou-se a mira-lo demoradamente, com uma expressão de olhar saturada de infinita ternura...

Primeiro filho, filho nascido aos vinte annos de um casamento de amor : que carinho sem nome não tinha a joven mãe por aquella creança! O rostinho muito rosado, de

traços ainda incertos, com a moldura branca das rendas da touca enfiada por uma fitinha azul, parecia-lhe formosissimo. E, demais, ella admirava extasiada a fragilidade e a pequenez d'aquelle corpinho tão mimoso. Abriu-lhe a mãozinha e ficou-se sorrindo, a admirar-lhe a graça : parecia de boneca...

Nisto, a Leonor voltou. Vinha ainda fallar dos gatos :

— Sabes. Nêêê, que gata malvada! — E tinha, dizendo isto, uma expressão sincera de pena e indignação : — Bichaninha, em vez de carregar os filhos, pega n'elles mordendo no pescoço e anda de um lado para outro com os pobresinhos... Que bicho ruim!

— Mas, tolinha, — disse sorrindo Nêêê — como querias tu que ella fizesse? Por certo que não os podia trazer ao collo, como uma pessoa... É assim mesmo que todas as gatas fazem...

Decididamente, porém, aquellas explicações não satisfaziam a menina, que estava preocupada com o caso. Sahiu de novo, com a pressa em que sempre andava, estouvada

e nervosamente, e voltou a occupar-se do problema, que a interessava de um modo extraordinario.

Bichaninha era a gata querida de casa; uma gata branca, alta e gorda, que vivia á fidalga, de collo em collo, amimada amorosamente por todos. Nos ultimos tempos da gravidez de Nêê apparecera tambem gravida; e era um thema de caçadas em casa, quando a gata ia seguindo a moça, vêr as duas, andando ambas com o meneio indolente e desageitado dos ventres proeminentes. Gracejando, dizia-se muitas vezes, que ambas dariam á luz no mesmo dia. — Foi, de facto o que veiu a succeder. Os dous partos tiveram logar quasi simultaneamente : os primeiros vagidos da creança soaram pouco antes dos primeiros miados dos gatinhos. A coincidência, notaram-na em casa com grande alegria e muitas risadas. As duas mães estavam ambas em estado satisfactorio; os recém-nascidos todos bons — e a algazarrenta Leonor não sabia como repartir os seus beijos e carinhos entre o pequerrucho sobrinho e os

filhos da Bichaninha. Parêcia dividir por todos a mesma afeição, distribuida com a mais inteira imparcialidade, em fatias eguaes de bem-querer.

Nêê tinha, porém, uma leve contrariedade : o marido estava fóra, servindo como engenheiro perto de Friburgo. Para lá lhe telegraphára : « *Tens um filhinho nascido hoje, ás 10 horas da manhã, que espera a tua benção. Saudades.* » Mas receberia elle o telegramma ? Éssa duvida a inquietava um pouco. Estava anciosa por vê-lo. A alegria só seria completa quando estivessem alli os dous, pae e mãe, mais unidos ainda e mais amorosos junto daquella vidinha fragil, que de ambos participava.

Felizmente, o parto fóra bom. O medico deixára-a, ao sahir, com uma ligeira elevação de temperatura, mas sem receio de complicações. Recommendára apenas todo o socego e prohibira que conversasse. A unica pessoa que contrariava essa ordem era Leonor, que, no constante reboliço em que sempre andava,

vinha de quando em quando ao quarto e obrigava a irmã a responder-lhe.

Nisso, entretanto, não estava o grande mal. O pior era que, com o seu modo estabonado de entrar, abrindo a porta de repente, assustava a moça, a cujo estado de fraqueza, qualquer commoção se tornava muito sensível.

Da ultima vez em que isso se deu foi á noitinha. Leonor deu um tal grito á entrada do quarto, que Nêê, então meio adormecida, sentou-se na cama assustada e teve um choque nervoso extraordinario. A causa do berreiro era ainda a Bichaninha. A gata vinha trazendo um dos filhos para o quarto da moça, quarto onde habitualmente costumava estar.

— Ahi vem a Bichaninha! Ahi vem a Bichaninha! — annunciava a Leonor, em altos brados...

A gata entrou, passeou os olhos pelo aposento e avançando um pouco trepou sobre a cama da moça. Foi outro choque. Nêê temeu que ella arranhasse o menino e deu um grito

de susto, tão forte que chegou a espantar o proprio animal. Bichaninha, sempre com o gato seguro nos dentes pelo pescoço, armou o salto, pulou da cama no chão e foi leval-o para o canto, seguida pela gritaria da Leonor :

— Lá vae a Bichaninha! Lá vae a Bichaninha!

Successivamente, o animal foi buscar os outros tres filhos, trazendo-os todos pelo pescoço, presos nos dentes. E accommodou-se com elles no recanto do aposento.

Com os abalos que tivéra, a febre de Nêê cresceu durante a noite. Ninguem, entretanto, podia esperar que tal succedesse : ainda ao escurecer a temperatura do seu corpo era pouco mais da regular. Assim, não se tomaram as cautelas que exigiria o seu estado, si fosse previsto. Ficou a rapariga, que a servia, dormindo na esteira junto á cama, para ser chamada quando fosse necessario. E tudo cahiu em socego.

A certa hora, o menino chorou. Nêê accorreu e deu-lhe o peito a mamar. Já então ella

estava ardendo em febre : devia ter mais de trinta e nove grãos. O leite seccára inteiramente. A criança, ora soltava, ora chupava o seio e, não sentindo nada, agitava-se irrequieta. A febre ia crescendo. Veiu o delirio. Pelos olhos da moça começaram a desenrolar-se scenas extranhas e phantasticas : era um desfilar interminavel das mais loucas allucinações. Ella principiou a fallar, conversando com as visões que o delirio evocava. E certamente para augmentar-lhe a illusão concorria a voz do filhinho que descollára a bocca do seio e estava em um meio choro resmungado, agitando-se e proferindo sons inarticulados. Nêê, com os olhos muito abertos e muito brilhantes pela febre, não lhe prestava a menor attenção. Olhava para o espaço e dirigindo-se ás imagens que só a sua imaginação febril conseguia descobrir, interpellava-as com todo o desembaraço, conversando animadamente. Começava mesmo a ter uns movimentos convulsos : a febre devia attingir quarenta grãos. O delirio não passava. Voltando-se em um dos brus-

cos movimentos, que fazia de instante a instante, olhou para o canto do quarto onde estava Bichaninha : os olhos da gata faiscavam com um brilho phosphorescente. A moça ergueu-se um pouco na cama, apoiando-se no cotovello e por um minuto ficou inteiramente immovel, fitando os olhos do animal : parecia hypnotisada por aquelles dous globos de luz esverdeada, scintillando no escuro, lá no cantinho do aposento. — Mas como a febre crescesse mais ainda, as convulsões, embora de pequena violencia, amiudavam-se cada vez mais. Em um dos movimentos ella machucou a creança, que começou a chorar. A criadinha que dormia junto á cama, fatigada da noite anterior, tinha um somno pesado e roncante : nem ao menos se moveu. Mas o choro fez com que a moça, deixando a fascinação dos olhos accesos do animal, fitasse o pequeno com extranheza. Poz-se de gatinhas na cama e começou a miar...

Evidentemente o delirio fazia-a suppôr que estava convertida em gata, talvez mesmo na propria Bichaninha.

Os lençóes cahiram; ficou descomposta, miando, miando sempre... Do ponto onde estava, cuidando talvez que era um agrado, Bichaninha respondeu também, com um som queixoso e fino... Nê-nê moveu-se na cama, sempre de gatinhas e sempre miando, até chegar perto do menino... Os olhos d'ella, esgazeados pela febre, luziam tanto como os do animal... Os cabellos pretos espalhavam-se em desordem pelo collo... Uma das mangas da camisa tinha escorregado até o cotovello e via-se um dos seios. Chegou junto á creança que chorava e, deixando de miar, começou a lambel-a : lamber-lhe o rosto, as mãos; lambel-a mesmo por cima do vestidinho e das faixas...

O delirio continuava.

A febre subia ainda mais. A lingua, que ella passava agora sobre o rosto do pequenito, estava secca, ardente e vermelha... A pelle do seu corpo quasi todo despido, tinha estremecimentos bruscos, como esses com que os cavalloes espantam as moscas : eram contracções horriveis de vêr-se!

Como continuasse o menino a chorar, ella miou mais uma vez e, virando-o de costas com uma só das mãos, abaixou a cabeça, mordeu-o no pescoço, segurando-o fortemente — tal qual como vira fazer pela Bichaninha — e preparou-se para saltar da cama...

Não saltou : faltava-lhe a agilidade. Atirou-se no chão com a creança pendurada nos dentes...

Houve um choque medonho; e depois um rumor indescriptivel na casa inteira... Chegaram todos, mal accordados ainda...

Os dentes d'ella mordiam com tal força, que tinham cortado a pelle do pequeno... Elle tinha rolado mais longe : o craneosinho abri-ra-se e o miolo — uma massa acinzentada — sahia, em hernia, por uma fenda da cabecita, como uma postema espremida, manchada com laivos de sangue...

Ao frio do soalho, a moça teve uma ultima convulsão e morreu em espasmos tetanicos, hirta, inteiriçada... Conservára ainda entre

os dentes, cerrados convulsivamente, o tacho ensangtuentado da pelle do menino... E nas costinhas d'elle, bem no pescoço, era horri-vel aquella chaga redonda, em carne viva, como a esfoladura de um caustico...

Do seu canto, a Bichaninha impassivel olhava para toda a scena lambendo amoro-samente os filhinhos...

CÔMO SE ESCREVE A HISTÓRIA !

A. S. Exc. o Snr V de Algerana.

Que o commendador fosse um homem sizado, ninguem podia negar. Era mesmo a sua grande virtude. Por ella tinha subido de caixeiro a interessado, de interessado a dono de casa propria, tinha chegado a ser deputado á Junta Commercial, commendador, provedor de varias ordens religiosas. Era, em summa, membro proeminente da « *culonia* », como elle proprio dizia.

Viéra de Portugal aos 12 annos, para servir como caixeiro no armazem do tio : « *Á Parreira de Setubal* ». Fôra um marçaninho exemplar. Calado como um bezerro, fazia todo o serviço com diligencia e submissão.

O tio achava-o burro e não fazia cerimonia para dizer-lh'o todos os dias. Às vezes acompañava essa affirmativa energica com pontapés não menos energicos. O José ouvia e apanhava com dignidade : não protestava, não chorava, não se queixava. Essa virtude o tio era o primeiro a reconhecer-lhe : « *Este p'queno é burro, mas é ob'diente!* »

Obediente e sério. Conversava cada vez menos. Aos freguezes limitava-se a responder com o minimo de palavras. Nem por isso furtava pouco. O tio enganava a freguezia fallando pelas tripas de Judas. Elle furtava com uma seriedade austera. Si as criadas se revoltavam contra a escassez do peso e diziam claramente que aquillo era ladroeira, o tio replicava-lhes com alguma chalaça, dava-lhes palmadas familiares e lascivas, e apezar dos repellões : « *Sae d'ahĩ, sem vergonha!* » — « *Tenha modo, seu João!* », ellas seguiam levando a mercadoria, pesada de um modo phantastico. O José não fazia nada d'isso. Calava. Ou porque não soubesse o que dizer, ou porque tivesse tantas razões.

que lhe parecesse descer da sua dignidade si precisasse de as apresentar, o certo é que guardava um silencio solemne. De gracejos com as raparigas nem era bom fallar! Nunca, em tempo algum, pessôa alguma o apanhara na mais leve falta a esse respeito.

Que era sério, muito sério, toda a gente podia, portanto, dizer. E esse fôra o segredo de sua rapida ascensão. Quando mais tarde, tendo montado um grande armazem de importação, na rua do Rozario, o elegeram deputado á *Junta Commercial*, não teve jamais a minima ingerencia nas resoluções sinão com o voto. É mesmo certo que não entendia a maior parte dos oradores. Precisamente, porém, quando os mais *pernósticos* deitavam discurso, elle, que não queria passar por menos intelligente, acompanhava-os com maxima attenção, dava á physionomia um aspecto de quem estava seguindo o raciocinio com toda consciencia, e ora sorria maliciosamente, ora parecia ou concordar ou discordar do orador. Não é que em qualquer d'essas occasiões elle compre-

hendesse mais do que se tratava. A estupidez, força é confessar, mantinha-se sempre a mesma. Mas os outros, que o surprehendiam n'aquellas mudanças de expressão, figuravam que o nosso homem era profundo e discreto, julgava as cousas a seu modo, mas sabia guardar reserva sobre as suas apreciações. E por esta qualidade todos o elogiavam.

Já então agraciado com a commenda de Christo, o antigo caixeiro da « *Parreira de Setubal* » era um honrado pae de familia. Tinha tres filhas moças com as quaes todos os sabbados ia ao theatro. Não levava a mulher, porque ella não gostava de sahir.

Quando D. Gregoria se casara, já era avantajada em gorduras. Com a idade, chegára a proporções nunca vistas! Percebia-se vagamente que aquella massa informe tinha sido gente: hoje não passava de uma trouxa de banhas molles. Não era mulher, era uma catarata de toucinheiras: a papada de tres fólhos cahia sobre os peitos, os peitos sobre a barriga, a barriga sobre as côxas... Pre-

feria ficar em casa, á vontade... Tinha, quando se sentava, um gesto habitual para metter uma dobra de saia entre as còxas e as gorduras da barriga — e, erguendo os seios molles e vastos, punha tambem outra do casaco e da camisa entre elles e o corpo. Queixava-se sempre de andar, ora com brotoejas, ora *assada*, pelo tanto roçar de tanta banha em tanta banha...

Apezar de tudo isto, o commendador era um marido exemplar. Mais fiel ninguem encontraria. Si antes de casado tivera amores, podia ser discutivel. Depois disso é positivo que nunca desfalcára a esposa do que lhe devia : o bem do casal não fôra jámais esbanjado em prazeres illegitimos! Si não tinha disso uma escripturação em regra, é certo que podia quasi reconstituil-a de memoria, porque não andava longe do salutar preceito jesuitico : *bis in septem*... Só realmente aos sabbados e aos domingos é que havia um *tempinho* de descanso... para tratar de cousas pouco graves, sendo que nos sabbados, ao voltar do theatro, ao passo que

fazia servir ás filhas comidas classicas e ingenuas — canjas e *omelettes aux fines herbes* — elle mettia-se em bellos camarões e vinhos fortes...

Durante os seus 23 annos de casamento, nunca dona Gregoria tivéra motivo de queixa. Mas, para justa compensação das cousas d'esta vida, si não ha mal que não se acabe, não ha bem que sempre dure. E o commendador teve um dia, um escorregão. — Pódem-se, entretanto, pleitear todas as attenuantes em seu favor.

Entrára em em bonde de Botafogo. Ia visitar o consul portuguez, que então morava para os lados da Gavea. Ficara para isso na cidade contra o seu costume — e contra o seu costume, convidado por um amigo, jantára num hotel. Dos effeitos notoriamente excitantes de um *menu* incendiario em que figuravam uma *bisque* de camarões, *foie gras*, *mayonnaise* de lagosta, *langue sauce piquante*, e um « Porto » de 1815, D. Gregoria teria vindo a achar motivos muito intimos de satisfação, si uma circumstancia

diabolica não a houvesse feito perder esse extra ao ramerrão dos sabbados e domingos...

Quiz a fatalidade que o commendador tivesse por vizinha de bonde uma senhora de rara elegancia e belleza. Trajava um vestido de seda preta, com enfeites roxos; tinha uma capota minuscula e delicadissima; e de toda ella um perfume delicioso e discreto espalhava-se no ambiente abafado do bonde; — abafado, porque uma repentina bátega de chuva cahira sobre a cidade e obrigára o conductor a baixar todas as cortinas.

Quando o aguaceiro começou, a senhora, que não levava guarda-chuva, teve uma expressão de viva contrariedade. Estava justamente na ponta do banco. Como a agua escorresse ao longo do balaustre, achegou-se ao commendador e collou **resolutamente** a sua perna á grossa perna delle.

Dizer que o commendador não gostou, fôra mentira. Certo, elle fez um rapido exame de consciencia para vêr si proviêra de sua parte a inconveniencia, si, em summa, um homem da sua idade e posição podia estar fazendo

aquillo. Aquillo... Aquillo... Que é que se poderia dizer « aquillo » ? Precisamente, elle não estava fazendo nada; immovel se conservára. Sua consciencia purissima garantiu-lhe categoricamente : « *A iniciativa não foi tua!* » E, brejeira, a mayonnaise de lagosta, regada a Porto de 1815, insinuou este conselho : « *Aproveita! Não sejas burro...* » — E elle aproveitou... Fez muito bem!

Era um calorsinho delicioso, uma tepidez macia, um contacto divino... Felizmente, a senhora ficava-lhe á direita e issó lhe permittiu puxar parà o collo a aba esquerda da sobrecasaca... Estava rubro. Não ousava fitar ninguem, porque parecia que todos percebiam a sua bregeirice. Mas que fossem para o diabo : um bello dia mette-se em casa! Nem um momento, ao sentir aquella perna nervosa e delicada, a lembrança das banhas flaccidas e assadas de D. Gregoria lhe atravessou o espirito. Ia mesmo esquecendo a casa do Consul. « *Ora o Consul — dizia-lhe a mayonnaise com um ar de pouco caso — o Consul tu podes vêr todos os dias, ao*

passo que um regalo d'estes... » Mas o commendador reagiu. O conductor, enviado mysterioso da Providencia, ia passando por baixo das cortinas, agarrado aos balaustres. O commendador fê-lo deter-se e pediu-lhe que mandase parar o bonde em frente ao n. 149. A senhora teve um movimento de alegria. Voltou-se promptamente :

— O Sr. vae ter a gentileza de me livrar d'este aguaceiro. Minha casa fica bem de frente do 149 e eu vim sem guarda-chuva.

Elle ficou vermelho como um tomate. Gaguejou, confuso e radiante :

— Oh! minha senhora... — E não soube dizer mais nada. Mas ella pagou-lhe com um sorriso adoravel. Tambem não houve tempo para outra cousa, porque ambos tinham chegado ao ponto indicado.

O bonde parou. Chovia ainda.

O commendador saltou primeiro, abriu o vasto chapéu de chuva, e enquanto o conductor afastava a cortina, elle deu á senhora a sua grande mão cabelluda e gorda para ajuda-la a descer, o que ella fez com agili-

dade e graça. Atravessaram a rua. A casa era um chaletzinho no meio de um jardim. Ella deu volta ao ferrolho e empurrou a grade :

— Temos de entrar por uma porta da sala de jantar.

Foram até lá, a senhora metteu uma chave de trinco na fechadura e abriu. A sala estava com o bico de gaz acceso a meia-luz. Chegou, deixou-o á porta, deu toda a força ao gaz e n'um instante (porque tudo isso tinha sido num instante) estava de novo ao pé d'elle :

— Agora, já que o cavalheiro teve a bondade de acompanhar-me, entre um momento para tomar um calice de licôr.

O commendador excusou-se, mas excusou-se frouxamente. Ainda estava a balbuciar desculpas, quando ella lhe pediu o guarda-chuva, o chapéu de cabeça, fê-lo entrar e sentar-se junto á mesa.

No bonde, elle não a pudéra apreciar devidamente. Via-a agora. Era de estatura mediana, magrinha, — mas de uma magreza de braços roliços, de collo alto, de seios

pequeninos e tufados; tinha uma cintura ideal. Não parecia andar : dir-se-ia um passarinho, leve, formosa, saltitante.

N'um momento, abriu o guarda-prata, tirou de lá o licoreiró e pôl-o ao lado do commendador. — Que licor queria? — Qualquer. — Ella serviu-lhe um calice de *kummel* russo e pediu-lhe um minuto de licença para ir mudar os sapatinhos. Foi. Quando voltou, estava com um esplendido *peignoir* de seda clara. O commendador teve, ao vê-la entrar, uma expressão tão ingenua de encantado assombro que ella sentiu impetos de sorrir. Sentou-se ao lado d'elle e conversaram.

Ella era viuva. Era — ou pelo menos — disse que era. Não vale a pena averigua-lo. Contou que estivera casada apenas dois annos. Vivia agora alli inteiramente só, com uma creada velha que, áquellas horas, já estava dormindo.

« Aquellas horas » — eram oito da noite. O que d'alli até ás onze fizeram os dois não se dirá aqui. O commendador, em cousas amorosas, não passava de um timido : mas

os tímidos também têm os seus dias! Os 23 annos de fidelidade conjugal sossobraram graças á *mayonnaise*, á *sauce piquante*, ao Porto de 1815 e ao *kummel*... Talvez de papo para o ar, como era seu costume, D. Gregoria já estivesse roncando. Mas não foi, de certo, nos fólhos suarentos das suas papadas, nem nas grandes mamas mollengas, cahidas symmetricamente uma para cada lado que o commendador teve occasião de pensar... Por tudo isto, manda a discreção que se corra aqui, como um reposteiro, esta linha pudica de reticencias :

Ás 11 1/2 — já então não chovia e o céu estava estrellado ; a viuva veiu até ao portão trazer o commendador. Deu-lhe, primeiro, um bom beijo chuchurreado, fechou a porta e, atravez da grade, com uma travessura gentil, pela ultima vez, estendeu-lhe a boquinha delicada e fresca. Elle ouviu-lhe os passos pisando na areia do jardim ; sentiu fechar-se a porta e ia sahir, quando alguem assomou á janella da casa do consul. Era um contra-

tempo. Pensou que o poderiam reconhecer e deteve-se meditando no que conviria mais fazer. Pareceu-lhe prudente esperar alli mesmo, que viesse algum bonde e tomal-o rapidamente, sem fazel-o parar

Estava nisto, quando ouviu muito ao longe uma vozeria. Um homem, que parecia bem vestido, de sobrecasaca e calças claras, surgiu de uma esquina, passou por deante d'elle a toda pressa, correndo n'uma disparada vertiginosa. O commendador nem viu o rumo que elle seguiu, porque duas outras pessoas, uma das quaes era a senhora do consul, tinham assomado ás janellas fronteiras. Elle couseu-se apertadamente ao portão, escondendo-se. Já a vozeria era distincta : ouvia-se um trillar de apitos e vozes : — *Pega! Pega!* — Um magote de povo vinha correndo desenfreadamente. As janellas do consul encheram-se. Alguns dos que se approximavam diziam nitidamente — *Pega o assassino!* — outros berravam : *Mata! Mata!* Mais claramente, porém, o grito esganiçado de um moleque, enganado talvez, porque o

commendador tambem estava de calças claras, designou-o de longe : *Lá está elle naquelle portão !* E todos correram para o seu lado.

Foi uma molla que o impelliu. N'um ápice — nunca o seu cerebro funcionou tão depressa ! — percebeu que ia ser apanhado, esbordado, arrastado para o xadrez sem que conseguisse explicar-se. Compreendeu que não só o consul como a familia e os convidados, todos viriam a saber quem era aquelle vulto mysterioso, que estava alli no portão daquela casa, casa que certamente não devia gosar de boa fama. Lá se ia por agua abaixo toda a sua bella reputação de sinezudez e, sobretudo, o ambicionado titulo de visconde !... O commendador abriu na carreira.

Foi um delirio, uma vertigem ; ninguem o supporia capaz de attingir aquella velocidade phantastica... Mas os outros não corriam menos. Mal havia tempo para gritos, mas ainda assim alguns desalmados uivavam de quando em quando ; *Pega ! Pega !*

Às vezes, si as vozes se calavam, no relativo silencio que então se fazia, era uma anciedade vêr passar n'um turbilhão, em perseguição de um só homem, toda aquella matilha cujos passos mal tocavam as pedras da calçada... O commendador voava... Tinha conseguido pôr entre si e seus perseguidores um espaço de cincoenta metros...

Nisto, em um relance, viu á porta de uma chacara, meio escondido, o vulto de um homem. Cahiulhe em cima, n'um pulo, abraçou-o com força e supplicou-lhe desvairado : *Salve-me ! Salve-me !* O outro pareceu estupificado; mas logo após procurou desencilhar-se. O commendador, fóra de si, gritava apenas : *Salve-me ! Salve-me !* Com o desespero irracional dos naufragos, que tølhem os movimentos aos que os vão soccoèrer, elle apertava o homem cada vez mais.

Fôra isso o espaço de dez a vinte segundos : o bastante para que a matilha os alcançasse. E logo a multidão cercou os dous. No seu desatino, o commendador não largava

o outro. Vendo-se perdido, agarrava-o com impetos de chorar.

Mas o povo, mas o delegado, mas a molecagem toda separaram-n'o do grupo e viram então que o homem que elle estava segurando tinha a roupa tinta de sangue : era o assassino ! O pobre diabo, que viera n'uma carreira infernal por perto de uma hora, não tendo mais força, ficara alli, rente com a grade, esperando que ou tomassem outra direcção ou não o vissem.

Era um recanto escuro que passaria despercebido, si por uma fatalidade o commendador não tivesse enveredado precisamente para aquelle lado e, suppondo que elle fosse o dono da casa, não lhe tivesse desabado em cima, segurando-o fortemente, a gritar que o salvasse. Agora, estava preso.

O delegado reconheceu o commendador :

— Oh! o Snr. commendador por aqui!
V. Ex. não sabe quanto eu lhe agradeço a captura deste bandido. É um facinora perigoso. Eu admiro a coragem de V. Ex.; arriscou-se a muito.

E o delegado olhava-o, de facto, como quem olha para um heróe.

Elle estava assombrado. Não entendia bem os cumprimentos. Mas o preso já ia seguindo vigorosamente manietado e vozes em torno do commendador davam-lhe a comprehender a situação : todos lhe attribuiam a iniciativa d'aquella prisão !

No dia seguinte, um jornal, narrando com todos os detalhes o crime do *Labreguinho*, accrescentava :

« Momentos depois o assassino foi preso. Sahira da casa da victima perseguido pelo clamor publico, mas, graças a sua prodigiosa agilidade, o bandido escaparia talvez dos que o buscavam prender, si não fosse a audacia, a destreza e o sangue frio do Snr. commendador José de Mattos Souza. Vendo passar, na vertiginosa carreira em que ia, aquelle scelerado, cujo peito tinto de sangue revelava bem o crime que praticára, o digno negociante não duvidou em arriscar a propria vida para impedir a sua fuga. Atirou-se-lhe no encalço, subjugou o assassino impedindo-o de servir-se da faca de que ainda estava armado e, quando o povo chegou, encontrou-o mantendo preso o miseravel. O Dr. Chefe de Policia offi-

ciou ao Snr. commendador Mattos, agradecendo-lhe o relevante serviço, tanto mais notavel, quanto foi o de hontem o quinto crime commettido pelo terrivel *Labregui-nho*, que todas as vezes anteriores conseguiu ferir gravemente os que o tentavam prender ..

Seis mezes depois o, commendador era agraciado com o titulo de Visconde, — *Visconde de Villa-Nova de Traz-os-Montes*.

O feito épico não deixára de contribuir para esta justa promoção. E como, na sua grande estupidez, acabava sempre por acreditar no que lhe repetiam muitas vezes, elle mesmo já estava intimamente convencido da sua coragem — e contava o caso extranho com héroismo e sinceridade...

O HOMEM QUE MORREU

Ao Dr. Paiva Coelho.

Estimavel cavalheiro muito conhecido da nossa melhor sociedade foi hontem, em plena rua do Ouvidor, accommettido de um accesso de loucura que o levou a aggre-dir um transeunte, o qual difficilmente poud escapar do insolito e injustificado ataque. O louco foi recolhido a um aposento de primeira classe no Hospicio Nacional de Alienados.

(Do Jornal do Commercio.)

Minha querida Leonor.

Eis-me recolhido ao hospicio. Será aqui que devo ficar, aqui que devo morrer? Verificarão afinal a verdade do meu caso? Cada vez tenho menos confiança... O que, porém, constitue para mim o mais doloroso supplicio é que tu, em vez de teres a mais absoluta certeza da minha razão, sejas a primeira a

admittir a extranha versão que me faz passar por um louco!

Negas; finges acreditar no que digo; vejo mesmo que nos ultimos tempos cedes promptamente ao menor dos meus desejos. Cuidas, entretanto, que me illudo com isso? Teu olhar é mais sincero que os teus labios: elle me diz o receio em que vives. Quando, ás vezes, dás-te pressa em concordar commigo, ha nisso apenas a complacencia com um enfermo — a complacencia ou — quem sabe?! — o terror dos que lidam com certos vesanos, que, de subito; pôdem tornar-se furiosos!

Nega! — Não importa... Louco ou normal, eu sinto a verdade. Talvez mesmo a minha supposta insania me dê até um presentimento mais agudo dessa triste realidade. Ha dias, quando te encontrei adormecida e quiz accordar-te com um beijo — um beijo de amor, de carinho, de meiguice — desper-taste tão sobresaltada, tiveste, no primeiro momento, um olhar de tão extremo terror, que eu vi bem o fundo do teu pensamento:

« Que te quereria aquelle maniaco junto á tua cabeceira? Iria, num accesso de furor, estrangular-te entre os dedos crispados? »

Dez vezes, cem vezes, milhões de vezes, eu tenho recordado, detalhe a detalhe, a triste scena que tão extranhamente decidi da minha vida. Hoje, como no primeiro dia, vejo as cousas do mes momodo, refiro-as na mesma ordem, não accrescento, não omitto circumstancia alguma. Parece-me que isto é bastante para attestar que eu não sou um louco. Passo, onde trabalho, por um empregado exemplar : chefes e collegas, todos ahi estão para o dizer. Depois que se começou a lançar-me tal accusação, fiz-me até mais exacto, mais escrupuloso no cumprimento dos meus deveres. Apenas, ha dias, vi um collega impertinente que, cochichando a um canto, apontava disfarçadamente para meu lado. Percebi pelos seus gestos ironicos que estava contando o meu caso. Tive vontade de ir a elle e dar-lhe uma correcção enérgica. Contive-me. Não se diria que era o natural desforço de um homem escarnecido : tomar-

se-ia a coisa como o acesso de demência de um epileptico...

Um epileptico! Foi este o diagnostico do medico que acaba de sair daqui. Contei-lhe (verifica ainda uma vez si alterei alguma cousa) toda a minha triste historia.

Disse-lhe que, a 21 de Janeiro do anno atrazado, dia do teu anniversario, saíramos a passeio. Escondidos em um hotel, longe dos importunos, passámos juntos o dia inteiro, um dia delicioso — o ultimo dia bom da minha vida! Tu estavas formosissima. Nunca, nem mesmo quando eras noiva, tiveste a radiação de inteira belleza que te vestia naquelles momentos. Já não era a gracilidade franzina, o olhar incerto e ingenuo da moça de dezoito annos, que para ser amada por mim toda a vida bastou ser vista um só instante. Era o pleno florescimento da mulher em toda a pujança do seu dominio; era o brilho de olhos como nunca vi tão languidos e senhorís.

Tu sabes que não estou fazendo phrases banaes, architectando expressões de vago

lyrismo, só para endeusar-te. Sempre tive pela tua belleza divina a adoração de um crente, e a loucura (já agora deixa repetir muitas vezes esta palavra cruel), a loucura de um amante.

Tinhamos combinado que, á tarde, daríamos um passeio a cavallo, subiríamos a estrada da Tijuca até um pouco além da Boa-Vista e só depois voltariamos a jantar, para irmos ao theatro e chegarmos a casa, livres emfim de qualquer importunação, alta hora da noite.

Fomos. O tempo era excellente. O sol estivera encoberto, mas o dia claro. A tarde estava fresca. Pela ladeira, que se desenrolava sinuosa e longa, uma brisa passava, vinda do alto, de uma frescura adoravel. Folhas sussurravam sacudidas por ella; por ella agitados, frisos pretos de cabello brincavam de leve na tua nuca delicada e alvissima... Das patas dos cavallos saiam nuvens de pó... Quando estavamos um pouco acima, sósinhos, em uma volta de caminho, passou um cargueiro, que descia. Descia, levando seis

ou sete burros, em fila, cada um preso ao outro por uma corda, com, de ambos os lados, pesados surrões, cobertos de folhas seccas. As campainhas postas na colleira dos animaes tilintavam melancolicamente no silencio daquella hora meiga. Uma poeirada enormè os envolvia. O cargueiro era um negro velho; levava as calças arrégaçadas até aos joelhos : as pernas e os pés descalços estavam cinzentos da poeira da estrada... Teve, ao vêr-nos, uma saudação humilde. Passou... Perdeu-se ao longe... O som argentino das campainhas dissolveu-se pouco a pouco no ar calmo... O pó dissipou-se... Ficou apenas o rumor das folhas mexidas e, já distincto, um murmurio de regato, que devia correr proximo...

Calámo-nos. Uma suavidade tão delicada vinha daquelle momento, que só o silencio a podia traduzir. Iamos lado a lado — tu, fina, mimosa, elegante, montada com o garbo de uma amazona; — eu embebido na tua graça, olhando-te linha a linha... Disseste-me depois que nesses instantes interrogavas do futuro

si por muito tempo viveríamos assim, amantes e felizes. Era tambem para o futuro que eu alongava os olhos — e o futuro eu o queria sem luctas nem ambições, liso e calmo, como aquella larga estrada... Nada aspirava além de que já tinha : nem outra fortuna nem outro affecto a não ser a tua posse, o teu affecto... E o rumor das folhas mexidas, o borborinho das aguas do regato pareciam embalar, acalentar amorosamente sonhos tão bons, tão puros, tão singelos...

Nisto, um rodar de carruagem que de um angulo do caminho se precipitou sobre mim, uma quéda terrivel — e mais nada...

Só dez dias depois vim a reconhecer que estava em casa, no meu quarto, e, a meu lado — tu, uma irmã de caridade e o medico. Lembra-me ainda (ultimo lampejo de ventura!) o olhar que tiveste quando te reconheci; lembro-me das tuas lagrimas de alegria; lembro-me, um a um, dos beijos que me déste... — Não sabias ainda que eu estava doido! Eu — doido!

O medico rejubilava com o milagre que

fizera : estava orgulhoso com os prodigios da sua pobre sciencia. Eu o ouvia, calado, sorrindo... Afinal, houve um momento em que fiquei a sós com a irmã de caridade.

— Esteve a dois passos da morte, disse-me ella.

— A dois passos? perguntei ironicamente. E accrescentei depois de uma pausa : — Fiz mais do que isso, irmã : eu morri.

Ella não parecia saber bem si eu gracejava, si estava exaggerando a gravidade do mal. Como, todavia, se tratasse de uma religiosa, com o espirito disposto a admittir todos os milagres que Deus se compraz em fazer, contei-lhe o que me succedera.

Tinha, de facto, morrido. Fui-me (não posso dizer por onde), fui-me por longos, por extensos, por interminaveis caminhos, espaço a fora, até á presença de Deus. Um anjo me guiava. Quando cheguei, um esplendor me deslumbrou, a voz irada do Senhor atordoou meus ouvidos. Irritado, o Omnipotente reprehendia o anjo : não era eu que Elle mandára chamar á sua Presença

Gloriosa; não era eu *o que devia morrer*

O anjo, baixas as azas, balbuciou excusas e por longos, por extensos, por intermináveis caminhos, minh'alma trazida por elle, voltou de novo á Terra, de novo animou meu pobre corpo, estendido naquelle leito.

A irmã sorria. Tomou-me o pulso para vêr si eu tinha febre e aconselhou-me que repousasse. Cançado do esforço que acabava de fazer, fechei os olhos. Fechei-os, sobretudo, para revêr na minha imaginação todos os detalhes dessa peregrinação que eu fizera até aos pés do Senhor, quando por um triste engano o Anjo da Morte me veio buscar. Quem sabe si o que devia morrer não era aquelle pobre cargueiro, para quem a vida talvez fôsse um fardo miseravel?

Só uma semana depois, voltei a referir-te o facto. Vejo ainda em teus olhos a dolorosa surpresa com que acolheste a minha confissão. « *Não penses nisso* » — disseste, acarinhando-me, com lagrimas nos olhos — lagrimas que choravam não a minha morte, mas a minha demencia.

Não pensar?! Pois é lá possível ter visto o *Além* do tumulo, saber o mysterio impene-travel da Morte — e não cogitar nisso? Esse foi o supplicio de Lazaro, depois de resuscitado. Ninguem como eu póde comprehender os versos do poeta :

« Pâle résuscité qu'avaient mordu les vers!
Pouvais-tu te reprendre aux soucis de ce monde,
O toi qui rapportais dans ta stupeur profonde,
La science interdite à l'aveide univers? »

A mim os vermes não chegaram a morder; mas eu passei o Abysmo : eu sou o HOMEM QUE MORREU... O que eu vi quizera dizel-o aos que ahi andam, quizera revela-lo á sciencia...

O que eu vi!

Porque, ao volver de novo á vida, não esqueci as visões de além-tumulo? Do fundo da minha miseria, preso aqui como um allucinado, eu quereria que Deus, ou me concedesse a misericordia do esquecimento irreparavel, ou o direito de ir por ahi clamando a minha dolorosa sciencia.

Um mez depois do dia em que me levantára, senti de subito, ao pensar em tudo aquillo, uma perturbação inexplicavel. Quiz fallar; quiz revelar a ti o que talvez seja eu no mundo o unico a saber. Um anjo surgiu em minha frente e disse: — « Cala-te! » Não obstante, eu ia abrir os labios... O anjo, num volver rapido, tomou de um estylete e enterrou-m'ó no cerebro. Foi um momento.. menos de um momento : uma dôr aguda, fulgurante, fez-me cair fulminado, estrebuchando de dôr...

Quando voltei a mim, ouvi que diziam ter sido um ataque de epilepsia. Tinha a lingua ferida, tanto o anjo perverso, para forçar-me ao silencio, m'a fizera morder. O medico que me julgava ter curado da vez em que eu morri, aõcho ainda do seu falso triumpho, explicou o meu caso, com um tom doutoral e categorico. Da quêda me tinha ficado, segundo sua opinião, um processo inflammatorio localizado em certa parte do cerebro; por ahi se explicavam as minhas allucinações. Era mesmo possivel que algum fra-

gimento de osso da parte interna do craneo, quebrada na occasião, estivesse voltada para o cerebro. No momento em que essa lasquinha, essa esquirola o irritava, vinham-me os ataques epilepticos. Disse que o meu desejo de fazer suppostas revelações podia ser considerado — foram estas, creio eu, as suas palavras — uma *aura psychica*.

Achei engenhoso. Tive, porém, um desdem profundo pela sciencia humana... Quem sabe si outras molestias, falsamente explicadas, não têm a mesma causa que a minha? Serei devéras o unico que tenha morrido por engano?

Hontem um dos meus companheiros desta casa de miseria. (Quem pôde dizer si é, de facto, um alienado?) voltou-se para mim, fitou os olhos nos meus e ficou-se a miral-os longamente, com uma obstinação demorada e inquieta. Seu olhar tinha alguma cousa de extranho... Um momento, no fundo de suas pupillas, dilatadas por inexplicavel espanto, eu julgo ter visto o Segredo — o Segredo pavoroso! Logo após, elle saiu de junto de

mim, ás gargalhadas, torcendo-se em contorsões de grandes risos estridulos, que lhe sacudiam o pobre corpo escaveirado! Teria elle adivinhado o meu caso? Porque, então, quiz escarnecer-me?

Foi para evitar o escarneo dos homens que tantas vezes eu quiz fallar. Mas sempre, no instante exacto em que meus labios se descerravam, o Anjo — o Anjo descuidoso, que o Senhor tão asperamente reprehendeu — surgia perto de mim e o seu estylete cravava-se no meu cerebro!

Disse-me o medico que sou accusado de ter agredido um transeunte. O caso é bem outro. Um desejo subito de fallar me acudiu em plena rua. Ia começar... Nisto, a dois passos de mim, vi o Anjo, que me mandava calar. Tive o desejo de estrangulal-o; avancei com as mãos hirtas de colera... Rapido, elle me feriu no ponto habitual. Rolei, escabujando de dôr... Vim acordar aqui. Não era um homem : era o desidiosos mensageiro de Deus, a quem devo minha desgraça, que eu quiz matar. Julgaram, entretanto, que era

um homem? Que tenho eu com os homens?

Poderei eu algum dia apanhar distrahido e ausente o meu terrível guardador e t'er tempo de dizer as palavras necessarias para revelar o Mystério? — Não sei; mas não desanimo. A força de scismar, achei uma formula de dez palavras — dez palavras sómente! — onde se condensa todo o Segredo. Lettra a lettra, eu as vejo deante dos meus olhos. Penso e repenso nellas. Algum momento em que a vigilancia do Anjo diminuir, eu terei tempo de dizel-as ou, talvez, mesmo de escrevel-as rapidamente, de um jacto, antes que o estylete venha, e me fira, e me prostre! Dez palavras...

Diz o medico que eu preciso, para ficar curado, permittir que se me faça uma trepanção : que se abra um ponto do meu craneo e de lá se extráia a esquirola de osso, que irrita o meu cerebro e causa os ataques. — Sandeu! — Si elle, si qualquer outro pudesse, abrindo uma fresta na minha cabeça, vêr lá dentro, escriptas em lettras de fogo, as dez palavras que eu não posso dizer, — certo

eu deixaria que me levantassem o craneo todo, da frente á nuca, como se levanta a tampa de um cofre, onde ha uma joia preciosa! E que joia sem preço, a sciencia suprema do que está para além de Vida, nos dominios fabulosos da Morte!

(Aqui a letra era nervosa, rapida, quasi illegivel, tão depressa as palavras tinham sido traçadas :)

« Tenho um presentimento que o Anjo está longe. É preciso aproveitar. A FORMULA É EST... »

(E, de subito, arremessando a penna, elle levou a mão á cabeça, onde o estyete o acabava de ferir, e teve um grito horrível... Rolou pelo chão... Os olhos voltados para o alto, não deixavam vêr mais que o branco, cortado de veias turgidas... As pernas e os braços estendiam-se e encolhiam-se em bruscos espasmos convulsivos... A lingua, projectada para fóra da bocca, hirta e rôxa, torcia-se para um dos lados... Uma espuma sangrenta saia pelos cantos dos labios...)

AS CALÇAS DO RAPOSO

A José Verissimo

A entrada de um novo inspector era sempre no internato em que estudavamos um dos maiores successos; a do Raposo mais que nenhuma outra. Havia para isso razões especiaes. O inspector que o precedêra, o Gomes, tinha saído depois de uma altercação violenta com a nossa classe, altercação acabada em vias de facto.

O homem era um velhinho baixo e careca — escandalosamente careca. A calva luzidia **entendia-se** rubicunda desde a testa até a nuca, onde havia alguns cabellinhos brancos.

Inspector de alumnos durante mais de quinze annos, tinha adquirido certas habili-

dades profissionaes preciosas. O que se precisa de diplomacia para lidar com meninos de collegio nem todos pôdem avaliar! O Gomes era eximio. Ninguem pôderia melhor fingir-se distraído e apezar de tudo seguir ao mesmo tempo os manejos de dois ou tres que estivessem tentando perturbar o silencio. Tinha mesmo uma sciencia propria : sabia dormir... mas dormir, parecendo vigilante.

Ha nos contos de fadas a eterna historia de uns leões prodigiosos que, durante o somno, estão com os olhos abertos e, durante a vigilia, com elles fechados. O Gomes chegára quasi ao mesmo resultado. Tinha uma posição favorita — os cotovellos apoiados na mesa, segurando a cabeça com as mãos em pala diante dos olhos. Quando estava assim, parecia, ás vezes, que cochilava. Era um engano. Não se passava nada na sala que elle não visse.

Via e calava. Á hora do recreio chamava os que tinham estado brincando e, sem uma explicação, punha-os de castigo.

- Em compensação, dormia noutras occa-

iões a bom dormir e todos nós imaginávamos que elle estava com uma vigilancia de argos. Fossem lá adivinhar! — De resto, não se pôde imaginar cara mais neutra, mais impassivel : nem olhos, nem labios, nem aces — nada traduzia o que elle estava sentindo.

Aos poucos, porém, nós começámos a es-
udar-lhe a careca. Foi uma revelação!

Dizem os versos celebres de Bocage :

Os labios mentem,
Os olhos não!

Nelle o que não mentia era aquella esplendida calva, brunida, lustrosa, espelhenta! Alli tudo se reflectia. É verdade que no fim de contas as suas variações se reduziam aos tons diversos, principalmente do vermelho, que ella assumia. Mas que riqueza! Ia da brancura lyrial á rubicunda tonalidade dos omates maduros. E, como ha sujeitos que, pela lettra, pelas linhas das mãos, por outros signaes, pretendem decifrar as emoções alheias, alguns havia entre nós que tinham

chegado a fundar uma sciencia nova : a *carecomancia* ! O 114, o mais endiabrado de nós todos, tirava prognosticos seguros, quer da nuança especial assumida pela careca, quer do logar por onde ella começava a colorir-se — porque, dizia elle, a vermelhidão ora vinha da direita, ora da esquerda, ora detraz para deante... A colera, a simples, contrariedade, a vontade de rir fortemente contida tinham marchas diversas.

O 117 era o nosso mago, o nosso adivinho, meteorologista sagaz, que presentia tempestades no céu côm de rosa daquella calva.

Fosse como fosse, um bello dia, deu-se na classe um charivari medonho. Na semana anterior tinha havido dois dias feriados ; naquella em que nós estavamos a folhinha marcava outro. O Gomes, conversando com o director, dissera-lhe que seria melhor não dar sahida, ponderando que se approximava a época dos exames.

Quando a resolução foi tomada, quando principalmente nós soubemos que a iniciativa partira do Gomes, ficámos furiosos. Organi-

zámos o que o 117 chamou uma « pateada muda ». Nem um grito, nem uma palavra, nem um gesto de revolta. Todos, porém, deixariam os livros nas carteiras sem abril-os e passariam as duas horas do estudo a olhar para a careca do Gomes.

Dito e feito. — Eramos cento e vinte rapazes. Entrámos em ordem na sala de estudo, cada um sentou-se e o inspector tomou o seu logar no alto do estrado. Não se abriu um livro, não se mexeu numa folha de papel. Silencio profundo. O Gomes, admirado, examinou a sala, presentiu qualquer coisa de revolucionario e atirou a classe uma ordem secca :

— Estudem !

Ninguem se moveu. Todos, obstinadamente, fitavam-lhe a cabeça. O que se passou n'aquella careca eu sinto que não lhes poderei jamais dizer, com toda a verdade do caso ! Ondas vermelhas ora a cobriam toda, ora afastavam-se... Havia momentos de absoluta brancura : parecia, então, uma bola de marfim. Logo após vinha, porém, uma vaga de sangue que

a vestia de escarlate... — Que tempestades de colera haveria lá por dentro!

— Estudem! — berrou de novo o Gomes.

Mas, teimosos, 240 olhos verrumaram-lhe o craneo nú. Já então a vasta calva não empallidecia mais... Tinha chegado ao vermelho fixo, ao ultra-vermelho. Passou ao roxo — um tom absolutamente novo, mesmo para a perspicacia do 117!

O inspector ergueu a cabeça e fitou-nos. Estava congestionado, com os olhos a saltarem das orbitas, furioso :

— Estudem! rugiu colerico.

Jogar assim o sério por tanto tempo era empreza difficil. Alguns, ao passo que a ira do Gomes ia crescendo, sentiam um desejo louco de rir. Quando, pela quarta vez, elle soltou um murro na mesa e gritou um novo, um tonitruante, um pavoroso — « estudem! — » — o 63 não poudé mais conter-se : teve um frouxo de riso, alto, inconveniente, e de mais a mais, contagioso. Ninguem conseguiu resistir... Nunca se viu gargalhada mais epide-

mica : sáculdiu, de ponta a ponta, a sala inteira.

O resto é que foi o diabo...

O Gomes, perdida a calma, absolutamente fóra de si, atirou-se a um para dar-lhe. Em um momento, todos estavamos em bolo a defender o collega, a socar, a pisar, o desgraçado inspector... Houve um sarilho medonho. O desgraçado, tendo apanhado tão monstruosa sova, foi, ainda por cima, despedido do collegio.

É evidente que depois disso a entrada do Raposo assumia uma importancia especial.

Que homem seria o nosso novo inspector? Poderiamos com elle?

Mal o vimos, dissemos todos intimamente :

« Vamos fazer o que quizermos, vamos pintar a manta! »

Era um velho alto, magro, de cara comprida. Usava barba toda, uma barba muito rala, que mal lhe vestia o rosto pallido, escaveirado. A testa era alta e larga, intelligente. Os olhos pretos tinham, entretanto, uma expressão de humildade, como jamais eu vi

igual : olhos supplices, olhos de queixa e medo. Vestia uma sobrecasaca muito velha ; velhissimos eram tambem os punhos, o collarinho, a gravata — tudo a desfiar-se. Tinha, comtudo, um quê de homem de boa sociedade ; via-se que aquella roupinha surrada estava escrupulosamente escovada, limpinha, direitinha...

Ao mesmo tempo que o Raposo assumia o logar de inspector, um novo alumno apparecia. Era um filho d'elle. Tinha doze para treze annos, figura muito sympathica, olhos e cabellos bem negros, aspecto gracioso e de viveza intellectual.

Apezar de tudo, foi acolhido com desconfiança. O 89 pareceu interpretar o pensamento geral, quando disse no recreio :

« Vae ser um espião ! »

Nunca, entretanto, previsão alguma foi mais falsa ! — Como se passou a vida desse menino, nos cinco annos em que fomos collegas, mal se imagina.

O velho Raposo era homem de certa cultura. Quando moço, fôra na sua provincia

politico militante, ardente, prompto sempre ao combate pelo seu partido. No jornalismo, nos manejos eleitoraes, mais tarde na Assembléa Provincial, tinha sido dos mais activos, dos mais intelligentes. Começou, porém, ao cabo de certo tempo, a decahir consideravelmente. Não é que se lhe tivesse apagado a intelligencia, o merecimento. Quebrára-se nelle a mola da vontade. Um desanimo inexplicavel o tinha ido arredando das primeiras filas combatentes. Porque? Quem o saberia dizer? Talvez esses pequenos desgostos, pequenas contrariedades domesticas, que não anniquilam de uma vez, mas limam pouco a pouco, roém de mansinho toda a energia dos que se julgam mais fortes... Um dia os do publico, que não presentiram a acção extremamente lenta desse mal microscopico, vêm com assombro ruír, sem explicação alguma, o grande tronco que parecia tão robusto... É um desabamento, um naufragio.

Foi, de facto, um naufragio, o do Raposo. Em um só anno, deixou a politica, deixou o jornalismo, morreu-lhe a mulher, viu-se

desempregado, desamparado, luctando com a miseria. Tinha um filho : pôz nelle todos os seus sonhos de futuro. Que futuro podia, entretanto, dar-lhe ?

Certo dia, subiu as escadas do palacio, onde morava o Presidente da Provincia, seu ex-companheiro da Assembléa, para pedir-lhe um logar de porteiro...

— O quê, Raposo!... Não é possivel!... Você feito porteiro ! Que se diria do nosso partido ! Não, senhor, eu lhe darei cousa melhor... Seria uma vergonha, não para você, mas para nós...

O Raposo sahi desconsolado, sorrindo tristemente, sem animo para dizer que comia apenas uma vez por dia — e mal... muito mal!...

Passaram semanas : nem porteiro, nem a tal « cousa melhor »... O Presidente esquecêra-o. Elle viu então que, naquelle acanhado meio provinciano, a mesma estúpida objecção surgiria em todos os labios.

Quiz vir para o Rio. Aqui, ninguem o conhecendo, podia até ser cocheiro ou varre-

dor de ruas. Voltou ao palacio e obteve duas passagens gratuitas. Trazia algumas apresentações. De nada lhe serviram. Afinal foi ter ao nosso collegio. Propoz ao Director ganhar 25\$000 por mez, comtanto que o filho ahi estudasse. O Director acceitou.

O Raposinho — como nós lhe chamavamos — era realmente a mais meiga das creaturas. A despeito da primeira prevenção, fez-se amar por todos.

Por todos — não. Havia um grupo de dez ou doze que o detestava : a escoria do collegio, os rebeldes, os de máo character. Um delles principalmente, o 69, a quem nós chamavamos o Fuinha, multiplicava-lhe as picardias, as pilherias de máo gosto.

Mas, assombroso de dedicação era o procedimento do velho inspector. Adorando o filho, chegava a privar-se de fallar com elle durante a semana inteira, só para não accusarem o menino de ser o espião de seus collegas.

Dava-lhe apenas pela manhã e á noite a — sua benção e acompanhava-a de um beijo;

isto mesmo fazia-o bem claramente, á vista de todos.

Quando um facto occorria, digno de castigo e cujos autores não eram conhecidos, o que obrigava a punir o grupo dos mais proximos, o Rapazo incluia sempre o filho. O velho ficava ás vezes com os olhos cheios de lagrimas. A injustiça revoltante era para elle, que a praticava conscientemente, só para não o accusarem de proteger o pequeno, uma dôr de alma. Temia perder aquelle emprego, interromper os estudos do menino. Estava prompto a submeter-se a tudo.

Certa vez, na classe, alguém, no meio do silencio geral, pisou a cabeça de um phosphoro de estalo. O inspector perguntou quem fôra. Ninguem se accusou. Insistiu. Viu-se então o Fuinha, cynicamente, levantar-se e dizer :

— Eu sei quem foi, *seu* inspector. Foi *seu* Raposinho.

Era a mais evidente das falsidades : o estalo partira da outra banda da sala. Mas o velho teve apenas um momento de hesitação. Vol-

tou, para o filho, os olhos mansos, os seus tristes olhos de cão batido, e mandou-o de castigo. Houve em toda a classe um movimento de revolta. O 63, um bom e leal companheiro, que estava ao lado do Raposinho, olhou para o Fuinha, como a dizer-lhe « Tu me pagas! », e levantou-se :

— É mentira. Quem fez o barulho fui eu.

Todos nós comprehendemos que elle se estava accusando em falso, indignado pela infamia do Fuinha. Mas o Raposinho, que já se erguera para o castigo e viu tambem a generosidade do collega, atalhou logo :

— Não, senhor, fui eu mesmo...

O inspector ficou perplexo. Logo, porém, o verdadeiro auctor confessou sua falta. Como, porém, saber qual dos tres que se accusavam fôra, de facto, o responsavel? Toda a sala anciava por vêr como se decidiria o caso. O inspector voltou-se para o filho :

— Só uma pessoa póde ter feito o mal. Deve ter sido o senhor, porque, além de se accusar, foi visto pelo seu collega, que o denunciou... Vá para o castigo.

Nós tremiamos de raiva — raiva do *Fuinha*. Minutos depois, tocou a sineta do recreio. Descemos, em fôrma, dois a dois, como um batalhão. Mas assim que chegámos ao pateo, mal o inspector dêra a ordem para debandar, ouviu-se um formidavel sopapo, que o 63 applicava na bochecha do *Fuinha* e todos, com a furia em que estavamos, cahimos-lhe em cima aos socos, aos pontapés...

O Director, chamado, veio a saber a realidade do facto e, fingindo-se embora muito zangado, deu-nos um simulacro de punição.

O Raposo tinha conquistado a estima geral. Fez-se respeitar pela brandura, pela delicadeza com que nos tratava. Não collegios, um dos motivos por que os inspectores não infundem respeito aos alumnos é pela sua habitual ignorancia : são para os meninos um motivo de troça. Com elle, porém, não succedia isto. Era para nós um auxiliar um tiraduidas solícito, bondoso, instruido, que sabia explicar as cousas claramente. Do seu antigo officio de jornalista ficára-lhe uma certa elegancia de linguagem. Se havia um que rara-

mente o consultava : era o filho ; o velho evitava que o accusassem de preparar as lições do pequeno. Este, porém, intelligente e applicado, só tinha notas *boas e optimas*.

Todas estas virtudes do Raposo não impediam que nós brincássemos, que lhe dêssemos sobejos motivos de aborrecimento : travessuras naturaes, que não podiamos reprimir.

O velho inspector sahia de 15 em 15 dias com o filho. Guardava sempre um dinheirinho daquelles magros 25\$, para leval-o ao theatro, para fazel-o passear, para vestil-o com esmero. Quanto a si, era de uma avareza inacreditavel : teve uma sobrecasaca que lhe durou tres annos ! Não se encostava nem na cadeira nem em parte alguma, para não gastar a roupa. Ao sentar-se, forrava a palhinha com um jornal para assim poupar mais as calças. Chegava, ás vezes, a ficar com uma cabelleira de nazareno, afim de economisar, emquanto fosse possivel, a despeza necessaria com o seu córte. Apesar de tudo, era asseiadissimo. Por mais surrada que estivesse

sua roupa, andava sempre sem um grão de poeira, limpinha, escovadinha, direitinha. Mas a avareza que tinha para si era compensada com os milagres de prodigalidade que fazia para o filho! Os magros 25\$ do seu ordenado cresciam, multiplicavam-se, chegavam para tudo. Vestia o Raposinho com apuro, dava-lhe quanto precisava, desde os livros de classe até os brinquedos. Meninos muito mais ricos do que elle — e quem o não era! — não apparentayam o bem-estar que elle mostrava. — Era devéras a perola do collegio.

Fomos de anno em anno até o fim do curso. Fizemos os ultimos exames, completámos os preparatorios. O Raposinho teve excellentes approvações.

Para commemorar a sahida de cada turma, o Director dava uma pequena festa. Quem viu em qualquer parte uma dessas festas escolares já sabe qual é o seu padrão invariavel. A nossa foi como as outras. O Director teve, porém, uma ideia delicada : mandou fazer para cada um dos que saiam uma especie de fé de

officio, caderno de todas as notas escolares. Era um livro de folhas de pergaminho. Cada folha tinha sido consagrada a uma aula. Transcriptas todas as notas, havia em baixo a assignatura e uma phrase de saudação do professor respectivo. No frontespicio, o retrato do Director. Na ultima pagina o da turma que completava o curso. O livro estava ricamente encadernado, fechado em um estojo de marroquim. Seria mais tarde uma agradavel lembrança da vida collegial.

A entrega tinha de ser feita em uma sessão solemne : musica, discurso do Director e de um professor, resposta de um alumno, a seguir a dadiva dos premios — primeiro aos da turma mais adeantada, depois ás outras.

Nesses dias a vasta sala de recepções enchia-se com as familias dos alumnos; era uma festiva multidão de moças, senhoras, de graves sujeitos encasacados e enluvados. As familias dos que terminavam o curso, tinham logar á parte, bem á frente. O Secretario do collegio chamava o premiado, o Director entregava-lhe o livro, dava-lhe com um

falso ar paternal um beijo na testa e o menino voltava para junto do pae ou mãe, que o abraçavam ruidosamente.

Contava-se de um pequeno, estudioso mas endiabradissimo, o 72, que só para pregar uma peça ao Director quando o fosse beijar, esfregara na testa, minutos antes de receber o premio, um dente de alho! D'ahi por diante o Director passou a dar uns beijos mais circumspectos, mal roçando os labios na testa de cada um.

Apezar do convencionalismo de tudo aquillo, apesar de conhecermos, ponto por ponto, como correria cada um dos detalhes da festa, ella nos punha num jubilo louco. Demais, era para o resto dos collegas o momento das férias; para nós — uma turma de quinze — a sahida definitiva.

O Raposo estava radiante de alegria. Tinha tido, dias antes, uma preocupação : que faria do filho? onde iria elle morar, enquanto cursasse a Faculdade de Medicina?

Felizmente, tudo se resolvêra do melhor modo. O Director o aceitára como professor de Historia, tendo apenas direito a casa e comida. Por outro lado, entretanto, os ordenados do velho ficaram elevados a 60\$000 — 60\$000, uma fortuna!

N'aquelle dia, o inspector inaugurou uma fatiota nova : sobrecasaca e collete pretos, calças claras. Tinha uma gravata elegante, botinas de verniz, estava pimpão, catita, janota... Mais do que isso : parecia haver arranjado uma cara tambem nova!.. Não porque tivesse feito a barba e cortado o cabello, que estava aparadinho com toda a correção, mas porque os seus mansos olhos de cão batido eram bem outros : rutilavam, tinham o desusado brilho de uma alegria, de que ninguem os vira jámais revestidos : eram olhos de triumphador!

A noticia de que o Raposinho ia ser professor divulgou-se logo no collegio. Todos olhavam sorrindo para o futuro cathedratico com apenas os seus dezoito annos de idade. É verdade que elle fôra alumno distinctis-

simo. Mas a transição não deixava de ser muito brusca. Demais, elle alli estava franzino, pequeno, delicado, — e todos nós lembravamos do antigo professor, um velho alto, corpulento, sempre lambusado do rapé que lhe pingava do grande nariz rubicundo.

Tivesse embora, um mez depois, de vir a ser o Senhor Professor, o Raposinho seguiu, como nós, para a sala de estudo. O Director temia que os pequenos sujassem a roupa, que os maiores se espalhassem fumação ás escondidas pelos cantos da casa e mandou que todos ficassem alli sentadinhos á espera da festa, que devia começar ás 11 horas em ponto.

Fomos. O Fuinha lá estava, desesperado com a noticia de que o Raposinho ia ser um dos seus professores, olhando-o com olhos perversos de colera e inveja.

Na mesa, o velho Raposo tinha uma physionomia cheia de contentamento. Não havia quem não houvesse notado as suas calças claras, absolutamente escandalosas, porque até então ninguem o vira sinão de preto. Na sala, o silencio não era grande : as conver-

sas entre vizinhos tinham sido permissivas. De quando em quando, um menino, levantando-se, approximava-se da mesa do inspector, afim de pedir-lhe, segundo a phrase consagrada, « *para ir lá dentro* »...

Afinal chegou o momento da festa. O salão nobre encheu-se. A musica tomou o seu lugar numa saleta ao lado. Havia um reboliço de leques, de plumas de chapéos em cabeças de moças... Aromas diversos espalhavam-se pelo ar, já das flôres, que se estendiam em festões, já dos pequeninos lenços femininos agitados a cada momento... A musica tocou em surdina uma valsa dengosa, que parecia enroscar-se em meneios languidos... Houve uma pausa... O rumor das conversas fazia-se mais alto... Todos nós tomámos logares; entraram os professores. A musica vibrou de novo. Acabada ella, seguiu-se o discurso do Director e depois o do professor incumbido de saudar-nos. Era um velhinho, lente de rhetorica, tremulo e fanhoso. Começou em latim com uma phrase de legua e meia : « *Hæ studia adolescentiam alunt, senectutem oble-*

ctant, secundas res ornant, adversis solatium ac perfugiunt prebent, delectant domi, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur, rusticantur.» Nós tínhamos ouvido isso dez vezes, vinte vezes, cem vezes : nenhum ignorava essa apologia do estudo, sabíamos que era de Cicero, conhecíamos sua analyse grammatical e logica, estávamos fartos d'ella! O velho deu o seu recado como poude, teve palmas, a musica tocou uns compassos de qualquer cousa e seguiu-se, com a palavra, o Raposinho.

Quero crêr que tenha dito as banalidades naturaes : creio tanto mais, quanto no momento achei-o sublime. A sua emphase juvenil contrastava, porém, com o ramerrão monotono do velho lente. Fizemos-lhe uma ovação. A orchestra deu-nos mais uma fatia de musica, para indicar o intervallo, e começou então a distribuição de premios.

Fui eu o primeiro chamado. Ouvi lêr a minha fé de officio — que por signal não fôra nos primeiros annos um prodigio de brilhantismo. — O Director disse-me as vagas phrases

paternaes do estylo, deu-me o beijo habitual e despachou-me com o premio debaixo do braço. Saí como um conquistador, commovido, e caí nos braços de meu pae, que me esperava. Era de praxe que « nesse momento solemne » a musica tocasse os primeiros compassos do hymno brasileiro. Assim se fez. A cerimonia continuou.

N'isto, com um gesto discreto, vi que o Director me chamava.

— Olhe, meu filho, você tenha paciencia, não está aqui ninguem que possa me fazer este favor : vá lá dentro e peça a *seu* Raposo que venha, porque é a hora de dar o premio ao filho delle...

Estavamos no intervallo entre o segundo e o terceiro alumno. O Raposinho era o quarto. A distribuição proseguiu. Corri todo o collegio. Perguntei a criados, a empregados, a quantos encontrei pelos corredores, dos raros que não estavam na sala. Ninguem sabia. Ouvi a musica voltar ao hymno. Quando, porém, cheguei a uma porta para verificar si o velho tinha entrado, o Director pulára o

nome do Raposinho, chamára o immediato, que acabava de receber o premio e estava nos braços do pae, abraçado, afagado... O velho alisava-lhe os cabellos com um gesto de meiguice maternal...

Sai de novo á procura do Raposo. Bati os dormitorios, os refeitórios, até o recreio, até a cozinha! Duas ou tres vezes voltei á sala ao ouvir a musica. Nada! O Director ia deixando o Raposinho. Os que saíam lá estavam recebendo os agraços de mães, de irmãs... Eram beijos, eram risos, eram abraços...

Afinal, descobri o Raposo.

Como o descobri!

Espiei pelo buraco da fechadura do gabinete de physica e lá o vi espreitando tambem pela da porta, que communicava para o salão. A porta ficava justamente ao lado da mesa do Director : d'alli elle via tudo. O Raposo estava de sobrecasaca e collete, mas sem as calças : as abas da sobrecasaca caíam sobre as ceroulas. As calças, tinha-as elle penduradas no braço.

O Fuiha no momento em que saíamos da sala de estudo, havia tomado uma penna molhada em tinta e sorratamente salpicado as calças claras do inspector. Quando o velho ia entrar no salão, um collega fez-lhe notar o facto : sobre o fundo cinzento claro cinco ou seis manchas pretas destacavam-se bem na frente. Não podia assim assistir á cerimonia. Ao perceber a cousa, as lagrimas saltaram-lhe dos olhos. Fechou-se n'aquelle gabinete, tomou uma escova e, tiradas as calças, começou a lavar as nódoas para vêr si ellas saíam. Não foi possível! — N'isto, a solemnidade começára.

No momento em que o surprehendi, nada era mais grotesco do que vêr aquelle velhote, de sobrecasaca e ceroulas, em um dos braços as calças e no outro a escova, espiando por um buraco de fechadura!

Pobre diabo! Até n'aquelle dia o caiporismo o perseguia! Todos tinham o direito de gosar o triumpho de seus filhos, todos podiam abraçal-os, beijal-os... Só elle alli estava — preso, ridiculo...

O Director foi dando os premios a um por um. E era sempre o mesmo espectáculo, as mesmas demonstrações de alegria dos parentes jubilosos!

Afinal, chegou a vez do Raposinho. O Director tinha-o reservado para o fim. Não vendo chegar, nem eu, nem o velho e não faltando mais ninguem, teve de chamal-o.

Chamou-o, entregou-lhe o que lhe cabia e, em honra d'elle pronunciou um pequeno discurso, annunciando que aquelle rapazola ia ser um dos professores do collegio. Disse o seu merito, o seu amor ao trabalho, o seu nobre character — e abraçou-o com effusão. Houve palmas — muitas palmas... A musica, para dominal-as, vibrou mais forte... O pobre-sinho, entretanto, acanhado, esteve um momento, perplexo, no meio da sala, sem saber bem para onde devia ir... Nem um só dos collegas deixára de ter dois braços a que se acolhesse : só elle não os achava! Não comprehendia a ausencia do pae. O coraçãozinho batia-lhe de emoção e susto...

E durante esse tempo, a olhal-o pelo buraco

da fechadura, chorando de orgulho e pezar, o Raposo, cada vez mais grotesco, estendia ao filho, em tregeitos mudos, como si elle os pudesse vêr, os braços em que o queria apertar n'aquelle momento! As lagrimas, que lhe caíam em fio, elle as ia limpando distrahidamente nas calças claras, manchadas pelo Fuinha...

PALESTRA A HORAS MORTAS

Ao Dr Bricio Filho

Estávamos no quarto cinco rapazes atentos e silenciosos. O que se deitára, no sofá, os olhos no tecto, tirando beatamente fuma-cinhas curtas e pardacentas do charuto co-roudo de um zimbório de cinza alvissima, era o Lucio, um gorducho, estudante de medicina. De vez em quando, tinha alguma pilhe-ria para cortar a narração dos outros.

No quarto, onde as palavras, ora escorre-gavam, monotonas, ora explodiam sonoras, dos labios dos narradores, havia por momentos interrupções de gargalhadas, applau-dindo as graçolas do Lucio. Verdade seja que o patife as tinha excellentes!

O Heitor, um da Polytechnica, que, montado em uma cadeira austriaca, se divertia a fazel-a balouçar sobre os dous pés posteriores, era sempre dos primeiros a abrir em formidaveis explosões de riso, logo seguidas pelas do Andrade e do Carlos, dous outros de medicina.

Eram onze horas da noite. Desde as nove alli estavamos. Tinhamos projectado um passeio de barco pela bahia de Botafogo, em grande troça, mas o luar — um luar esplendido que nos entrava nos calculos — desfi-zera-se em enorme aguaceiro.

Assegurava o Andrade que as onze mil vir-gens deviam estar tomando banho. E o cavai-gnac negro — mais do que negro, luctuoso e tragico — corroborava de tal fórma a asser-ção que a pilheria soava com um clangor sy-billino de dogma. Dir-se-ia que um appendice d'aquelles tinha alguma cousa de pontificio, de infallivel.

Como a chuva ameaçasse reeditar o diluvio, o Lucio propoz que, abrigados áquella arca, esperassemos o fim dos quarenta dias e das

quarenta noites, ouvindo e contando historias.

E de passagem foi aproveitando a occasião para abandallar umas allusões á pomba, que nos dévia trazer o ramo da oliveira... Muito riso, muita galhofa. E elle iniciou a série, contando uma boa anecdota, que affirmou ter lido em Armand Sylvestre.

Pura mentira. Era fertil o maroto naquelle genero *grivois*. Ninguem como elle para sublinhar qualquer malicia. Ia do conto apimentado á narração lasciva, dando vigor e colorido ás minimas cousas.

Teve um exito enorme. E, como houvesse pago o seu tributo, estirou-se de papo para cima, enquanto se discutia a quem tocava fallar.

Nisto, o Heitor annunciou que ia lêr uma poesia.

Houve protestos...

— É um crime, revestido de circumstancias aggravantes : logar ermo, premeditação, alta noite...

— Que era preferivel a morphina, regougou por cima do cavaignac o Andrade...

— Havia casos de princezas, que se ficaram a dormir annos sem conta por causa disso; a *Belle au bois dormant* adormecêra ouvindo um soneto...

Mas o Heitor humilhou-se. Deixou passar a fuzilaria de epigrammas, e disse que aquillo devia ter a gravidade de um sacramento. Pecára; queria confessar-se. Tinha preparado cinco quadras, com um trabalhão de mil diabos, e pretendia impingil-as como improviso. Mas para isto era preciso que tivesse havido luar, pois que a elle se alludia nas mencionadas quadras. Conformando-se, porém, á fatalidade, já agora queria, por castigo de « sua culpa, sua culpa, sua maxima culpa » abeirar-se do tribunal da penitencia...

E afinal leu as quadras. Solemne, o cavagnac do Andrade deixou cahir-lhe em cima a absolvição, coando as palavras em vibrações de *De Profundis*.

Aproveitando a occasião, o Caldas annunciou que tinha uma historia curiosa e verdadeira, a do Lucas : um rapaz que todos elles tinham conhecido.

Vozes pediram o Caldas : « Á scena o Caldas ! »

Dous minutos de vozeria. O Lucio perguntou, interessado, si a historia era alegre e *salgadinha*...

O Caldas, um sujeito alto e magro, declarou solemnemente que não. Era um acontecimento triste e verdadeiro, embora inverossimil.

— Quanto ao personagem, vocês o conheceram.

— O Lucas, aquelle que morreu o anno passado, um da turma de 87?

— Exactamente.

A narração começou. O Caldas tinha pretenções a litterato. Isto fazia com que alambicasse demais as phrases, imprimindo-lhes um estylo de máo gosto, avêssó á naturalidade. Assegurava, porém, que era aquelle o seu modo de exprimir-se. E foi contando quem era o Lucas : um romantico, um sonhador de ideaes. Viera estudar medicina forçado pelo pae, que o não deixou ir para S. Paulo, temendo que o rapaz se perdesse na vida de

bohemia, acervejada e livre. Os cinco primeiros annos na Faculdade nada offerciam de interessante : estudante regular, comportamento regular... »

— Eu sei, atalhou o Lucio; como o passaporte com que vim de Lisboa e em que todos os signaes foram preenchidos com esse monotono adjectivo, chegando até a dizer : côr dos olhos : — regular!

O Caldas proseguiu. No sexto anno contou como o Lucas se apaixonára pela Virginia Barros, filha do Barão de Souza Barros. E aos poucos a voz do narrador, que começára rouca, foi ganhando emphase e sonoridade :

« ... Era alta e magra, de uma magreza aristocrática. Piso de garça real : flexivel e garboso. Meneios de castellã vaporosa, commandando pelos gestos a admiração e o respeito á sua extranha belleza — belleza, em que, si não bastasse o perfil correcto e amadonado, a bocca pequenina e rubra, seria de sobra o olhar.

Conheceu-a o Lucas em um baile, vendo-a dançar freneticamente polkas e quadrilhas,

quadrilhas e valsas — e desde o primeiro passo até o rodopio ultimo do galope final — sem que um riso pudesse desannuiar-lhe a densa camada de tristeza, que visivelmente a assoberbava. Fez-lhe aquillo uma impressão extrema e, encontrando-a de novo, dias depois, em uma recita dos *Puritanos*, teve-a nas objectivas do binoculo durante toda noite.

Era tão clara e tão sincera a manifestação do seu exaltado sentimento que sob a cutis finissima parecia sentir-se a vibração doentia dos nervos excitados pela musica. Os olhos chispavam e, sem que tivessem uma só lagrima, irradiavam tão extranhamente que cada raio delles parecia impellir legiões de soluços e de preces, clamando alto, alto chorando... A batuta do regente da orchestra, como um bastão electrico, a cuja passagem se levantam em revoada pequenas cousas attraídas, tangia-lhe da alma vôos loucos de maguas e tristezas, de queixas de uma dôr tão profunda, que se diria porejar lagrimas no deslumbramento da sala. Nem voz de contralto e tenores, nem harmonias quérulas

de violoncellos tinham a intensidade d'aquelle olhar, mixto talvez — por uma extravagancia indefinivel — de luz, de som e de perfume. Mas por todo o theatro, pompeando sedas e brilhantes, maciez de velludos e de collos formosos e nús, sopitando um momento sob os attractivos da musica e da vaidade as demais paixões humanas, — por todo o theatro, só houve no seu caminho um coração capaz de entendel-o : o do Lucas.

Uma semana depois, elle encontrava-a novamente em um baile e nunca declaração de amor tão extranha e tão ardente soou entre o frou-frou das caudas roçagantes das valistas...

A sala da festa voltava-se para a bahia de Botafogo. O mar plangia, lambendo, no desanimo da vasante, as pedras limosas do sopé do paredão. Longe — como luzeiro de vagalumes — batiam palpebras trementes os lampeões da cidade. O céu, varrêra-o alguém de nuvens. Havia, como a poeira esquecida por um creado descuidoso, o esbranquiçado da via-lactea, emquanto ao derredor um anjo

prodigo atirára inconsideradamente punhados de astros, chispando fagulhas...

Elle e ella, duas almas de românticos, pareciam haurir no ambiente uma pulverisação de sonhos e devaneios. Estavam debruçados á varanda e expandiam-se longamente em confissões.

O Lucas sahiu dalli cambalaente, não sabia bem si de tristeza, si de ventura. De um desses sentimentos deliciosamente martyriantes, que são soffrimento e são goso, que são goso e são soffrimento. Conquistára uma alma de eleição : alma branca, alma de arminho. Mas arminho ensopado em pranto.

Tinha, emfim, comprehendido a tristeza que minava aquella existencia de donzella. Sabia-se irremissivelmente condemnada : era uma tuberculosa.

E, a pé, ao longo do caes, elle foi seguindo... Uma brisa muito fresca vinha do mar. A areia alvejava em larga fita. As ondas não tinham força. A besta marinha resfolegava de manso, como exhausta ao cabo de um deliquio de amor. Chegavam de longe os sons dolentes

de um canto : de tão longe que ninguém saberia si eram ouvidos, si eram apenas recordados...

A moça lhe havia contado que o seu medico declarára ao pae que ella teria sómente um ou dous annos de vida. O velho barão não queria acreditar. Talvez com um tratamento energico, dizia elle, se conseguisse alguma cousa.

— Qual, meu amigo? replicava o medico. A avó morreu com vinte e nove annos, a mãe com vinte e cinco : ella está fadada a morrer muito moça. Você fez-me jurar que lhe diria a verdade inteira, sem attenuações nem enganos : esta é a verdade.

— Mas...

— Não há *mas*... O microbio da tuberculose é implacavel... Tudo tem sido em vão. Tentativas sobre tentativas, todas se têm frustrado. Sua filha já quasi não tem o pulmão esquerdo. Mesmo do direito resta-lhe tambem muito pouco... O microbio é implacavel...

E, repetindo aquelle estribilho de fatali-

dade, o velho facultativo sahio lentamente. O ouvido da moça collado á fechadura de um quarto vizinho para não perder-lhe uma só palavra, percebeu o rumor dos passos afastando-se...

O pae, depois que o medico saiu, voltou á sala, ajoelhou-se no tapete e debruçado sobre o sofá, segurando com as velhas mãos tremulas a cabeça branca, ficou chorando, chorando como uma criança...

De então em diante uma tristeza dolorosa e pungitiva encheu-lhe toda a alma, vestindo de crepe as explosões mais brilhantes das alegrias que a cercavam. E, como todos se apercebessem do seu desanimo e lh'o augmentassem, perguntando sempre por sua saúde, ella, na obsessão da idéa que a dominava, suppoz que os olhos extranhos viam claramente o seu estado. Parecia que dos seus gestos, da sua voz, dos seus olhares sahia um rumor de canto-chão, um cheiro de cemiterio, uma visão de espectros... Si a olhavam muito, era como si dissessem, gritando por toda a parte, no rasto de seus pas-

sos : « *Esta é a que vae morrer!* » E que voluptua, que appetite excitado por cada dia de espera, o dos vermes que a tinham de devorar!

Resolveu lutar. Aquillo que lhe parecia tão claramente escripto no seu rosto jurou que ninguem o veria.

E dansou e folgou loucamente, accelerando a hora fatal, mas encobrando o seu tormento, o seu naufragio irremissivel. Queria ser como um navio a afundar-se, sem que na tolda a marinhagem, rindo e festejando, dêsse por isso.

Como Cesar, ao morrer apunhalado, cobrira o rosto com o manto, occultando por um instincto de grandeza a miséria dos esgares de dôr — ella queria cahir enrolada em estendões de flôres, em musicas de galanteios, em perfumes capitosos de salas de bailes...

Isto tudo, desde a conversa do medico, fielmente conservada, até os seus mais intimos pensamentos, ella dissera ao Lucas. E o Lucas — sonhador, em cuja alma o fermento do mysticismo catholicodormia, não de todo extincto, sentia uma grandeza extrema nesse

amor quasi ethereo, quasi irreal, com um toque religioso.

Amaram-se, exaltando mutuamente tudo o que havia de pouco commum em semelhante affeição.

O velho medico da casa, por descargo de consciencia, continuava a receitar fazendo a moça ingerir umas drogas nauseantes. Julgando-a ignorante, assegurava de cada vez que ella ia melhor, muito melhor...

Ella sorria. Triste, como um dobre de finados, soava-lhe aos ouvidos a phrase surprehendida : « O microbio da tuberculose é implacavel ».

O microbio! Ninguem sabia que desejo intenso tinha ella de o vêr! Era aquelle o seu adversario, era aquelle o sapador terrivel do seu organismo — e ella não o conheceria?!

Figurava-se ás vezes, quando em silencio, na solidão do seu quarto, vêr a legião dos animalculos, pullulando, formigando, rastejando sobre a massa rubra dos pulmões. E por um grotesto sinistro de imaginação, na

sua ignorancia, o que a idéa lhe lembrava era um queijo coberto de bichos.

O pulmão seria como um queijo vermelho e sangrento, roído pelos microbios... Da primeira hemoptisis colheu com cuidado o sangue e apurou de balde a vista, julgando infantilmente que poderia distinguir qualquer cousa.

A decepção augmentou o desejo. Uma tarde, entre a critica de uma festa e uma anedota graciosa, expoz ao Lucas a sua vontade. Sorrindo, com o sorriso desolador de uma ironia de martyr resignada, contou-lhe de outra vez, um pensamento phantastico que lhe acudira : — Ella parecia uma mina. Por uma das galerias — a dos pulmões — mineiros activissimos trabalhavam incessantemente. Breve estaria morta. Novas turmas de operarios, os vermes, se abateriam sobre o seu corpo. Que alegria — como nas minas de carvão ou gesso — quando as duas turmas de mineiros se encontrassem, uma seguindo de dentro para fóra, outra de fóra para dentro. Alleluia ! Alleluia ! A sua carcassa pôdre

vibraria com a festa dos vermes tripudiando sobre as carnes decompostas!

O Lucas sahio atterrado. Que imaginação sinistra a daquella pobre victima! Nada lhe prometteu. Illudiu-lhe as instancias assegurando que era muito difficil, que era preciso um microscopio muito aperfeiçoado, impossivel para elle de obter. Além de tudo, tornava-se necessario um preparo chimico especial para colorir os microbios e elle não o sabia fazer. Mil outras difficuldades...

A moça deixava passar algum tempo e voltava a insistir. O Lucas teve de prometter. Não bastava, porém, que fosse qualquer sangue.

Ella queria do seu. Queria vêr, não outros, mas os seus proprios inimigos. Lucas conformou-se. Levou o sangue, preparou a cultura especial, coloriu á violeta e ficou de trazel-a na quinta-feira. Precisamente era a vespera da collação do seu gráo de medico.

O microscopio veiu sob um pretexto qualquer. O barão devia ignorar o capricho da filha.

Quando o Lucas entrou, achou-a de cama, Tinha tido uma grande hemoptisis, mas occultou-lhe.

Era uma pontinha de febre — assegurava a sorrir. As maçãs do rosto, queimando, protestavam contra aquella alegria. O Lucas, ao apertar-lhe a mão, sentiu que abrasava. O olhar tinha uma vivacidade phantastica e alucinada. Fez que chamassem o velho medico, apezar dos protestos della, sempre risonha.

Isso não impedia que elle mostrasse a preparação, dizia a moça. Foi necessario ceder. Armou o instrumento, focalisou com cuidado, voltando o espelhinho para a janella aberta e mandou-lhe olhar. O microscopio estava sobre uma cadeira, á direita da cama. Mesmo deitada, debruçando-se um pouco, ellã collou a vista á ocular.

O quê! era aquillo!? Uns bastõesinhos roxos, alguns mesmo figurando antes uma successão de pontos do que um todo continuo, — alli mesmo, com um augmento de mil e quinhentos diametros, quasi imperceptiveis! Era aquillo? !Admirava-se que elle o affir-

masse : « os microbios da tuberculose são assim »

Parecia-lhe uma humilhação morrer vencida por aquelles infinitesimales ! Não pode olhar muito tempo. A febre crescia. Chegou a quarenta, a quarenta e um, a quasi quarenta e dous gráus... O medico veiu. Chamou o Lucas á parte e disse-lhe com muitos rodeios que a noiva morreria infallivelmente, nessa noite, ou na manhã seguinte... Elle não teve uma só lagrima, não articulou um som : a angustia tolhia-lhe a garganta como um guante de ferro. Ficou á cabeceira do leito com uma obstinação feroz e sombria.

A moça delirava.

Via-se noiva. Ia entrar na egreja. Quando dava os primeiros passos, o orgão immenso, com um trovão de apocalypse, fazia-a parar aterrorisada. A musica assombrosa cantava : « *Esta é a que vae morrer ! Esta é a que vae morrer !* »

Apezar de tudo, um padre celebrava a missa. Quando elle ergueu a hostia, — a hostia, illuminada vivamente, reproduzia a objectiva

do microscopio, cheia de traços roxos : os microbios da tuberculose. As linhas do missal eram cordões negros de vermes. Cada vez mais forte, o órgão clamava ensurdecidamente : « *Esta é a que vae morrer* » — Então, como uma surdina, como a visão dos que do inferno enxergam o céu aberto, mas irreparavelmente perdido, surgiam-lhe reminiscências de festas : valsas languescendo ao compasso da musica em espiraes tortuosas... vôo estonteante de perfumes... hymnos de ventura, hymnos de amor... hossanas de gloria e mocidade e vida... galanteios ouvidos outr'ora : « *Como V Ex. está formosa!... Posso merecer á sua distincção de rainhá a honra desta valsa?* » ... E as flôres pareciam despeitadas da sua belleza!... Bailes, festas, pompas de theatro, sedas e velludos, rubis diamantes...

Mas agora, dominando tudo, os tubos do órgão mugiam o estribilho formidavel : « *Esta é a que vae morrer! Esta é a que vae morrer!* »

De subito uma onda de sangue espumou-

lhe aos labios, como á bocca ferida de um cavallo, apoz a carreira. O sangue jorrou, purpuro e claro, cantando a symphonia alegre do vermelho. A febre cedeu um pouco. Ella pareceu descançar.

Passára a noite. Vieram procurar o Lucas para ir tomar o gráo. A mãe e a irmã, que haviam chegado de Minas expressamente para a cerimonia, appareceram-lhe já vestidas de sedas caras, tendo á porta a esperalhas uma berlinda puxada a cavallos brancos. Elle, completamente doido, mandou-as embora com uma brutalidade de allucinado. E, em um instante, na vertigem de um kaleidoscopio electrico, todos os seus longos estudos de seis annos, os melhores da mocidade, appareceram-lhe de uma esterilidade desoladora. A Sciencia? A Sciencia que se orgulha de marcar o volume de Jupiter, de determinar a orbita de um cometa que voltará daqui a centenas de annos — a Sciencia como se lhe representou miseravel! A torre dos volumes cresce todos os dias, mais alta que as pyramides, mais alta que a Babel dos sonhos

antigos... São livros doutos, cheios de observações... Quando um volume novo se accrescenta á columna, parece dizer : « Aqui o verme não cnegará ! » Mas, a desafial-o, o *Infinitamente Pequeno* trepa-se lá em cima á cantoneira de marroquim, ao dourado das paginas. E o seu rasto pegajoso e visguento é como a baba de uma bocca que ri muito, que ri ás escancaras... Ri do esforço humano, ri da Sciencia, ri da Vida... -- E pensou que, amanhã talvez, fosse arrancar á morte um ser, inutil ou perigoso, um bruto qualquer, um selvagem meio escondido sob a mascara de homem civilisado, emquanto ella, a sua pobre noiva, tão boa e tão formosa, apodreceria na frieza do sepulchro, dando ao pasto das larvas tacos da sua carne, hoje rosea, amanhã verde-negra... Gritou de novo á mãe e á irmã que não ia, que não se doutorava em nada...

O medico receitára injecções de ether. Era a hora marcada. Fez com que as duas mulheres saissem, fechou a porta violentamente e veiu fazer a injecção com uma deli-

cadeza infinita. Apenas as mãos tremiam-lhe um pouco.

Nisto, uma nova onda de sangue ressumou aos labios da moça. Elle — como a primeira cousa que encontrou á mão — tomou do copo de cristal posto á cabeceira e aprou ahi a hemoptisis. Era um liquido puro, de uma côr sonora e triumphal, um vermelho cantante, de saude e mocidade. Com o copo em punho, cheio de sangue, teve de subito uma idéa : — bebeu-o ! Morreria da mesma morte que ella, roído dos mesmos vermes...

O velho barão com os olhos estupidamente fitos em tudo aquillo, aniquilado pela dôr, teve um salto vigoroso, apesar dos jarretes entorpecidos pela idade e pelas molestias. Era tarde. Restava o copo, sujo de um desses vinhos cheios de borra, toldados e máos, que mancham o vidro... Ao bigode louro do Lucas coalhos pequenos de sangue tremiam, pendurados..,

A moça moveu-se. As attenções voltaram-se para ella. Um balsamo de paz ungiu-lhe o rosto, agora sereno e beatifico. Os braços

levantaram-se na intenção de um movimento, mas cahiram logo... A arca emmagrecida do peito pareceu erguer-se muito, mas baixou com um pequeno suspiro... Imobilidade absoluta. O Lucas precipitou-se allucinadamente a cobrir de beijos o rosto da noiva, deixando, onde os seus labios pousavam, borrões sanguinolentos...

Morta, enterrou-se no dia seguinte, um dia esplendido de sol. Menos de uma semana depois, o Lucas a seguia. A tuberculose tomára nelle uma fôrma galopante, tendo rejeitado todo o tratamento e ardendo em uma febre louca.

O Caldas acabára a historia. Meia-noite. A chuva passára. O luar, já então esplendido, coando-se de um orificio da janella sobre o tapete junto ao sofá em que estava o Lucio, parecia pendurar ao pescoço de leão, bordado a lã vermelha, um largo medalhão de prata...

A ESCADA

A Manoel Bomfim.

O engenheiro voltou para casa ás 3 horas da tarde. Achava-se fatigadissimo. A molestia da mulher tinha sido breve; durára apenas tres dias, mas tres dias terriveis. O desfecho lugubre, os preparativos do enterro, o saimento — tudo isto déra causa a tantos trabalhos, tantas emoções, que elle estava alquebrado.

Vinha do cemiterio. Lá, como em casa, supportára os abraços, as demonstrações fingidas dos convidados. De um que o apertára mais fortemente, com um gesto convencional de tristeza compungida, surprehen-dera uma phrase cruel : « *Elle vivia mal*

com a mulher. » Teve vontade de explicar o caso. Para que? Seria um escandalo inutil. Conteve-se. Era melhor que cada um o julgasse como entendesse... E, pois que hypocritamente todos se mostravam seus amigos, tambem como amigo, hypocritamente, elle devia receber aquellas manifestações. Era o dever social acceito e cumprido.

Que elle tivesse vivido mal com a mulher, não fôra jamais exacto. Sem duvida esse segundo consorcio não corraera tão bem como o primeiro. Ainda assim, fôsem quaes fôsem os seus desgostos, elle os soubéra recalcar no fundo da alma. E, apezar de tudo, natureza intimamente amorosa, estimava a mulher, cercava-a de mimos, de carinhos.

Da primeira vez estivera casado por seis annos -- seis annos de idyllio, entre conjuges que mais pareciam namorados. Dois filhos nasceram : o Luiz e a Margarida. Esta, a mais velha, tinha, quando a mãe morreu, pouco mais de cinco annos. O Luiz festejára um mez antes o seu terceiro anniversario. Ambos alegres, vivos, sadios, punham na

casa uma vibração constante de alegria. Desde a manhã até á noite espalhava-se pelas salas, pelo jardim, por toda a parte, um rumor de grandes risos infantis, de correrias de crianças. Margarida, que ás vezes passava ao collo suas grandes bonecas com o recatado cuidado de uma mãe de familia, — outras vezes, ao contrario, mettia-as em um carrinho de madeira e fazia-as andar n'uma desfilada vertiginosa, ora pelo jardim, ora pelos corredores da casa. E era um alarido enorme, quando as pobresinhas caíam. Ella ouvira contar a historia de um carro, cujos cavallos tinham desembestado furiosamente, resultando d'aqui a quédia e a morte de uma moça. Desse dia em deante, por varias vezes, as suas bonecas foram victimas de equal catastrophe. Felizmente, mesmo quanto tinham morrido, minutos depois apresentavam-se promptas para novas aventuras!

Com o Luiz, Margarida tomava ares protectores de ama vigilante — o que não a impedia em outras occasiões de suggerir-lhe traquinadas ineditas. Fôra ella um dia quem

o mettêra na prateleira de um armario vasio, só para fazer uma surpresa ao pae. Mas, emquanto fôra chamal-o, o Luiz, sentindo-se suffocado, quebrou com o pé a porta de vidro do movel. — Como esta, citavam-se outras diabruras, cuja responsabilidade lhe cabia. Mas os dois irmãosinhos adoravam-se.

O engenheiro, quando a primeira mulher morreu, teve um desgosto immenso. Envelheceu. Mais do que nunca — único allivio no seu extremo desconforto — redobrou de caricias aos filhos. Deu-lhes uma governante ingleza, mulher dedicada, mas de um natural severo e triste. Embora, entretanto, não tivesse razão de queixa, porque ella cuidava dos meninos, velando pela sua instrucção, parecia-lhe que as crianças precisavam um pouco mais : uma atmosphera de carinhos, um desvelo maternal que as cercasse a cada instante. Aquella frieza pesava-lhe. Por tudo isto, um anno depois da primeira mulher ter morrido, elle casava-se de novo.

A nova esposa nem era moça, nem bonita, nem rica. Pareceu, porém, ao engenheiro

que, exactamente por não se tratar de uma mulher extremamente joven, poderia supprir para seus filhos a mãe que lhes faltava.

Foi um engano, um terrivel engano. No dia em que Margarida viu a madrasta, refugiou-se nos braços do pae, chorando, com um medo, uma antipathia tão caracterisada, que a nova mulher do engeheiro nunca mais o poudes esquecer. Alma perversa, guardou rancor á criança por esse primeiro movimento. O marido, fallando da filha, gabára muitas vezes a sua extrema affabilidade. Por isso mesmo, a brusca repulsa, o instinctivo recuo d'aquella alma timida de criança maguaram-lhe profundamente a vaidade. Passados os primeiros dias de casamento, fez-se aspera para a menina. Ao principio, como a querer compensar essa rudeza, enchia de affagos o Luizinho. Mas o Luiz não podia, quando a irmã estava triste, deixar de ir para o seu lado. E, sendo a madrasta a causa das tristezas della, o pequeno veiu a ter-lhe a mesma antipathia que Margarida. — Foi então, de parte a parte, a guerra declarada.

Que guerra podiam entretanto fazer as pobres crianças! Nenhuma. Soffriam a toda hora os vexames, as reprehensões, o máo humor constante da madrasta.

Quando o engenheiro comprehendeu essa desgraçada situação, teve um desgosto intraduzivel. Vivia, triste, acabrunhado. Tinha, é certo, um amor louco pelos filhos. Mas, a despeito disso, estimava a mulher. Sentia, comtudo, a absoluta impossibilidade de conciliar-os. Nem elle podia forçar a madrasta a melhores sentimentos a respeito dos enteados, porque via a incompatibilidade irreductivel della e delles; nem tão pouco transigia em forçal-os a qualquer humilhação. No conflicto, era quem mais soffria.

Procurou de novo a governante. A vida das crianças fez-se á parte; era apenas ao almoço e ao jantar que todos estavam juntos. Mesmo isto ao cabo de algum tempo foi preciso cortar. Como elle, durante as refeições, conversasse muito com os meninos, indagando o que haviam feito, tendo sempre um gracejo, uma idéa jovial — ella irritava-

se. Guardava a hora da mesa para recapitular as contrariedades, os aborrecimentos caseiros. Apesar dos pequenos viverem sempre ou em passeio, ou num pavilhão isolado do jardim, onde brincavam quasi todo dia, a madrasta ainda achava motivos de reprehensão. E eram na mesa ralhos intermináveis. Aquelle momento, em que o engenheiro queria a qualquer preço um pouco de alegria, passava amargurado com essas pequenas miserias.

Certa vez o pae surpreendeu os dois pequenos no quarto de toilette. Fallavam baixinho, combinando qualquer cousa. Elle ficou-se a espial-os. A menina pôz-se em face de um espelho grande e disse ao irmão :

— Olhe, Luizinho, você ralhe commigo, zangado, batendo o pé.

O Luiz ralhou, imitando as censuras habituaes da madrasta. Durante esse tempo a menina, ora se fazia triste, ora chorosa, ora indifferente. O engenheiro não comprehendia. Entrou ; pediu explicações. Instada, a pequenita lhe disse. Quando a madrasta a

reprehendia, não sabia o que fizesse. Si se deixava estar com a expressão séria, ella a accusava de tornar-se « *trombuda e furiosa* »; si ficava sem alteração na physionomia, chamava-lhe « *descaradinha e sem vergonha* »; si chorava, censurava-a mais ainda, porque estava « *abrindo a bocca n'aquella chora-deira fingida* ».

Foi por isso que pensára em estudar deante do espelho a apparencia que devia tomar, e viera para alli com o Luiz.

Aquella triste comedia infantil arrancou lagrimas aos olhos do engenheiro. Beijou, beijou loucamente a filha e o filho. Ambos — a menina principalmente — cada vez o adoravam mais. Entre a gelida figura da velha miss e a hostilidade franca da madrasta, elles se refugiavam na ternura infinita do pae, no qual adivinhavam obscuramente um companheiro de infortunio. Elle chamava-os para o seu gabinete, dava-lhes brinquedos, acumulava-os de affagos.

Margarida tinha idéas extravagantes. Certa vez pedira ao pae para ir rezar no quarto d'elle.

— Porque, minha filha?

— Porque seu quarto é mais alto, papae...

Explicou então que Deus, morando no ceu, ouviria com facilidade maior o que se dissesse em um ponto mais elevado, mais vizinho do azul.

O engenheiro tentou desconvençel-a. Mas que Deus chegasse a estar em todos os lugares simultaneamente não podia ella comprehendêr. Nunca vira nenhuma pessoa fazer igual proeza.

Os aposentos do engenheiro ficavam effectivamente no andar superior : uma vasta sala e dois grandes quartos. A sala servia de dormitório.

Foi para ahi que, ao voltar agora do enterro, o engenheiro acabava de entrar. As crianças desde pela manhã estavam brincando no quintal. Havia perto de sete mezes que não apanhavam em casa occasião como aquella.

Sete mezes... Que longos sete seculos! Não mais durára a madrastra. Logo ao fim do primeiro mez, sentira-se grávida. Ao setimo,

com uma albuminuria grave, phenomenos de eclampsia se manifestaram e ella succumbiu.

Por mais ternos, por mais meigos que fôsem, é força confessar que os meninos se regosijaram. Não chegavam a comprehender que o pae chôrasse tanto. Divertiram-se a vêr chegar o carro funebre, os dos convidados, todo o movimento de entrada e saída. Quando o engenheiro voltára, ninguem reparou. Estavam entretidos, jogando ruidosamente uma bola vermelha. Havia grandes risos. O Luiz, incerto nas perninhas fracas, cahia a cada instante. Mas, ou se levantasse chorando, ou sorrindo, voltava logo ao jogo.

Ia caindo a noite. Os ultimos raios do sol tingiram ao longe o cabeço de um monte, avermelharam o poente, morreram aos poucos... Ficou pela serenidade do espaço uma luz mansa e calma, diluida no ar... No pateo, cercado de arvores, havia uma claridade vaga e diffusa...

Margarida, de tanto correr, estava com as faces em braza, vermelhas, porejando, trans-

pirando calor e alegria. E uma alegria louca de criança brilhava nos seus olhos...

Loura, vestidinha de preto, com os cabelos compridos soltos para as costas, era uma visão de encanto vê-la correr, saltar, ter pequeninos gritos de prazer. O Luiz fazia o mesmo. A governante, num banco de madeira verde, lia pachorrentamente um volume inglez. Nem a tarde a attraía, nem a perturbava a algazarra das crianças. Num momento, a bola de borracha — uma bola felizmente levissima — bateu em cheio na testa de Margarida. Ella deixou-se cair, por brincadeira, enquanto o menino imitava entre gargalhadas um tiro de canhão — *pum!* Lêsta, a pequena ergueu-se para corresponder á bolada que levára. Mas n'isto um sino bateu a Ave-Maria. A ingleza empertigou-se, fechou o livro e, persignando-se devotamente, começou a balbuciar uma oração. Ambas as crianças tinham tambem cessado o brinquedo para fazer o « Pelo signal ».

Margarida estava com a bola em baixo do braço. Parou, de costas para o irmão, o rosto

afogueado, os cabellos revoltos, atirou para cima, com um movimento gracioso e rapido da cabeça, mechas de cabello louro que lhe tinham caído sobre os olhos, quando se abaixára. Pôz-se então, sisuda e grave, a fazer o *signal da cruz*. O Luiz, mais traquinas, inconsciente da solemnidade da invocação, conciliando a pura formalidade do symbolo com a preocupação de folguedo em que estava empenhado, principiou a fazer os gestos consagrados, enquanto, ao mesmo tempo, na ponta dos pés se adeantava por traz da irmã para filar-lhe a bola. Ia com uma expressão deliciosa de matreirice. Disse primeiro : *Pelo signal*, levando a mão da testa á ponta do nariz e deu um passo. Murmurou *da Santa Cruz* e, trazendo o pollegar de uma fonte á outra, deu um novo passinho. Continuou : *livre-nos Deus*, — e, como já estava mais perto, pisou mais devagar, bem na pontinha dos pés pequeninos, calçados com sapatinhos de couro amarello e meias pretas... Quando disse o *Nosso Senhor*, passando o pollegar por deante da bocca, en-

treaberta por um sorriso de malícia, era tão fixa a sua atenção na bola, que quasi se esqueceu de continuar e ficou com o braço suspenso... Mas, estando mais junto da irmã, que podia de um momento para outro voltar-se e surprehendel-o, tornava-se preciso estender a mão quanto antes, sob pena de Margarida acabar primeiro e todo o seu plano ficar gorado. Não teve duvida : acabou de persignar-se e passou a benzer-se, à canhotoa, com a mão esquerda : *dos nossos — inimigos*-fazendo os gestos ás avessas, para a esquerda... Com a mão estendida alcançava quasi a bola, quando, num instante, resmungou a toda pressa : *em nome do Padre, do Filho, do Espirito-Santo* — e dizendo : *Amen* puxou, sorrateiro, a bola de sob o braço de Margarida, que precisamente acabava n'aquelle instante, e disparou, correndo, com altas risadas, satisfeito da peça que pregára, sem muito cuidar onde acabára a oração, que elle não entendia, e onde começára o folgado, que elle entendia maravilhosamente.

Mas Margarida ficára séria. Em alguma

cousa de muito grave devia estar pensando. O intervallo para fazer o *signal da cruz* quebrára o entusiasmo da brincadeira.

A governante voltára a lêr. A pequena chamou o Luiz para um dos lados de casa. Havia ahi encostada ao sobrado uma alta escada que tinha servido, dias antes, para reparos no telhado. Estava justamente por deante de uma das janellas do quarto do engenheiro, janellas, que se achavam todas fechadas. Margarida veio com o irmão conversando, dando-lhe instrucções, que de certo deviam ser complicadas, porque ambos tinham assumido um ar muito preocupado — tão preocupado que o Luiz deixou distraidamente cair a bola e não se voltou para apanhal-a! Chegados junto á escada, Margarida ficou em baixo sustentando-a — convicta, pelos menos, de que a estava sustentando — e fez o irmãozinho subir. O pequenito galgava, degrau a degrau, lentamente, pondo ambos os pésinhos — primeiro, um, depois, o outro — em cada travessa, seguindo-se nas superiores com as duas mãosi-

nhas, que mal as podiam abranger. Parecia um insecto escalando uma haste de arbusto. Evidentemente ia com medo. Á altura da janella do sobrado, elle parou um pouco :

— Basta, Margarida?

Sua pergunta amedrontada era antes um pedido. Margarida hesitou : parecia querer um pouco mais. Afinal decidiu-se e respondeu que bastava.

O engenheiro, que estava no quarto e ouviu a voz do filho alli tão perto, approximou-se rapidamente das venezianas cerradas. Viu o menino e teve um susto terrivel. Estava a mais de oito metros do solo. O menor movimento em falso podia fazel-o cair. Pensou em abrir a janella e em fallar-lhe, mas advertiu que seria perigoso, porque o mais pequeno susto era bastante para que elle se despenhasse. Com os olhos ainda cheios de lagrimas que lhe banhavam o rosto, ficou-se, esquecido de enxugal-as, a mirar anciosamente o que o menino faria. Estava tremulo de emoção, com o coração batendo grandes pancadas, vivendo toda a

sua vida d'aquella fragil creaturinha, que um nada bastaria para precipitar por terra inanimada e que elle, si quizesse socorrer, podia fazer morrer...

Margarida disse lá do sopé da escada :

— Pede agora, *meu negro*.

E, cá em cima, agarradito aos degraus, o menino, tremulo tambem de muito medo, voltou a cabecinha para o ceu e murmurou d'alli, mais perto do azul onde Deus deve morar :

— *Meu Nosso Senhor, não deixa papae se casar outra vez...*

Estrellas começavam a apontar. A criança, cumprida a sua missão, apprehendeu a descida com os mesmos extremos de cautela, sempre segurinha com ambas as mãos. No quarto, o engenheiro comprehendeu então toda scena : era a convicção inabalavel de Margarida, convicção de que Deus d'alli ficava mais proximo, que fizera subir o Luiz para fazer aquella instante e dolorosa supplica. Sentiu um nó na garganta, um suffocamento de choro, mal reventado em grandes

soluços. Quando o menino chegou em baixo, a irmã beijou-o, e recommendou-lhe :

— Você, Luizinho, não diga nada a papae..

No silencio do quarto, já agora totalmente no escuro, a sombra da morta — morta de tão poucas horas — devia ainda errar... E o engenheiro murmurava :

— Nunca mais! nunca mais!

1899.

NOTA DISSONANTE

A proposito da representação do *Lohengrin*, discutia-se Wagner. A roda era de artistas: dois musicos, um pintor e um poeta.

Um dos musicos, maestro de nomeada, explicava a audacia com que o grande compositor aproveitára os recursos das notas dissonantes, até então inhabilmente desprezadas como não satisfazendo aos requisitos do Bello.

— E a natureza — dizia elle — que é a fonte unica de toda a Belleza, está cheia de dissonancias que, longe de a enfeiaem, mais contribuem para enche-la de vigor e brilho...

O pintor, o Gustavo Canto, interveiu na conversa:

— Já que vocês estão falando de dissonancias, eu vou contar-lhes uma historia sobre tal assumpto. E quero depois, ó wagneriano maestro, que tu, digas em que opera o teu barulhento compositor poderia aproveitar semelhante nota.

O Gustavo era o sujeito mais indifferente á musica que se poderia imaginar. Si andava sempre comnosco e vinha todas as noites ao Lyrico, fazia-o unicamente pela palestra. Durante a representação estudava as alterações physionomicas dos espectadores, levando mesmo a impertinencia ao ponto de sacar do bôlso tranquillamente o seu caderno de *croquis* e desenhar as differentes caretas de tédio ou de satisfação que notava. Felizmente, porém, para os artistas, elle tinha o applauso condescendente. Bastava que lhe dissessemos que a cousa tinha ido bem, para que nos acreditasse sob palavra e fizesse desabar um chuveiro de palmas — talvez as mais sonoras da platéa. Quanto á Tettrazini, adorava-lhe a graça, o mimo, o quê de infantil dos seus meneios elegantes. « Ainda

que ella miásse — dizia elle — eu achal-a-ia adoravel. » E applaudia com immensa convicção.,

— Vocês conhecem o Guedes Braga? — interrogou elle, á guisa de exordio.

Um « não » unanime foi a resposta. Ninguém tinha visto jamais semelhante animal.

— Pois bem — continuou o Gustavo — fazem mal em não conhecê-lo. É commendador, portuguez e estúpido como uma parede. Accumula tudo isto maravilhosamente, sendo que, de mais a mais, é riquissimo. A primeira vez que o vi foi quando o Dario veio trazer-m'o para que eu lhe fizesse o retrato, Retrato a oleo para manifestação — é inutil dizer-lhes. Em uma semana a cousa estava feita. O typo, muito feio, tinha alguma cousa de original. Não era um homem: era a idealisação de uma classe, o perfil de um commendador classico. Bojudo, excessivamente gordo, com as bochechas enormes e rapadas a esconderem quasi todo o nariz. Vista de longe, a cara delle parecia um trazeiro de criança nêdia e rubicunda. Tinha, porém, no

queixo uma verruga pavorosa, uma verruga de cabellos ruivos, absolutamente extravagante e inverosimil.

Tudo isto, com uma fidelidade digna de melhor sorte, eu estampeei na tela. Dei a ultima de mão, satisfeitissimo, e esperei o commendador, que devia vir nesse dia. Julguem do meu desapontamento, quando o vi de sobrolhos franzidos, com cara desgostosa. Indaguei o que o impressionava mal, e confessando-o com franqueza, vim a saber que não queria nem a verruga, nem os olhos empuçados, nem a gordura excessiva... Em summa, queria que eu fizesse o que a senhora sua mãi (delle já se vê...) não tinha feito: que o reparisse, catita, coradinho e bonito... Eu estava na quebradeira; decidi-me a mandar á fava o nobre amor á arte e fiz-lhe a vontade. Reduzi-o quasi a um Cupido. O commendador ficou radiante. Em compensação, era o unico capaz de reconhecer-se no supposto retrato que eu pintára. Para prevenir enganoso, arranjei meio de convencê-lo que se devia na moldura pôr o nome delle, em placa

convenientemente adequada. E assim se fez. A dez metros de distancia, antes de se distinguir um só traço da physionomia, já se lia em letras enormes o nome do bruto. Ninguém podia equivocar-se. Demais, eu tive a cautela de não assignar semelhante borra-cheira, que aliás me foi muito bem paga. E o commendador tornou-se meu amigo.

Ora, elle dizia-se apreciador de boa musica. Eu, que não sei pataviná a tal respeito, quiz a principio, ouvir-lhe as idéas. Apreciei cousas enormes, monstruosidades estupendas. Vi que, no assumpto, confraternisavamos intellectualmente em sandice. E comecei a incutir-lhe paradoxos inacreditaveis. Uma vez, que me acconteceu pela primeira vez ouvir fallar n'um instrumento chamado « fagote », convenci ao commendador que a evolução da musica tendia á eliminação dos violinos e á sua substituição pelos fagotes...

— E elle acreditou? — interrompeu, espantado, o maestro.

— Que duvida! Elle conhecia esse monstro muito menos do que eu...

— Mas é inacreditavel, é mentira tua...

— Mentira, não. Eu expliquei-lhe a cousa tão bem, que no fim estava tão convencido como elle. E apesar disto, sou incapaz ainda hoje de distinguir um fagote de um birimbáu...

O Gustavo fez uma pausa. O maestro sorria com um sorriso de duvida, absolutamente convencido que é impossivel a um homem não conhecer um fagote. Parecia-lhe isto uma monstruosidade. Duvidava. Foi talvez para poder verificar *de visu* semelhante caso de teratologia, que perguntou ao Gustavo:

— E's capaz de me apresentar a esse commendador?

— Infelizmente, já não posso, ficámos mal e exactamente por causa de musica.

Calculem vocês que uma vez o Guedes quiz á força levar-me a um concerto abominavelmente monotono. Tive de atural-o desde as 5 horas, porque o desgraçado instou para que jantassemos juntos e serviu-me um *menu* á portugueza: sopa de legumes, carneiro com batatas, feijão branco com « orelheira de

porco » e, sobretudo, um pavoroso arroz com repolho, de que me atulhou o prato. Resisti, em vão : o homem abarrotava-me. Quiz fazer-lhe comprehender que o repolho produzia em mim um effeito... um effeito, que eu não podia explicar alli na mesa... Mas o bruto foi implacavel. Limitava-se a dizer-me que o imitasse. E a garganta delle parecia um sorvedouro : ingeria sem pestanejar montanhas enormes, Hymalaias e Corcovados de arroz com o perfido legume... Foi assim preparados que nos dirigimos para o concerto. Tocava-se uma infinidade de barulheiras barbaras de Beethoven, de Listz e até do maldito Wagner.

— Maldito ! — exclamou admirado o maestro.

— Maldito, sim — repetiu o Gustavo.

Vou explicar-lhe já que razões tenho eu para isso. Calculem que se tocava um pedaço extraordinariamente barulhento. Escuso de lhes dizer que eu pensava ser uma tempestade ; todas as musicas desse excomungado allemão parecem-me descripções trombo-

nicas de furacões desencadeados. O commendador, impando de arroz com repolho, afrouxára discretamente o cós das calças e suffocava de quando em quando um arrôto no lenço vermelho, sujo de rapé. Rapé com arrôto — dá aliás um perfume inacreditavel, de que eu foi forçado a tomar muitas e involuntarissimas pitadas, graças ao effeito gazoso da digestão do repolho, com cujos effluvios o commendador odoriferava o ambiente... Elle estava, de resto, somnolento, quasi a dormir. De subito, porém, vi-o despertar e tornar-se muito attento á musica. Porque, santo Deus? Que diabo de belleza acharia elle naquella pancadaria selvagem?

Como quer que seja, a musica ia tornando-se cada vez mais forte: era um crescendo febril. Começára em « pianissimo » e fôra subindo... subindo, de um modo tal que já não se sabia onde pararia aquillo. O commendador havia ficado congesto, rubicundo como si estivesse a fazer um grande esforço e damnadamente attento. Tinha o olhar fixo de quem está firmando uma pontaria. Nisto,

zás! de repente, a musica, que tinha attin-
gido uma epilepsia de inferno, parou como
por encanto. E a pontaria do commendador
disparou... O traíçoeiro repolho ha muito que
queria rebentar. O commendador estava á
espera que a musica chegasse ao mais forte
para poder dar expansão ao *do* — não « de
peito »... de cousa, porém, muito parecida :
simples questão de uma lettra... Mas, quan-
do precisamente o clamor trombonesco tinha
alcançado o mais forte e elle decidiu-se, pen-
sando que a sua nota fundir-se-ia na baru-
lheira wagnerina, a orchestra calou-se de su-
bito... E o *do* do commendador estourou co-
mo um canhão...

Excuso dizer-lhes que abri na mais incon-
veniente gargalhada. Por mais que a musica
tocasse e de toda a parte gritassém « schio! »
« schio! » eu não podia conter-me... Tinha tido
de repente esta idéa : « Como aproveitaria
o Wagner aquella nota dissonante? » E ria
doidamente. O resultado foi que o commen-
dador brigou commigo; hoje não nos falla-
mos mais... Effeitos do Wagner...

NO SILENCIO

A Souza Pimentel.

Veiu para aquella soleira de porta logo de manhã muito cedo. Era um domingo. O sol, enroupado em nuvens cinzentas, hesitava. Não havia sopro de brisa : indecisão do ar na indecisão baça do dia nascente.

Veiu e sentou-se, roendo uma côdea de pão duro, em que os dentes ao penetrarem rangiam fortemente.

Por volta das dez horas começou a chover. Uma chuva tenue e subtil como a invasão do remorso em consciencias gastas, chegando lento a lento, muito de leve, muito devagarzinho...

Enroscou-se na sobrecasaca esburacada e

ficou quieto, amadornado. Si passava alguém, estendia o chapéu e rouquejava :

— Uma esmolinha, pelo divino amor de Deus!

E como os transeuntes não fizessem caso, andando muito apressados, elle deixava cahir a mão, arrancava ao rosto a mascara do sofrimento e ficava impassivel, seguindo as pessoas, que passavam pelo outro lado, com uma fixidez aparvalhada e imbecil. Os homens levavam as calças levantadas. As mulheres mostravam a saia branca enlameada; algumas vezes mesmo um pedaço das pernas. Corriam tilburys muito rapidos, o toldo luzente e espelhadiço, as rodas salpicando lama...

E lentamente, demoradamente, silenciosamente a chuva cahia, como uma pulverisação tenuíssima de oleo.

Passou um ébrio. O mendigo, accordando em sobresalto da modorra em que estava, articulou a supplica :

— Uma esmolinha, pelo divino amor de Deus!

Voz arrastada e triste, cheia de desanimo.

— Quê? perguntou o ébrio. E, abaixando-se para ouvir, escorregou e cahiu. Logo, porém, muito lampeiro, perfilou-se dizendo umas obscenidades que sahiam envolvidas em baforadas de cachaça, e partiu a passo militar, marcando com a voz muita grossa :

— Um... dous... Um... dous...

Pequeno espaço adeante :

— Alto, frente !

E de novo, inerte e pesado, rolou como um corpo sem vida, para erguer-se ainda e ainda cahir.

O mendigo viu-o afastar-se, mirando-o com uma physionomia inexpressiva e apagada. Depois, com um sorriso dolorosamente intelligente, murmurou em surdina :

— Felizardo!... Felizardo!...

Tinham dado quatro horas da tarde. Morria de fome e sede. Ao fundo do chapéo havia uma moeda de vintem, que lhe dera uma negra velha, e um circulo de metal branco que por gracejo ahi jogára um moleque.

Na rua os transeuntes eram rarissimos. In-

clinando-se da soleira da porta, elle via os toldos negros dos guarda-chuvas desfilando, silenciosos. Rua commercial : casas fechadas ao domingo. Em um ou outro sobrado, havia janellas abertas. Ninguem se atrevia a assomar ao peitoril. Ficavam para alli escancaradas em um bocejo insupportavel de tedio... As gotteiras tinham grossos pingos, cahindo espaçadamente sobre o granito do lagedo. Lembravam o velho supplicio inquisitorial : um padecente, a cabeça apodrecendo ao estillar continuo e compassado de uma torneira, durante dias, durante mezes, durante annos...

Aquelle domingo estúpido coava *spleen* ao ao longo dos nervos, amollentando-os...

Elle quiz levantar-se e não poude : as articulações desobedeciam... Não teve energia para levar por deante a sua idéa : a vontade morria-lhe de inanição...

Deram 6 horas. Noite escura. Appareceu um *propheta*, prendendo aos zig-zags o rosario de luzes. Cada bico de gaz tinha em torno um halos pallido e amarelento : era como uma aureola sepulchral em apotheose de es-

pectros tão lividos, que a propria luz desco-
rasse... O tenue ruído da agua — sempre o
mesmo — desaparecia a seus ouvidos pela
constancia monotona da excitação. Paz com-
pleta. Socego inteiro. Silencio...

O mendigo adormeceu um somno de inercia
e cansaço. De vez em quando, como lufadas
de ar quente em caminhos estreitos, á hora
do meio-dia, subiam-lhe tropeis de visões ao
cerebro, na meia allucinação do dormir fe-
bril.

Passou um soldado batendo muito com as
botas. No sonho, como em um gigantesco mi-
crophone, aquelle passo era uma marcha...
batalhões manobrando em revista appara-
tosa... generaes, o fardamento agalado e
novo, tesos no cavallo... ajudantes correndo
á disparada... e pelo campo a fóra seára de
espigas rútilas de prata... estrebuchar sonóro
de bandeiras ao vento...

E como o barulho das botas se perdesse a
distancia, ouviu-se de novo o murmurio da
agua. No sonho elle transfigurou-se no ru-
morejar das vagas quebradas pela quilha de

um vapor, açoitadas pela helice... Panda, a vela branca recortava-se na noite, como uma mortalha phantastica de ballada allemã em que os corpos á tona da agua vão boiando mansamente... docemente... O pharol na prôa sobre o largo dorso do oceano abria em carne viva uma chaga rubra... um marinheiro, de quarto, cantava, rondando, uma toada melancolica e ao som della sentia o mendigo que o somno o tomava, deitado no tombabilho, vendo as estrellas muito brilhantes atravez da humidade do ambiente...

E as estrellas eram simplesmente as gottas de agua irisadas pelo reflexo do gaz que elle enxergava por entre as palpebras mal fechadas...

Largo espaço de inconsciencia... Silencio completo...

Soaram horas em um tympano velho e rachado : voz fanhosa de tédio, no tédio da chuva, no tédio do Tempo, no tédio do Espaço : sons inarticulados de quem se espreguiça, bocejando... Elle começou a contar, mesmo dormindo :

— Uma... duas... tres... sete...

Sentiu que errara a conta e calou-se. Eram dez horas. Houve o rumor de uma porta que se fechava ao longe, em outro quarteirão. Um sujeito saiu. O toldo do chapéu de chuva ensopado luzia ao gaz como uma armadura de metal polido... Passos ligeiros, arranhando leve e rapidamente o lagedo; um cão magro, o rabo entre as pernas fininhas, vinha tanguido do corredor, tremulo, tiritando... Parou, farejou o pobre e de um salto, sem cerimonia, trepou-lhe aos joelhos, lambeu-lhe o rosto e enroscou-se quietinho, com arrepios de frio...

O infeliz não teve tempo para assustar-se. Aquella lingua tépida, acarinhando-lhe o rosto, na transformação do sonho, pareceu succeder gostoso de beijos de amante. Sentia-a no seu collo, quasi nua, amimando-o. Era uma formosa morena de olhos negros e rasgados, muito vivos, uma sertaneja de que elle gostára aos vinte annos e que jámais esquecêra.

Chamava-se Leonor, um nome sonoro e

bonito que lhe rolára suavemente por entre os labios de apaixonado centenas e centenas de vezes. Porque estava alli, não pôde comprehender.

Mas uma vez que assim era, uma vez que dos labios polposos e vermelhos, dos olhos cheios de treva e carinho, dos seios erectos e tumidos, das pernas soberbas e magestosas : de toda a sua carne, em summa, subia um aroma excitante de provocações voluptuosas, elle quiz abraçal-a, cingil-a estreita e demoradamente...

E começou a apertar o cachorro de encontro ao peito. O animal ganiu : no sonho elle escutava as risadas nervosas da amante, fingindo recusar-se... Apertou mais... mais ainda...

No supremo momento, o instincto de conservação reagiu : o cão, cujo focinho estava junto da guella do miseravel, cravou os dentes, desesperada e profundamente... A dôr acordou-o. Instinctivamente tambem, as mãos, n'um resto de força, em um arrauco de tenazes, crispavam-se em torno do pescoço do

animal, que se debateu um momento e estendendo a lingua arquejou de manso e morreu... Da garganta do mendigo o sangue jorrou, claro e vermelho, vestindo purpuras de morte sobre os andrajos miseraveis da pobreza. Da carótida rôta a onda vermelha despejava-se, continua. Foi um minuto : desfalleceu e morreu tambem.

Ficaram os dous como um grupo phantastico, digno de um esculptor que se chamasse Hoffman ou Poë : um mendigo morto segurando entre os dedos crispados um magro cachorro morto. Aos poucos, o rumor das gotteiras extinguiu-se de todo. Voltou a paz... refez-se o socego... o cadaver regelou-se rapidamente ao frio da manhã. As mãos que cingiam a garganta do cão ficaram enrijadas como um collar de marmore, apertando-a estreitamente...

Silencio de morte...

NOIVAS

Das aventuras de amor que se contavam em torno daquela mesa a maior parte era banal e insignificante; episodios vulgares ditos e reditos cem vezes, encontrados dia a dia na vida corrente.

De uns eram conquistas faceis e rapidas; de outros aventuras romanescas; de alguns, emfim, episodios apimentados de adulterios galantes...

Eram 10 horas da noite. Estavamos na varanda que circumdava a fazenda. Tinhamos ceiado ahi, sob o olhar protector e manso de milhares de estrellas.

A noite — uma noite de janeiro, succedendo a um dia tropical, de calor abrazador — era deliciosa.

No céu, muito escuro, não havia, entretanto, a encobrir o formigueiro de astros, um só farrapo de nuvem : apenas a via lactea, o lendario caminho dos santos, tinha realmente a brancura da poeira que naquella época do verão vestia as estradas...

O rio Parahyba, a pequena distancia, rolava — com um murmurio discreto e acariciante — o seu grosso volume de aguas.

Um sopro de brisa passava de quando em quando confundindo ao do rio o rumor das folhagens levemente sacudidas.

A' excepção do velho medico, cabeça octogenaria e alvissima, eramos todos rapazes entre os vinte e os vinte e cinco annos. Vieramos fazer alli aquella villegiatura, fugindo, aos aborrecimentos da politica e do calor e dexando as ruas da cidade pelos atalhos da matta, onde a caça abundava.

Desde madrugada, partiamos alegremente, cada qual acariciando o proposito secreto de humilhar todos os outros com proezas não vistas. Caçadas épicas, as que sonhávamos!

Infelizmente, porem, sonhavam apenas. Faltava-nos o entusiasmo quasi maniaco e a pericia verdadeiramente extraordinaria que distinguem os caçadores de raça.

Mas, deste ou daquelle modo, o tempo corria-nos magnifico.

A noite, naquellas ceias ao ar livre, era sempre uma exuberancia de alegria e festa, amplamente expandida. E então, quando aos sabbados o velho Dr. Caldas vinha trazer-nos a sua prosa alegre e espirituosa, o riso não cessava.

O medico era um typo adoravel. Sadio e robusto, apesar da avançada edade, parecia um moço pelo coração e pelo espirito.

Alma ingenua, entusiastica e expansiva, amando as boas e puras gargalhadas dos que não têm da vida remorsos e queixumes, colleccionára um repertorio inexgottavel de anedotas comicas que, melhor do que ninguém, sabia referir com infinita graça, dispondo os animos e preparando habilmente o desenlace final, saudado sempre por uma explosão geral de hilaridade.

Naquella noite já o seu contingente havia sido bem grande.

— Mas, doutor, objectou o Carlos, quando elle acabava uma boa pilheria, você não nos contou neuhuma aventura sua, propriamente sua, como nós fizemos.

— A razão é simples : eu nuca as tive. Nunca fiz concurrencia a Lovelace e a D. Juan. Por isso mesmo cheguei á velhice sem que ninguem me quizesse, solteirão abandonado, a viver minha vida cançada de medico da roça...

E sorria maliciosamente.

— Isto é bom, continuou logo após, para vocês que são moços da cidade, moços bonitos...

E voltou a sorrir, enquanto os agradecimentos choviam, em tom de gracejo,

Mas o Carlos instou : o doutor havia de ter tido alguma aventura. Ninguem se furta, quando é moço, a algum namoro ; elle havia de ter tido o seu. Demais, elle era do tempo do romantismo, das modinhas chorosas, dos

amores descabellados, dos bardos piégas; não podia ter escapado á epidemia.

Afinal, o doutor confessou que tambem ti-vera o seu peccadinho e esse — o unico — era realmente um documento romantico, embora sem furias nem desenlaces tragicos ou cavalheirescos; muito simples, ao contrario.

A historia resumia-se em uma paixão violenta, accesa em um baile, rapidamente levada á declaração e ao pedido em casamento.

Descónhecidos na vespera, tres dias depois eram noivos. Unir-se-iam dahi a dois mezes.

Neste intervallo, porém, elle teve de ausentar-se. Partiu, a alma cheia de saudades e sonhos.

A ausencia prolongou-se. Para minorar o soffrimento que della resultava, as cartas iam e vinham, transbordantes de effusões e chimeras, de scismas e devaneios...

A' noite, na evocação da saudade, lendo as phrases ardentes e ingenuas que a noiva lhe escrevia, o perfil della surgia divino,

phantastico, aureolado de luz e de belleza, como a synthese de tudo quanto havia de bello, de bom, de verdadeiro.

A fantasia de um poeta não sonhára mulher mais pura; era o ideal, realisado pela imaginação em tudo quanto ella tinha de mais sublime e mais irrealisavel.

Era um ser sobrenatural, a quintessencia de tudo o que pudesse existir de sobrehumanamente formoso... Aos poucos, o perfil real desaparecera inteiramente. A paixão divinizará-o, encarnando nelle todas as perfeições, eliminando os mais pequenos defeitos...

Veiu o dia em que elle devia revêr a noiva.

Mas de subito, uma idéa lhe acudiu. A analyse implacavel passou como um relampago no seu cerebro e mostrou-lhe que a sua noiva, a noiva real que o esperava, não podia ser a synthese de perfeições que elle sonhára, a mais bella, a mais pura, a mais santa das mulheres.

E o desengano apontou-lhe no espirito, mostrando a visão futura, as miserias da vida, as desillusões de cada dia, os desenganos

irreparáveis que envenenam a existencia e fazem um carrasco odioso e máo da mulher divinizada em um arrebatamento de loucura e paixão...

Não seria melhor guardar em um noivado ideal, em um sacrario de sonhos eternamente puros a visão que elle affagára em extases de amor? Esse havia de ser o pharol luminoso para o qual se volveriam os seus olhos quando as dôres lhe pungissem o coração; esse seria o sonho immaculado e intangível ao qual, batida pela tristeza e pelo desalento, se iria abrigar sua alma, tendo a certeza de encontral-o sempre amigo, sempre consolador, sempre divino...

E, bruscamente, sem uma explicação de qualquer ordem, embarcou-se para longe, combatido pela duvida e pelo remorso, decidido e arrependido...

— Nunca mais a vi, concluiu elle : não procurei saber noticias suas. Hoje, porém, já não me arrependo do que fiz, porque, apesar de tudo, a minha noiva, aquella com quem eu dansei uma longa noite de baile, aquella

com quem eu sonhei loucamente durante mezes de paixão, guardo-a dentro da minha saudade, noiva eterna, noiva purissima, sempre moça e sempre bella!

E a sua voz tivera ás ultimas phrases um fremito de calor e enthusiasmo...

De um extremo da planicie, que se desdobrava deante de nós, um som de canto passou, cortando a noite.

Era a voz de um immigrante italiano, dizendo, talvez no rhythmio das canções populares da sua terra, a saudade de sua noiva deixada tambem lá muito longe...

O GENERAL

Menk'hom, 24 de outubro de 1893

Fugi do brouhaha parisiense e vim metter-me n'esta pequena aldeia bretã, socegada e mansa, propicia ás meditações calmas, aos devaneios religiosos do mysticismo, aos amores cariciosos e intimos.

Andava cançado de Paris, fatigado de festas franco-russas : gritos, illuminações, bandeiras... Tudo isso me ensurdecêra e offuscára.

... São dez horas da manhã, manhã de nevoa tão densa que ainda parece madrugada. No hotel onde me hospedei já ha, entretanto, um grande reboliço. Indago do que occorre e uma criada, com a enorme coifa

branca em uso por aqui, passa por mim, atarefada e lacrimosa, e diz-me que « morreu o general. » — Que general? pergunto eu. Mas a rapariga já vai longe e fico sem resposta. Afinal lá para o meio do dia consigo encontrar um hospede palrador, que me dá profusos esclarecimentos sobre o morto.

Era um homem infeliz, um desgraçado que ha de ter sentido a maior ventura em alliviar-se da vida como de um fardo doloroso e terrivel.

Hespanhol, tinha entrado em varios dos innumerados levantes da sua terra; figurára mesmo, ainda muito moço, na guerra contra os francezes, do tempo de Napoleão. Por actos de bravura, fôra conquistando gradualmente posto por posto, temido e respeitado. Brusco, insolente, cheio de aspereza na voz e no olhar, ninguem lhe conhecia outros amores alem dos de passagem, banaes e baratos, que ligam corpos sem ligar almas, amores puramente animaes.

Afinal, a cousa mudou. O guerrilheiro meio-selvagem (velha historia, sempre nova!)

apaixonou-se por uma nervosa e languida andaluza. Não passava ella de uma menina de quinze annos, fragil corpo para ser quebrado em um abraço, belleza terrivel e robusta para quebrar e vencer a mais segura e impenitente das almas. — E venceu e quebrou a do general!

Foi assim o successo tristissimo. Tropas inimigas cercavam a aldeia de Carrasquilla, que lhe incumbia defender a todo o transe, durante dois dias, tempo necessario para que as forças legaes acudissem a pôr em desbarato os rebeldes. A tarefa não era difficil. Carrasquilla domina do alto de uma montanha larga extensão de muitos kilometros : e é isto que faz della um ponto estrategico de primeira ordem. Por outro lado, porém, o seu accesso é difficillimo : uma gorja talhada na rocha dura, erriçada de penhascos abruptos, despida de qualquer vegetação. Para impedir a subida das tropas nem são precisas armas. Ha pontos estreitos onde os homens só podem passar a dois e dois : basta empurrar os penhascos mal seguros, que bordam a es-

trada, para que elles, rolando, esmaguem os audaciosos que se atreverem a escalar a aldeia. E seria inutil procurar outro caminho. O monte é isolado e todo de pedra, nú e calvo: não ha maneira de abrir alhures qualquer passagem. O general, que fôra surprehendido pela revolta em um periodo de plena paz, tinha apenas comsigo vinte homens. Nas condições, porém, da sua magnifica situação, elles lhe bastavam plenamente. Resistiria com toda a facilidade.

O que aconteceu, todavia, nem se póde explicar bem. Medo ou traição? O certo é que sua noiva, sua doce e meiga amante, convenceu-o de que devia entregar a aldeia. Que obcecção terrivel velava o espirito do soldado! Decidiu-se ao crime. Retirou os seus homens; ficou elle sósinho a guardar o acesso e, alta hora da noite, foi-se aos inimigos e negociou, por intermedio da amante, a entrega. Que recompensa para tal infamia? Muito dinheiro e vinte mortes; os rebeldes trucidaram os vinte soldados leaes, colhidos no somno e, quanto ao general, deixaram-no atado no meio do ca-

minho, atirado entre os cadaveres, como se houvesse tambem sido tomado de surpresa.

Ao outro dia as forças legaes encontraram aquelle quadro tristissimo. O general contou-lhes que fôra surpreendido de um modo tão brusco, que nem podia attribuir o facto senão a alguma cilada. E como sempre fôra brioso e valente, acreditaram n'elle.

Mas a revolução veio a ser suffocada e o facto se soube. Preso, o infeliz contou tudo : fez plena confissão do seu crime. Por cumulo, miseravel e acovardado, rojou-se aos pés dos juizes, chorando, tendo nos olhos o terror da morte, a supplicar que lhe conservassem a vida.

Infelizmente para elle, os juizes attenderam á supplica ! Foi declarado traidor e condemnado apenas á morte civil. Que cerimonia terrivel ! A velha Hespanha, amante de pompas lugubres, de martyrios inquisitoriaes, de cerimoniaes religiosas onde o Christo, na cruz dolorosa, esquece a sua meiguice e passa a ser, franzido o rosto, um Christo-Carrasco, bom tão sómente para presidir aos autos da

fé, a velha Hespanha, mórmente na época desse facto, era a unica terra onde ainda se podia sonhar um tal castigo, em que as penalidades militares e os ritos de egreja fundiam-se estreitamente. Nem é possível aqui detalhar as minucias de um cerimonial tão imponente, quanto compenetrado de funebre tristeza.

O general, fardado em grande gala, com todas as suas insignias, distinctivos e galões, foi conduzido a um catafalco armado na praça publica. Pelo caminho, as ordenanças apresentavam-lhe armas, saudando-o. Clarins, á frente, festivos, annunciavam a sua passagem. Dir-se-ia um triumphador, recebido em toda a grandeza da sua victoria. Ao chegar ao estrado, prestaram-lhe as derradeiras honras : pela ultima vez, alacremente, aos quatro cantos da praça, as cornetas vibraram saudando os seus bordados de general.

Logo, porém, fez-se um silencio luctuoso. A multidão immensa calou até mesmo o seu offêgo : nem uma voz ! nem um susurro ! Foi então que um official se adeantou e leu a

sentença : era a degradação militar e civica ; resava mesmo o seu texto que daquella data em diante elle era um homem morto, cujo nome infame ninguem poderia pronunciar. E, acabada a leitura, o official, segundo as praxes processuaes, sempre seguidas, açoitou-o, de leve, com as costas da mão, em ambas as faces. Houve então um rufo de tambores, que durante esse intervallho tinham sido velados de crepe, e todas as armas voltaram-se para o chão, em funeral. Frades, que estavam tambem sobre o estrado, ajoelharam-se e começaram a entoar, lugubre e rouco, em cantochão, um officio de agonia. O povo ajoelhou tambem : ouvia-se apenas na vasta praça um murmurio de labios. De quando em quando, porém, a oração interrompia-se : — em côro, as vozes todas clamavam « *Miserere ei, Domine !* » O mesmo official, que lêra a sentença, levantava-se e arrancava-lhe alguma das peças do fardamento. Ao acabar, sempre de leve, com a mão espalmada, açoitava-lhe ambas as faces.

O preso, que desde o principio da cerimo-

nia estava livido como um cadaver, corava subitamente sob o insulto crudelissimo. Dez vezes o despiram de alguma insignia : o nobre chapéo armado de plumas brancas, as dragonas, os galões, a espada, a farda... Á ultima interrupção, o official quebrou no joelho a espada e, de novo, não já com as mãos, mas com os fragmentos da lamina partida, bateu-lhe pela ultima vez em ambas as faces. Um por um, os soldados da brigada que elle commandára desfilaram então por deante delle. Um por um, todos elles tomaram os pedaços da folha quebrada e bateram-lhe de leve no rosto. De cada vez o povo, soturnamente, regougava a imprecação : « *Miserere ei, Domine !* » Dos olhos do condemnado, abertos de espanto, as lagrimas corriam em fio, lentamente, sem que elle parecesse sentir, tão inerte e alheia ao mundo era a sua expressão tristissima.

Passado o ultimo soldado, um frade o despertou d'aquella apathia e chamou-o para ouvir-o de confissão. A cousa foi rápida. O povo silencioso mal distinguia um ligeiro murmu-

rio entrecortado de palavras e, dominando-o, grandes soluços despedaçadores. Soldados havia, por cujas faces o pranto escorria... Mulheres choravam no meio da multidão... Ao terminar, absolvido, recebeu a comunhão. O frade, revestida a sobrepeliz e a estola roxa; deu-lhe n'esse momento a extrema-uncção, o sacramento da morte! Deu-lh'a como se faz para os que estão no perigo mais imminente de vida. Ungiu-o com os Santos Oleos tão sómente na frente, murmurando : « *Per istam sanctam unctionem et suam piissimam misericordiam, indulgeat tibi Dominus quicquid per visum, auditum, odoratum, gustum et locutionem, tactum et gressum deliquisti.* » E grave fazendo o signal da cruz, murmurou o *Amen* final. O povo ao ouvil-o, regougou tambem, no silencio da praça, um longo *Amen* nuito arrastado... Deitaram-no, depois sem que elle oppuzesse a menor resistencia, em um caixão preto, um esquife mortuario com grandes cruces brancas : os frades entoaram então, funebre e lento, o psalmo que se recita aos

mortos : *De profundis clamavi ad te, Domine...*

Alto, mas com a voz tremula de commoção, o official que commandava, assim que elles acabaram, voltou-se para a multidão e disse : « O homem, que teve na terra um nome glorioso, hoje tão infamado que ninguem mais o póde repetir, acaba de morrer. Deus perdôe a alma do traidor! » Os tambores rufaram soturnamente, mais velados ainda. Do estrado, frades e soldados, todos desceram : ficou apenas o condemnado, hirto e immovel, como se realmente fosse um cadaver, deitado no seu esquife, olhando com os olhos fixos e sem expressão para a curva do céu, onde a sombra crescia. Formou-se então dos que sahiam longa procissão; o povo desfilou atraz da tropa que ia á frente tocando uma marcha funebre. E só, completamente só, o condemnado ficou...

Ninguem, ao romper a manhã seguinte, poudo saber o seu destino, o lugar para onde elle fugira.

A vida foi inclemente para este desgraçado. Depois desse dia, viveu ainda sessenta e tres annos, carregando o peso dessa lembrança terrivel! Foi este infeliz, que eu vim achar moribundo aós 97 annos, neste pequeno hotel de uma ignorada aldeia.

A Paulo Tacares.

« ... Estou noivo. Devo casar-me daqui a dias.

O caso póde espantar-te. Ha, porém, uma pessoa que anda com elle litteralmente assombrada : sou eu. Preciso ás vezes parar em frente dos espelhos para verificar a minha identidade...

Deixa contar-te como se operou este milagre.

Tu conheces o Affonso Gomes. Sabes que moramos juntos na mesma *republica*. Elle é, desde o primeiro anno, meu companheiro de academia ; tive, portanto occasião de estudal-o demoradamente: é o typo do perfeito egoista.

Tem cuidados infinitos com a sua propria pessoa. O mundo foi creado para elle. Está com 24 annos e parece estar com 60; é calmo, reflectido e ponderado com um velho conselheiro. Mediocre de intelligencia, estudando pouco, ganhou sempre nos exames excellentes approvações, porque sabia captar a confiança e estima dos professores. É raro aquelle cuja familia não visite. Insinua-se. Tem a sciencia da adulação macia e opportuna.

A unica falha neste character de egoista meticulouso é a discreção. Não que elle seja habitualmente fallador : não chegou, porém, a fazer concorrer essa qualidade ao mesmo gráo de apuro em que estão as outras. Como sabe que sou habitualmente reservado, fez-me o seu confidente. Foi assim que, passo a passo, me ia iniciando na historia de um casamento que tencionava fazer.

Tratava-se — é bem de vêr — de moça rica : a Julieta Novaes, filha do posso lente de clinica cirurgica. Moça bonita, sympathica, instruida — não é, todavia, um prodigio de belleza.

O Affonso tinha feito della um estudo minucioso. Sabia que era amoravel, timida, obediente; e estas virtudes agradavam-lhe muito. Conhecia que não lhe inspirára paixão alguma e suspeitava que na inclinação della havia um pouco de obediencia ás suggestões maternas — porque o Affonso, como é facil imaginar, começára por conquistar as boas graças da velha... Quanto á instrucção, ella sabia o que sabe entre nós uma « moça instruida » : um pouco de francez, um pouco de geographia, um pouco de historia, muita leitura de romances e poesias. Esta ultima parte dava inquietações ao namorado.

Temperamento secco, absolutamente pratico, não chegava a comprehender que se perdesse tempo na admiração de taes frioleiras. Tinha mesmo um certo receio que esse feitio sentimental da namorada viesse mais tarde a trazer complicações. Não obstante, para agradar-lhe, encontrei-o um dia decorando versos. Era para recital-os. Aprendia « aquella estopada » do mesmo modo que um recruta se

exerceria no manejo de uma carabina : como um meio de ataque.

Mas, além da poesia, havia outra cousa que o incommodava : o espiritismo. A familia do Novaes é toda de espiritistas ferventes. A moça, dado o seu temperamento romantico, a sua magra educação scientifica e, sobretudo, a influencia preponderante do meio domestico, não podia deixar de ser uma crente. Isto irritava o Affonso. Não porque elle seja um catholico orthodoxo ou um materialista convicto. Elle não é nada. Apparenta o que os outros julgam de bom tom e mistura a isto uns vagos restos de crenças de infancia. Sabe, porém, que os « espiritos » têm phantasias, fazem communicações, ás vezes estranhas, ás vezes verdadeiras. Desde que elles, porém, não se prestavam a uma regulamentação muito direitinha, muito medidinha, muito na direcção dos seus interesses de egoista, o Affonso temia-os.

Pensas, porém, que atacou de frente as crendices da namorada? — Pelo contrario! Fingiu adoptal-as. Mais ainda : um dia

communicou-me que estava feito medium.

Era um plano. Tinha visto a influencia sobre a moça das communicações de além-tumulo e resolvêra adoptar aquelle estratagemã, como um futuro meio de dominação conjugal. Ella obedecia religiosamente a certas prescripções que a impressionavam :

— Calcula tu — dizia-me — como mais tarde poderei fazer tudo o que quizer : terei sempre um espirito para me desculpar...

Ha dias, quando estavemos juntos, contou-me :

— « Prêguei uma peça magnifica ao No-vaes ! » — E explicou-me o caso.

Estava disposto a, por esse tempo, pedir a moça em casamento. Quiz no emtanto, por causa das duvidas, verificar por si mesmo si a fortuna do medico era realmente tão solida como se dizia : ha, ás vezes, avaliações phantasticas, hypothecas que ninguem conhece... Convinha examinar de perto tudo isto. Elle arranjou para tal fim meios discretos e segurissimos. Queria compulsar escripturas, vêr — vêr com os seus proprios olhos

— tudo o que o interessava. Foi nesse trabalho, feito com a mais extrema mirucia, que veio accessoriamente a saber o nome exacto, data e logar do nascimento, da morte e do casamento do pae e da mãe do Dr. Novaes. Pensou então em explorar o caso.

Á noite, provocou uma sessão de espiritismo e a proposito de um dialogo, que estabeleceu, achou modo de dar todos aquelles nomes, todas aquellas datas, tudo certo, tudo com firmeza. O « espirito » que estava respondendo era o do pae do Dr. Novaes.

Foi, como podes imaginar, um successo. Alguns dos factos tinham sido esquecidos até pela propria familia: tornou-se preciso verificá-los na occasião. Mas nem esses nem os outros ninguem podia imaginar que o Affonso os conhecesse. A identidade do supposto interlocutor de além-tumulo ficou, portanto, exuberantemente demonstrada.

Assim, porém, que o medium exgottou a sua sciencia, quiz dar por terminada a sessão. Julieta não consentiu. Pediu para fazer

uma pergunta. Qual? Ella disse que a escreveria sem ninguém vêr. Elle passou-lhe um lapis e deu-lhe uma folha arrancada de sua carteira de notas. Estava disposto a responder uma palavra em inglez ou qualquer outra tolice, porque assim se explicaria o facto pela intervenção de um espirito galho-feiro ». Felizmente, com habilidade e disfarce, conseguiu lêr a pergunta : « Quando se decide o meu futuro? » Elle tencionava pedil-a em casamento no dia seguinte. Tomou o ar solemne de quem conversa com os mortos e respondeu ao pé da lettra : « Amanhã. » Julieta ficou admirada. Era um assombro de precisão a indicação espirita, coincidindo, tão maravilhosamente com a intenção que o moço lhe annunciára. A mãe interrogou-a : « Qual foi tua pergunta? » Julieta debruçou-se sobre o collo della, deu-lhe um beijo na bocca e murmurou, risonha : « É segredo, mãe ! »

— « Grande segredo ha de ser ! » replicou a velha senhora, sorrindo. Mas logo accrescentou : « Afinal, tudo que não é o momento

presente constitue sempre um segredo :

Amanhã são acasos da sorte...

Amanhã é a vida ou a morte...

Julietta pediu para fazer ainda uma pergunta. Desta vez, o Affonso só poude vêr o final de uma palavra acabava em « rei ». Devia ser a terminação de um verbo. A pergunta era breve. A idéa de morte acabava de surgir na cõversa. Elle conjecturou o que seria : « Quando morrerrei ? » Tomou um aprumo charlatanesco de extrema seriedade e respondeu : « Com 75 ».

Pareceu-lhe que dando 75 annos de vida, dava bastante. Mas a moça franziu a testa : « Isso não tem sentido » — disse ella. O Affonso viu que tinha errado, mas replicou : « Quem sabe ? » Com receio, porém, de perder o effeito d'aquella sessão estupenda, fez terminar ahi a palestra.

Tudo isto elle me referiu no dia immediato em caminho para a casa do Dr. Novaes. Apesar da sua fleugma habitual, estava um tanto nervoso. Ia fazer o pedido. Explicava-

me mais uma vez que nem elle morria de amores pela Julieta, nem a Julieta por elle. Mas o amor não lhe entrava nos calculos.

— « Ella é docil, obediente, educada na escola do velho Novaes, a quem a mulher attende em tudo, cegamente. É o que serve. Demais, como negocio, a cousa não pôde ser melhor : bom dote á vista e a perspectiva de vir a ficar com toda a clinica do pae ».

E de novo expunha-me o seu ideal de casamento : a mulher reduzida a uma boa arumadeira de casa, a uma simples governante.

Francamente, eu estava com nojo de Affonso. Não protestava — primeiro, porque era inutil; — depois, porque me achava muito fatigado. Passára o dia azafamado, na *New-York*, fazendo um seguro de vida em favor de minha irmã Martha. Meu tio Alfredo, tutor della, já por tres vezes m'o ordenára mostrando-me a conveniencia de uma tal medida, emquanto eu era moço, porque as taxas são tanto menores, quanto menor é a idade do segurador.

Tive, porém, de ser auscultado, apalpado, analysado...; examinaram minha urina; quizeram documentos sobre a vida e morte de meu pae, minha mãe, meus avós... Uma trabalhadeira dos diabos! Sai amoladissimo. Á tarde resolvi passear para distrair-me. O Affonso quiz que fôssemos juntos até á porta do Dr. Novaes; lá elle entraria e eu seguiria. — Fomos.

Justamente, porém, quando chegámos em frente á casa, o velho professor assomava á janella. Com a sua habitual cordialidade, atirou-me lá de cima um convite affectuoso : « Entre, doutor, dê-nos este prazer. »

Que remedio! Entrei. O Affonso disse-me na escada : « Fica um momento e vae-te logo embora, que eu quero despachar hoje este pedido. » — « Foi uma espiga! » respondi eu, contrariado. — Entrámos.

O Dr. Novaes sempre gostára de mim. Fez-me muita festa. Apresentou-me á mulher e á filha como um dos seus alumnos mais distinctos. Agradei, confuso, e ficámos a conversar.

— « Vi-o hoje — disse elle — quando ia saindo da *New-York*. »

— « É exacto; fui lá fazer um seguro de vida. Meu tio Alfredo parece receiar — acrescentei sorrindo — que eu não preste para grande cousa emquanto fôr vivo e quer que ao menos depois de morto sirva para dotar minha irmã... »

— Pois olhe — redarguiu o medico jovialmente — ha de ter bem que esperar. O senhor é de gente que não morre com facilidade. Eu conheci tanto seu pae, como a Snra. sua mãe, ambos, bem velhos. »

— Ambos morreram com 75 annos de idade; ainda hoje, por causa do tal seguro, estive com as certidões. »

— « Então o tio Alfredo não deve fundar grandes esperanças na sua morte; fundal-as á de preferencia na sua vida. O senhor é moço, forte, intelligente; ha de fazer carreira. Verá que, com a mesma justa prudencia de seu tio, estará aos 75 annos mandando seus netos fazerem tambem seguros de vida... »

Nessa occasião o Affonso, talvez recordando a sessão espirita da vespera, interveiu na conversa :

— « Deixe lá que 75 é uma boa conta. Eu não peço mais. »

De facto, com o seu profundo amor á vida, é de crêr que elle não visse razão alguma para em tempo nenhum poder vir a morrer : nem com 75, nem nunca... Mas uma lembrança me acudiu :

— « O doutor fez-me agora pensar que eu posso de facto ser um predestinado dos 75. Por uma coincidencia a que só agora estou attendendo, tanto era esse no seminario onde estudei, como actualmente na matricula da Escola, o meu numero. »

A palestra continuou. Continuou para todos menos para Julieta. A moça pregou-me os olhos em cima com tanta fixidez que parecia querer hypnotisar-me. Fallámos um pouco da academia, muito de litteratura. Ella interveiu afinal. Tinhamos em poesia prediccões eguaes. Demais, como o Affonso me indicára varias vezes os seus poetas favoritos,

procurei por gentileza encarecer-lhe o bom gosto. Por tres vezes, entretanto, tentei sérios esforços para sair. Não houve meio. A moça era a primeira a impedil-o. Vi que o Affonso estava contrariado. Elle, porém, não podia deixar de notar o empenho com 'que eu procurava esquivar-me.

Afinal tivemos ambos de despedir-nos. Pouco antes, Julieta achou occasião de chamar-me á parte e disse-me á queima roupa :

— « Si eu lhe fizer um pedido, o Snr. me attenderá? »

Calculas o que lhe respondi : que ella não fazia pedidos, dava ordens...

— « Não, não é isto que lhe peço », — replicou ella. — « Não quero apenas vagas formulas de cortezia. Quero a certeza certa, a palavra de um cavalheiro que se compromette com uma senhora. Dá? »

A formula pareceu-me muito solemne; mas ella amenisava-a com a intonação da sua voz macia e meiga.

« Porque não? »

« Dou. » : respondi eu.

— « Pois bem. Amanhã é o nosso dia de recepção semanal : dansa-se pouco e conversa-se muito. O Snr virá. Não acreditarei em pretexto algum de excusa. »

— « Nem, inquiri, na minha certidão de obito, si alguém lh'a trouxér? »

Ella teve um sorriso adoravel e, com um tom de plena convicção, objectou : « Disso não tenho medo... Pois o Snr já se esqueceu que só morre aos 75? »

Separámo-nos. O Dr. Novaes repetiu o convite da filha com toda insistencia.

Na rua, o Affonso ia batendo na calçada com a bengala; ia de máo humor, ia furioso, damnado da vida.

Foi uma massada! — exclamou elle. Agóra só depois de amanhã, porque amanhã é o dia da tal recepção. Mostrei-lhe, e elle reconheceu, que eu não tivéra a minima culpa. Mas dahi a um instante voltou-se para mim : « Tu viste, disse-me elle, que a pequena parece ter ficado impressionada

com os 75 annos de teu pae, de tua mãe e do teu seminario? »

Tinha, ao fazer esta pergunta, um tom despeitado e ironico...

Justo despeito!

Julietta ficára de facto impressionada. Tão impressionada que sou hoje seu noivo. Quando, na recepção do dia seguinte, comprehendí a cousa, procurei evital-a. Não foi possivel. Fui conquistado. O pedido do Affonso teve, com assombro geral, a mais categorica recusa.

Imaginas tu qual fôra a sua segunda pergunta na tal sessão de espiritismo? — Depois de ter indagado quando se decidiria o seu futuro e saber que seria no dia immediato, escreveu : « Serei feliz com meu marido? » E o Affonso, que só vira a terminação em « rei » da primeira palavra, respondeu, como em um jogo de disparates, imaginando que ella perguntava com que idade morreria, « Com 75 ». A resposta sem nexo pareceu prophetica, no dia immediato, porque precisamente o namorado não a pediu

em casamento e appareci eu, eu o 75 » : — era o futuro que se decidia, era o 75 prometido para a sua felicidade... O espirito que fallára tinha sido o de seu avô, que dera provas maravilhosas da sua identidade. Podia elle enganar-se? Evidentemente não.

Antes de pedil-a em casamento, expliquei-lhe, todavia, que a resposta não fôra de espirito algum. Conteei-lhe o manejo do ex-namorado, não para compromettel-o, mas para não parecer que tambem o estava explorando. Quiz estar bem com a minha consciencia. Ella achou que o caso era ainda mais prophetico, mais miraculoso : o desejo de illudir fôra o instrumento de castigo do explorador.

A verdade, porém, é que, quando lhe referi isto, já não precisavamos de *espiritos* para nos amarmos. Fazemos mais do que isso: adoramo-nos!

No dia 25, tomo o gráo ás 2 horas e ás 6 espero estar casado... »

REVOLTA

Cinco horas. Tarde de inverno. O sol morria por traz dos montes; um crepusculo tristissimo descia sobre o mar agitado e marulhoso. Devia andar lá fóra — fóra daquelle recinto fechado por montanhas — um vento furioso de sudoéste, empolando as ondas, erguendo-as loucamente, atirando-as de encontro ás penedias em arrancos selvagens de colera. O céu era um crepe cinzento-escuro, onde mal bruxoleavam os derradeiros clarões do dia moribundo. Nuvens passavam : nimbos pesados, galopando no espaço como emissarios de alguma nova funebre e terrivel. Havia ao oriente quasi negro um fuzilar constante de relampagos. Barcos perdidos no

mar immenso áquella hora tragica e sombria deviam tremer ao sacudir das ondas, tangidos brutalmente pelo vendaval. Barcos perdidos, navios de mastros nús, as velas colhidas ao chegar do furacão... quem poderia saber quantas vidas se perderiam por aquella noite lugubre?

Unicos em toda a praia, affrontando o temporal, o Jeronymo e o genro, sentados a um concavo da rocha.

Fallava o Jeronymo.

Aquelle tempo tempestuoso e máo, presagiando infortunios sem conta, desgraças sem nome, lembrára-lhe uma noite identica, muito longe, nos mares da Índia.

..... O navio em qué elle ia, parára em Calcuttá para receber carregamento. Ao chegar de cada porto havia sempre a bordo entre os marinheiros o contentamento doido, a alegria de pisar a terra firme, de espalhar-se pelas tavernas inglezas, bebendo rhum e whisky, de andar abraçado com as mulheres sensuaes de pelle morena e quente. Naquelle dia, porém, o capitão prohibira a descida.

Aportára de manhã, desejava levantar ferro á noite e, como se houvessem embriagado muito no ultimo porto, queria castigal-os assim, garantindo ao mesmo tempo a hora da partida.

A cidade defronte delles alvejava a fachada da casaria branca entre o farfalho melancolico das palmeiras, ciciando de manso no céu azul-claro. Passavam indios na praia, de tangas apenas, o peito nú, os membros nús, fortes e esbeltos. Longe, uma cadeia de montes punha a nota verde-escura das matarias cerradas na limpidez diaphana do firmamento. O sol boiava em pleno céu erguido a pino, fulgurando. Dos barcos no immenso porto, de toda floresta de mastros, branca do velame amarrado em torno — não vinha um só rumor áquella hora vermelha do meio dia. O navio acabára o carregamento. O capitão dormia no seu camarote estufado e commodo. Pendia-lhe das mãos o livro que tomára ao acaso na pequena estante e o charuto posto sobre o rebordo da mesa exhalava docemente um fio

tenuissimo de fumaça. Nisto uma voz aspera soou á porta :

— Licença, capitão?

Os olhos se lhe abriram a meio...

— Entra!

Começava a ouvir-se muito distante o assobio de um vapor sahindo a barra. O marinheiro, o André, um irlandez cabeçudo e mal encarado, transpoz a porta e começou a fallar. Que os companheiros — vinha elle dizer — estavam dispostos a descer, apezar das ordens; sahiam todos, voltavam á noitinha...

O capitão saltou no meio da camara.

Era uma revolta aquillo : elle a domaria. Tinha a face injectada, o olhar terrivel. Apalpou na cinta o revólver e sahiu. A tripulação estava toda reunida em um só lugar, silenciosa e sombria, presentindo alguma cousa de grave.

Viram o capitão chegar, quedaram-se de pé, os olhos baixos, esperando.

— Com que então vocês saem, apezar das minhas ordens?

Houve um silencio. Ninguem se movia. O André respondeu emfim :

— Sahimos. Ha um mez que não descemos a terra... O capitão não quer : nós sahimos...

O commandante teve um aceno de ira, fitando o marinheiro face a face, sem que elle baixasse os olhos. Logo, porém, parecendo acalmar-se, articulou com toda a energia, lentamente :

— Pois bem ; pódem baixar á terra. Mas aquelle que fôr hoje saiba que não volta mais. A embarcação demorar-se-á, mas levará gente nova e escolhida, gente que saiba obedecer. Estamos no porto... ha muitos homens desempregados... Pódem sair... Boa viagem!

E, rodando, voltou ao camarote.

Fez-se o espanto em todas as physionomias. O capitão era homem violento, impulsivo, cheio de explosões. Contavam com ameaças e insultos, com o desencadeamento terrivel da sua colera. A sua fleugma perturbou-os. Sentiram-lhe na calma da voz que a ameaça seria cumprida. E aquillo — abandonar o velho

navio, o velho e bom companheiro — era-lhes uma idéa horrivel, uma idéa insupportavel. Nenhum d'elles estava allì havia menos de dous annos. O André, que era precisamente o mais antigo, trabalhava nelle havia dez. Vira-os chegar a um e um : alguns da Irlanda, alguns da Escossia, outros de Londres, outros de mais longe... E todas estas terras estavam distantes, no outro hemispherio. Quem os levaria lá? Quem os quereria, apontados como rebeldes?

Mães e mulheres, noivas e filhos, chiado gostoso de beijos, chilrear infantil de creanças; tudo isto, tudo isto quem suppriria, naquelle torrão desconhecido e longinquo?

Ficariam. Resolvéram-no dentro em pouco. Arrependiam-se do que tinham feito, a instigações do André. E o André sentia uma re- criminação muda em todos os olhares voltados para elle.

Meia hora depois, o capitão, avisado do que occorria, precipitou a sahida. Às tres horas da tarde o navio, de velas enfunadas, singrava triumphalmente a esteira azul do oce-

ano, em demanda de outro porto. Na tolda então, em frente de todos, o capitão, chamando o André, responsabilizou-o por aquella tentativa de revolta. Teve censuras asperas, quasi insultuosas, severissimas.

O irlandez ouvia-o sem uma só palavra, com a physionomia concentrada e feroz. Mesmo uma lagrima — lagrima de ira impotente — surgiu-lhe aos olhos...

Sua expressão era medonha. O rosto estava demudado. Era tal o seu aspecto, que tornava provavel a accusação que lhe faziam de haver assassinado um companheiro odiado por elle, que desapareceu certa noite, sem que ninguem soubesse o seu fim mysterioso. Dahi até á noite não articulou um som.

O navio ganhou o mar largo, empurrado de pôpa por uma brisa bonançosa e tepida. Pelas dez horas sómente o vento começou a mudar, soprando furioso, ouriçando a crista das ondas, fazendo jogar a embarcação. O capitão passeiava no tombadilho, asserenado pela imminencia do perigo, dando as ordens precisas, a tempo, com decisão e energia.

Andava a passos largos, as mãos cruzadas para traz, attento e vigilante.

De repente, no escuro, alguém, tomando-o brutalmente pela garganta, jogou-o ao chão, calcou-lhe um joelho ao ventre e vibrou-lhe uma facada em pleno peito. O capitão viu sobre os seus — um só segundo — os olhos turvos e injectados do irlandez, e sentindo em um relampago o brilho de uma lamina enterar-se na sua carne, ficou-se morto, morto instantaneamente, varado o coração de um lado ao outro. A faca sahiu, luziu no ar e abateu-se rapidamente sobre o corpo inerte dez vezes ainda, dez vezes a fio, com uma furia indizível.

* Saciado, o irlandez ergueu-se. Verificou que o inimigo estava bem morto e, sem perda de tempo, amarrou solidamente pelo pescoço o cadaver esfaqueado. Amarrou-o á ponta de uma corda fina e resistente e, armando a outra extremidade em nó corredio, mettu nelle ambos os pulsos. Depois, ajudando-se com os pés e os dentes, apertou fortemente. A morte depois daquelle crime era-lhé inevitavel. Si tinha de morrer, não esperava pelo carrasco,

não queria pendurar-se á força da lei ingleza, queria morrer no mar, o largo mar que elle amava, a sua unica affeição. E, como temia, nos arrancos do instincto de conservação, conseguisse nadar e ser salvo, quiz prender aos braços aquelle peso, que seria como a bala atada, aos pés dos que morrem a bordo. O corpo do commandante pendia-lhe agora das mãos juntas, amarrado á mesma corda. Impedil-o-ia de nadar, tolhendo-lhe os pulsos. Seria um cadaver assassino, matando quem o matara.

O irlandez olhou o mar encapellado. Estava junto á amurada. Tomou um vigoroso impulso e saltou fóra da embaração. O corpo do capitão, puxado rapidamente pelo pescoço, bateu com violencia na amurada, levantou-se hirto, de pernas para o alto, e cahiu tambem no oceano.

Na noite tragica, victima e assassino sumiram-se no mar e na treva. A orbita rubra do pharol de prôa listava de sangue o dorso das vagas... O vento passava, mugindo furiosamente...

A CONFISSÃO

A Delgado de Carvalho.

Na aldeia, a nota imprevista d'aquella noite de Natal estava na circumstancia de passar a egreja ao novo parochio. O vigario, que servira até então, disséra pela manhã a ultima missa, acolytado pelo successor — successor que era seu afilhado. A este já caberia rezar o officio da noite.

O velho exalçára de tal modo o merecimento do moço padre, que esperavam maravilhas do seu sermão. Demais, não havia por alli quem não tivesse conhecido o Joãosinho, antes de ir para o Seminario, quem o não houvesse visto cada vez que elle viéra durante as fêrias visitar seus paes.

Por sua vez, os paes gozavam da maior estima no lugar. Lavradores, tinham alguns alqueiões de terra, cuja cultura bastava para lhes provêr a todas as necessidades da vida, permitindo ainda pôr de parte algumas economias.

O homem, o João Carneiro, era robusto e simples : alto, corpulento, de mansos olhos negros cheios de bondade, barba grande e sedosa caída sobre o largo peito.

A mulher era baixa, delicada, franzina. Quando moça, devia tersido de grande belleza. Mesmo agora, perto dos cincoenta annos, conservava uma physionomia extremamente sympathica. Nunca tirára vaidade da sua formosura. Vivia em casa, recatada e modesta. Fazia gosto vê-la todo o dia, e ve e risonha, diligente e silenciosa, arrumando, dispondo, ordenando. Andava com passos macios e rapidos, sem fazer ruido. Sabia mandar com doçura e energia : não tinha gritos de colera e máo humor. Sentia-se que todo o escrupuloso asseio, todo o conforto d'aquella casa provinham da sua acti-

vidade discreta e incançavel. E havia uma nota de estima quasi paternal no amor que lhe consagrava o marido. Aquella fragil mulherzinha, tão laboriosa e tão meiga, fazia-lhe a vida calma e suave. Junto della, elle parecia um gigante — um bom gigante amoroso e jovial.

A par disso, era um homem de honra em toda a extensão da palavra. Certa vez, compulsando papeis velhos, encontrou umas notas do avô : confessava que habilmente, em varias occasiões elle tinha ido recuando os marcos das suas terras, de fôrma a entrar pelas dos vizinhos. Havia assim varios alqueires que tinham sido furtados. Hoje a posse estava legalisada. João Carneiro foi ter com os vizinhos. Referiu-lhes sem uma hesitação o que viêra a saber e passou-lhes o que lhes devia pertencer. Nesse rasgo de honradez, foi-se uma boa parte dos seus rendimentos. As terras que restituira eram das mais ferteis e bem plantadas; faziam a inveja de toda a aldeia.

Si até então o velho já gozava da estima

geral; dahi por deante a estima passou a ser uma admiração profunda. Tal sentimento era o do filho. O pae não fôra jamais homem de grandes familiaridades. Gostava immensamente d'elle, mas não tirava á sua affeição uma certa nota de austeridade, propria do seu character.

Para compensar, o Joãosinho tinha a ternura materna, cheia de effusões. Era « á sua velha » que escrevia, habitualmente, do Seminario. Contava-lhe seus desalentos, suas esperanças; abria-lhe o coração. Tinha feito della a confidente mais intima para a qual não guardava segredos. E nas cartas referia-se sempre ao pae, com uma veneração suprema. Como os fieis, que, não se julgando bastante dignos para recorrerem a Deus, dirigem-se a elle por intermedio dos santos — por intermedio d'aquelle amor de mãe, mais accessivel, elle chegava até ao pae. Não que este lhe infundisse temor : o que tinha era sómente um respeito profundo, quasi religioso, por aquelle velho bom, simples, austero e honradissimo. Sentia-se compene-

trado de um orgulho intimo quando os extranhos viam os dois sair pelas ruas — elle e o pae — e não havia cabeça que se não descobrisse diante d'aquelle nobre velho, com uma expressão de alegria e deferencia. Crianças, ao vêrem-no passar, vinham beijar-lhe a mão. E para cada uma elle tinha uma expressão de carinho, uma palavra de agrado. Quantos — dos mais velhos, dos mais orgulhosos — não vinham muitas vezes pedir-lhe conselhos, recorrer á sua intervenção, como si fosse um confessor leigo. Sabiam-no reservado e leal, incapaz de trair um segredo alheio, mas capaz, ao contrario, de empenhar-se incançavelmente para achar remedio ás maguas, ás discordias extranhas. — E, assim, de quanta cousa triste não sabia elle!

O vigario, seu grande amigo, companheiro de visita de todos os dias, lhe dizia, ás vezes, gracejando: « Você, compadre, confessa mais gente do que eu! » E talvez não fosse muito inexacto, porque o seu sorriso bondoso attraía as confidencias. Sentia-se que, dentro da honra mais escrupulosa, elle possuia the-

souros infinitos de generosidade e clemencia. E, com suavidade e firmeza, sabia chamar para o caminho do Bem as almas transviadas.

Jamais orgulho de filho fôra tão justo! Nunca, porém, pae algum amou tanto seu filho!

N'aquelle dia, vespera do Natal, o antigo parochó, despedindo-se das suas funcções, fôra para a matriz ouvir de confissão todos os que ahi o esperavam : eram, sobretudo, os velhos, que, apesar de suas crenças, sentiam que por algum tempo teriam ainda escrupulo em ajoelhar-se aos pés de um confessor de vinte e cinco annos.

João Carneiro foi tambem. Na porta da igreja alguem lhe perguntou si viéra confessar-se ao vigario. Respondeu que não, que ia recorrer ao filho. « Ao vigario, accrescentou sorrindo, nem eu já tenho o que dizer! »

O novo padre teve que submeter-se. Elle lhe fez então uma confissão ampla, completa, inteira, de toda a sua vida. Queria que aquelle padre que lhe devia a existencia, soubesse

perfeitamente tudo o que havia na sua vida, de bem e de mal. Abriu aos olhos do sacerdote o seu coração humilde, cheio de pureza e contricção. O filho, ao absolvê-lo, tinha os olhos rasos de lagrimas; mas no intimo da sua alma havia um jubilo intraduzivel. Não fosse a sobrepeliz, a estola rôxa, toda a dignidade do seu papel — e seria elle, de joelhos, quem beijaria as mãos honradas d'aquelle velho honesto, puro e bom — que era seu pae, que era o seu orgulho!

O vigario, ao sair do templo, estava excessivamente fatigado :

— Foi uma imprudência, compadre : ouvi de confissão mais de trinta pessoas... Não estou bom...

E ia entre o afilhado e o compadre, visivelmente enfermo, quasi carregado pelos braços dos dois. Chegando a casa, não quiz que nenhum ficasse. Aquillo, dizia elle, era canção : com um bom somno tudo passaria. O velho João Carneiro abraçou-o, e o novo parochó beijou-lhe a mão, foi a casa tomar uma ligeira refeição e voltou para a igreja, afim

de dispôr o que fôsse necessario para a cerimonia da noite.

Passavam das oito horas, quando foi chamado a toda a pressa á residencia do padrinho.

Foi. Achou-o muito mal. Tivera uma syncope. Reanimado a custo, estava agora na cama, apoiado a uma alta pilha de travesseiros, offegante, com a respiração anciosa e difficil. Tinha o rosto esverdeado. Um suor frio porejava entre a raiz dos cabellos, pela testa, pelas faces lividas. Vendo o afilhado, tentou sorrir-lhe e disse num esgar doloroso :

— É a morte, João...

— Quem falla nisso, meu padrinho? Daqui a algumas horas, eu o espero vêr na igreja assistindo á minha primeira missa de Natal... Ha de cumprir sua promessa...

Precisamente havia nesse instante uma revoada alegre de sinos, que repicavam. Pela rua, grupos folgazões passavam, de quando em quando, conversando alto. A lua, num crescente fino, derramava pelos caminhos uma claridade enfermça, vaga e debil : mal as sombras se recortavam pelo chão... Pairava

no ar, na indecisão da luz, uma brandura suavíssima. No jardim do vigario grandes jasmineiros do Cabo, floridos, de manchas brancas, manchas indistinctas na escuridão da noite, exhalavam um perfume intenso...

— É a morte. João... — voltou o vigario; — eu não me engano...

No quarto havia apenas um candelabro com duas velas de cêra, posto a um lado da cabeceira. O padre tinha só uma das faces vivamente illuminada : essa estava cada vez mais pallida... A bocca largamente aberta, sorvendo o ar difficilmente, em offegos dolorosos, era uma mancha, uma cova negra, na lividez cadaverica do rosto. Sahia della um estertor, um *han! han!* cançado e arquejante. O peito anciava, erguendo-se e baixando fortemente... Junto á cama, na mesa, estava um copo de remedio : uma poção de agua de flôres de laranjeira.

O moço padre ia ainda dizer algumas phrasas de consolo. O vigario não consentiu :

— Não percas tempo, meu filho... Eu preciso confessar-me.

— Mas, meu padrinho, deixe primeiro mandar buscar alguém que o trate. Eu o ouvirei, si assim quer. Não esteja, porém, tão impressionado : isso lhe faz um mal muito maior do que o seu incommodo, que é cousa passageira...

O vigario, que estava com os braços estendidos sobre o leito, a fio comprido, agitou a mão direita e disse com uma resolução firme :

— Não... não... Ouve-me...

João obedeceu. Foi até a porta fechada e dizer á criada que não deixasse ninguem entrar. Feito isto, a confissão começou.

As palavras saíam entrecortadas. Vinha, ás vezes, entre ellas um arquejo, um ronco cavernoso. Disse primeiro : *Benedic mihi, pater, quia peccavi*. E o padre lhe respondeu com a voz tremula de emoção : *Domine sit in corde tuo et in labiis tuis ut rite confitearis, omnia peccata tua : in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti*. O vigario tinha cruzado as mãos sobre o peito, o doloroso peito cada vez mais anciadó. Murmurou então a formula mais breve dos penitentes : *Confiteor Deo*

omnipotenti et tibi Pater. E começou a enumeração dos peccados.

Veu de longe — de tão longe quanto lhe alcançava a memoria. Quiz fazer uma confissão completa de sua vida inteira, apesar da fraqueza, apesar da molestia, apesar da morte que o podia surprehender. Mas era um esforço supremo para que a morte o encontrasse limpo de culpas, absolvido e puro! Á lembrança dos seus tempos de infancia pareceria acompanhar o *di-lin-dim-dim* dos sinos da matriz, badalando joviaes, si, mais triste, o resfolêgo anciado e rouco, do seu pobre peito não enchesse o quarto... Fallou da sua mocidade, de licitos amores de adolescencia irremissivelmente perdidos... E era como uma ironia que houvesse em tal momento, effluindo por aquelle ambiente abafado, um perfume de flôres de laranjeira, que vinha do remedio inefficaz — inefficaz para evocar memorias de amor, inefficaz para sarar o mal de morte que alli estava...

As phrases da confissão eram curtas, phrases cortadas por longas pausas em que o

doente tomava o ar, em grandes haustos, estertorando ruidosamente... João ouvia-o, de olhos baixos, reprimindo a custo as lagrimas. Fóra continuava o *di-lin-dim-dim* : os sinos, por aquella noite deliciosa de Natal, cárrilho-navam infatigavelmente... Mas um momento houve em que João estremeceu e ficou-se a ouvir com uma attenção extrema : é que o vigario lhe estava confessando que tinha sido durante annos o amante da sua mãe, que talvez fosse, que era de certo seu pae! A confissão saía agora em gaguejos cavernosos : o anseio do peito moribundo era mais precipitado... Parecia ter pressa, pressa de acabar, numa angustia, numa angustia indizível... Das velas espalhava-se uma luz mortiça e avermelhada : os morrões muito altos torciam no espaço espiraes negras. O moço fitou o vigario : fitou-o com uma expressão de espanto. Olhava sem vêr, absorto em scismas intimas. Havia na sua alma um cataclysmo, um desabamento! A mãe, a mulher santa e boa que elle adorava, não passava de uma creatura de traição e hypoçrisia. O

velho, que o tinha por filho — o homem puro, o homem nobre, o homem leal — nada lhe era! N'aquelle dia, em que justamente o vigario e João Carneiro se lhe tinham confessado, elle conhecia bem cada um dos dois : e o confronto entre aquellas duas almas apparecia-lhe terrivel! Seria o nôjo da traição materna, da traição d'aquelle falso amigo, duas vezes falso — á sua fé e á lealdade do coração magnanimo que sempre o estimára — o que o prendia alli, de olhos abertos, fitando a fronte livida do velho? Seria o assombro da revelação? Iam-lhe pela cabeça em febre torvelinhos de pensamentos : fazia-se dentro d'elle o desmoronamento de todos os seus affectos... Via sua mãe degradada e vil... Perdia como pae o mais digno dos homens... Padre, quando saísse dalli, tinha de fingir a ignorancia, de representar hypocritamente uma comedia que se lhe affigurava ignobil. Quanto ao velho que sempre amára como pae, não lhe seria difficil cercal-o do mesmo culto — do mesmo ou de maior, porque a baixaza de todas aquellas vilanias ainda o

elevava mais a seus olhos. Mas um asco insuperavel, um odio indignado subia-lhe impetuoso, do fundo da alma contra sua mãe.

O vigario continuava ainda a confissão; mas moço já não o ouvia nem via, apesar de ter os olhos voltados para seu lado. A testa do velho estava encharcada de um suor de agonia; os morrões fumarentos e avermelhados, a chamma pequenina e incerta mal lhe illuminavam uma das faces; as arcadas dos olhos tinham sombras profundas, pareciam immensas... A bocca era agora um pégo escuro, um buraco cheio de treva; abria-se em espasmos, buscando ar... Já as palavras não saíam : era um balbucio confuso de syllabas tropegas, com a lingua presa, pastosa... De todos aquelles esgares de dôr via-se apenas o lado illuminado : o outro ficava na sombra, era como si já estivesse morto... Vinham dyspnéas horriveis. Via-se então o arquejo desesperado do peito, que se erguia... As mãos, agora descruzadas, batiam ás vezes convulsamente... Quando assuffocações eram fortes, o pescoço inchava, tumefeito, conges-

tionado — e um gesto dos dedos tremulos fazia menção de abrir a gola da camisa para não o apertar. Mas os dedos incertos não tinham força...

Passava de meia-noite. O sino continuava seu toque jubiloso. Na igreja inteiramente cheia, o povo ansioso não sabia a que fosse devida aquella demora extraordinaria. O moço padre continuava absorto, immovel, esquecido do que ia por todo o mundo, alheio mesmo áquelle padre — áquelle padre que era seu pae e que expirava alli junto d'elle, tão só e sem soccorro, como si estivesse abandonado numa estrada deserta!

O velho fez na cama os ultimos movimentos. Veiu uma suffocação terrivel. Os braços acharam força, as mãos ambas entraram arrebatadamente na gola da camisa e romperam o botão, que saltou longe... O corpo, que se retesára em arco, com o peito muito alto no sobrehumano esforço para achar um pouco de ar, abateu-se em cheio na cama, inteiramente inerte... Na sômbra das arcadas muito fundas, empastadas de escuridão,

os olhos tiveram uma convulsão voltando-se para o alto e pararam... Havia sobre elles uma nevoa baça... As mãos foram escorregando por sobre o ventre e caíram... Veiu o silencio, veiu a morte, veiu o frio...

O sineiro, passada a hora da cerimonia, tinha calado lá fora o *di-lin-dim-dim* jovial. Já constára ao povo que o velho parcho estava muito doente. Um sussurro de pessoas, que chegavam, cercava a casa : era um zum-zum de enxame, surdo e confuso. Ninguém, entretanto, se atrevia a bater á porta do quarto... Das velas quasi a expirarem, com os morrões muito altos, saíam longas e espessas columnas vacillantes de fumo preto, cujas sombras dansavam phantasticamente nas paredes... O moço padre, cada vez mais alheio ao que o cercava, tinha posto as mãos nas faces e chorava infantilmente, com grandes soluços, com lagrimas copiosas... O frio da morte invadira de todo o cadaver, sobre o qual não caíra a absolvição que se dá aos agonisantes : *Ego te absolvo ab omuibus censuris et peccatis; in nomine Patris et Filii et*

Spiritus Sancti. O filho daquelle desgraçado, como si tivéra sido por um castigo divino, fôra quem a negára, quem a esquecerá!

O filho! Foi a elle que o infeliz recorreu para que lhe estendesse o braço misericordioso, para que o salvasse das penas eternas, que lhe perdoasse, que o redimisse... Foi a elle; mas foi em vão... Tudo falhou... E agora, como si o inferno estivesse reclamando o réprobo, havia na sua face, contorcida pela ultima suffocação, uma expressão de horror... Um fio negro de sangue estragado corria de uma das ventas para a bocca entreaberta... Uma mosca estonteada veio do alto, andou pela face e pousou afinal bem em cheio sobre aquella serosidade viscosa e esqualida... Ao lado do corpo, o vigario continuava ainda a soluçar, perdido nas suas sarmas dolorosas, abstrahido de quanto o cercava...

O PANTANO

Foi aqui um jardim formosissimo cheio de flôres extranhas e raras; foi um deslumbra-mento de corollas multicôres, a viçarem por toda a parte, luxuriantes de seiva, vibrantes de perfumes.

E as rosas diziam a côr das auroras, a côr da face das donzellas, quando labios de amantes as beijam, a côr rubra da vida dos guerreiros, escapando-se pelas feridas : sangue indifferente do céu, sangue do pudor palpitante e timido, sangue feroz de colera e odio... E os lyrios brancos e as brancas magnolias diziam a côr dos sonhos castos, a pureza das almas impollutas, a alvura alabastrina do seio das virgens mortas — das que passaram pela vida, sem que a vida lhes houvesse

dito o mysterioso segredo da paixão e do goso...

Foi aqui um jardim formosíssimo...

E as campanulas azues — e azues também os myosotis pequeninos — diziam a côr serena dos céus de primavera, a côr dos lagos calmos, onde os cysnes arrufam as plumas de neve, a côr que deviam ter os primeiros devaneios dos adolescentes languidos, já scismando de incertas e mal definidas volupias...

E as flôres da Saudade, as saudade roxas e negras, as violetas balsamicas e tristes, diziam também a amargura dos *adeuses*, o outomno dos corações, a viuvez melancolica das almas...

Foi aqui um jardim formosíssimo, cheio de flôres extranhas e raras...

E para exprimir o segredo das almas delicadas e frageis, que o menor desengano descolora e murcha, havia a nitidez lactescente das camelias... Para lembrar as almas complicadas e extranhas, torturadas pela inquisição da analyse intima, cheia de sentimen-

tos bizarros e extravagantes, havia a legião de orchidéas preciosas, maculadas de todas as côres, semelhando pelles de tigres e de serpentes, affectando formas insolitas, recordadas, caprichosas... E figurando as almas prostitutas, que attrahem as outras para envenenal-as e polluíl-as, em segredos de não sabidas luxurias, havia, effluindo no ar, o aroma perfido e venenoso de tuberosas esplendidas...

Foi aqui um jardim formosíssimo, cheio de flôres extranhas e raras, foi um deslumbramento de corollas multicôres...

E por sobre todas ellas, dois renques de palmeiras faziam tremer no ar as grandes palmas verdes, onde o vento sussurrava, com um murmurio religioso e vago, com um tom de queixa e de prece... Os estipes verdes apontavam para o azul. Vinha d'aquelle voz perdida no espaço, d'aquelle monotono rumorejar de folhas lá tão no alto, um sentimento mystico e suave, que elevava os olhos e os corações, arrancando-os da attenção da terra para attráhil-os ao céu...

E, assim, houve aqui tudo o que faz viver: houve os sonhos mais castos e os sonhos mais luxuriosos e impudicos, os anhelos altivos de gloria e de amor, os sonhos crepusculares e mansos da saudade, a elevação suprema das almas para Deus, para o Céu, para os intangíveis mysterios com que as religiões acalentam as nossas máguas...

Foi aqui um jardim formosíssimo, cheio de flôres extranhas e raras, foi um deslumbramento de corollas multicôres, a viçarem por toda a parte, luxuriantes de seiva, vibrantes de perfumes...

Hoje é um pantano de aguas estagnadas e verdes... As flôres, não houve quem cuidasse d'ellas. Foram-se as rosas; foram-se os lyrios e as magnolias côr de neve; foram-se as campanulas e os myosotis azues — e as saudades tambem — e tambem as violetas... Morreu a brancura immaculada das camelias finas, a flora exotica das orchidéas, a efflorescencia capitosa e envenenadora das tuberosas magnificas... Tudo morreu !

A agua das chuvas diluiu os canteiros, empoçou, fez-se lago, fez-se pantano:..

Havia perfumes... Ha agora miasmas...

D'antes os passaros vinham cantar nos ramos verdes dos arbustos; os beija-flôres, de cális em cális, andavam a provocar a garridíce namoradeira das corollas viçosas. Hoje, no paúl verde e sombrio, por toda orchestra, coaxam os sapos á noite...

Das palmeiras de outr'ora só resta uma. As outras, roidas no sopé pela vasa impura, apodreceram e cahiram... Da que ficou as palmas todas já se desprenderam e, seccas, boiam meio enterradas no lôdo, sobre o marvel... Apenas o estipe verde aponta ainda para o azul, para o eterno azul indifferente... — Mas esse mesmo ha de cahir!

O pantano será então como as almas, que já tiveram fé e crenças e illusões, mas hoje distillam os miasmas do Desengano, molestando os corações que se approximam d'ellas; será como as almas onde só as saudades e

os remorsos coaxam lugubrememente e que até a crença em Deus — estipe verde de palmeira a erguer-se para os céus — até essa já perderam...

1891.

FIM

INDICE

Mãe tapuia	1
Noivados tragicos	7
Bis in idem	35
Tic-tac	47
O p̄esente de vovô	61
Psychologia da infidelidade	73
Bichaninha	83
Como se escreve a historia.	95
O homem que morreu .	113
As calças do Raposo .	139
Palestra a horas mortas	157
A escada	173
Nota dissonante .	197
No silencio	207
Noivas	217
O general .	225
75.	237
Revolta .	253
A confissão	263
O pantano.	281



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).